

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

PERCEPÇÃO DE VOZES MASCULINAS
Efeitos da concordância nominal, da duração de /-s/, da
frequência fundamental e de atitudes sobre
masculinidades

ISABEL PIE

Versão Corrigida

SÃO PAULO
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

PERCEPÇÃO DE VOZES MASCULINAS
Efeitos da concordância nominal, da duração de /-s/, da
frequência fundamental e de atitudes sobre
masculinidades

ISABEL PIE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Versão Corrigida

SÃO PAULO
2023



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Isabel Pie

Data da defesa: 02/06/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Ronald Beline Mendes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 31/07/2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P613p Pie, Isabel
Percepção de vozes masculinas: Efeitos da concordância nominal, da duração de /-s/, da frequência fundamental e de atitudes sobre masculinidades / Isabel Pie; orientador Ronald Beline Mendes - São Paulo, 2023.
102 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Sociolinguística. 2. Gênero. 3. Sexualidade. I. Mendes, Ronald Beline, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (FFLCH-USP)
Presidente

Prof^a Dr^a Livia Oushiro (UNICAMP)
Membro titular

Prof^a Dr^a Elisa Battisti (UFRGS)
Membro titular

Prof. Dr. Marcus Garcia de Sene (Centro Universitário Newton Paiva)
Membro titular

Prof^a Dr^a Evani Viotti (FFLCH-USP)
Membro suplente

Prof. Dr. Wendel Silva de Santos (UFMA)
Membro suplente

Dr. Samuel Gomes de Oliveira
Membro suplente

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Ronald Beline Mendes, por ter me apresentado à Sociolinguística Variacionista em 2017 e me acolhido em seu grupo de estudos, o GESOL, em 2018. Agradeço por ter acreditado em meu potencial como pesquisadora quando nem eu mesma acreditava e ter me dito que sim, aceitaria ser meu orientador, com grande prazer. Agradeço imensamente por sua orientação, seu apoio, seus conselhos e sua paciência.

À minha mãe Sílvia, que além de ser minha maior companheira, é o maior exemplo de mulher forte e autônoma que tenho em minha vida. Agradeço por sempre respeitar minhas escolhas, por mais estranhas que possam parecer em um primeiro momento. Agradeço também por seu amor, carinho e apoio incondicionais, sobretudo durante os últimos anos, que foram especialmente desafiadores. Agradeço, por fim, por suas leituras e sugestões a respeito do Capítulo 2 desta dissertação.

Ao meu pai Carlos, por ter sido o primeiro exemplo de pesquisador e acadêmico que tive em minha vida e por sempre ter procurado estimular esse meu lado. Agradeço por seu apoio, amor, carinho e conselhos sobre a vida acadêmica. Também agradeço à minha madrasta Fabi e à minha pequena (mas já não tão pequena) irmã Ana por seu amor e carinho.

Ao querido Iago, pelo amor, companheirismo e carinho cotidiano. Por ser, mesmo sem ter nenhuma obrigação a respeito disso, a pessoa que mais entende sobre esta pesquisa, além de mim e do Prof. Ronald. Agradeço por todo o apoio durante o processo de escrita desta dissertação, por sempre se esforçar ao máximo para me tranquilizar nos momentos de crise e, acima de tudo, por acreditar em mim e me lembrar de que eu era capaz. Também agradeço pela sua ajuda com o R, nos momentos de desespero, muitas vezes em plena madrugada.

Às minhas famílias materna e paterna, pelo amor e por respeitarem o caminho que decidi seguir. Agradeço especialmente à tia Claudia, ao tio Tutu e ao Noel, por terem me acolhido em sua casa durante o período em que escrevia meu relatório de qualificação, um dos momentos mais conturbados da minha vida. Também agradeço à minha família por sua presença na minha banca de Defesa, que foi um momento de singular importância para mim.

Ao meu amigo Vinícius, pelos papos sobre ciência e por sempre me mandar

memes engraçados, que tornam meu dia mais leve.

Às Profas. Dras. Esmeralda Vailati Negrão e Paula Martins de Souza, por terem me apresentado ao PLEA durante o meu primeiro semestre de mestrado e por me permitirem a grande oportunidade de ser monitora PLEA em 2020 e 2021 — algo que me fez aprender muito. Agradeço especialmente à Prof^a Paula também pela grande ajuda no processo de escrita do meu primeiro artigo e, acima de tudo, por ter me ajudado a acreditar que ele merecia ser publicado. Se não fosse por seu apoio, esse artigo estaria engavetado há anos, acumulando pó.

Às Profas. Dras. Evani Viotti e Livia Oushiro pelas sugestões e apontamentos valiosos feitos em meu exame de qualificação. À Prof^a Livia também agradeço pelos conselhos e opiniões dados nos encontros de Sociolinguistas e enquanto eu fazia sua disciplina como aluna especial na Unicamp.

Aos Profs. Drs. Elisa Battisti, Marcus Sene e Livia Oushiro, pelas valiosíssimas discussões levantadas em minha banca de Defesa. Também agradeço aos Profs. Drs. Evani Viotti, Wendel Santos e Samuel Oliveira, por terem aceitado participar da banca como membros suplentes. Agradeço aos Profs. Lívia, Elisa e Samuel também pelo compartilhamento de observações e sugestões específicas, feitas diretamente sobre o texto, que muito contribuíram para a elaboração da versão final desta dissertação.

Aos membros do GESOL Amanda, Monique, Aline e Vagner e aos ex-membros Wendel, Maria Eugênia, Luigi e Germano. Sempre dissemos que somos o melhor grupo de estudos e, modéstia à parte, acho que estamos certos. Agradeço a companhia, as piadas, o apoio e os conselhos de todos, que certamente fazem com que a pós-graduação seja muito mais acolhedora.

Ao colega Rodrigo, pela ajuda com o \LaTeX . Garanto que esta dissertação estaria muito mal diagramada se não fosse pela sua ajuda.

A todos aqueles que responderam meu experimento de percepção e que me ajudaram a divulgá-lo, por tornar esta pesquisa possível.

A todos os docentes do Departamento de Linguística da FFLCH, que garantiram que eu tivesse uma formação de excelência em Linguística.

Ao CNPq, que financiou esta pesquisa.

À FFLCH, por ser minha segunda casa desde 2014 e por ter me ajudado a descobrir o caminho que quero seguir.

E por fim, mas não menos importante, à educação pública brasileira de qualidade, que me trouxe até aqui e que, espero, me levará ainda mais longe.

Resumo

Esta dissertação tem o objetivo de investigar os efeitos combinatórios das variáveis linguísticas duração de /-s/ em coda (-s), concordância nominal de número (CN) e frequência fundamental média (F_0) sobre a percepção sociolinguística de vozes masculinas, sobretudo no tocante a gênero e sexualidade. Também é de interesse para esta pesquisa verificar como as atitudes do ouvinte acerca do tema da homossexualidade masculina podem se correlacionar às suas percepções sociolinguísticas no campo do gênero e da sexualidade. Esta pesquisa se baseia nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, sobretudo aqueles da terceira onda de estudos sociolinguísticos (ECKERT, 2008, 2012, 2016; CAMPBELL-KIBLER, 2009, *inter alia*) e na proposta dos teóricos *Queer* (PARKER et al., 1995; BUTLER, 1999, 2003, 2004; SEDGWICK, 2007, *inter alia*) sobre performatividade. Ademais, toma a teoria interseccional (HOOKS, 1981; CRENSHAW, 1989, 2002; HANCOCK, 2007a, 2007b, *inter alia*) como ferramenta de análise sociolinguística, seguindo assim a proposta de Levon (2015). Também se baseia fortemente na metodologia e no resultados dos trabalhos em percepção sociolinguística conduzidos por Levon (2014), Mendes (2018) e Sene (2022). Para atingir seus objetivos, esta pesquisa propõe um experimento de percepção sociolinguística que utiliza a técnica *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2005, 2009, *inter alia*). O experimento utiliza as vozes de quatro falantes e combina duas variantes de cada uma das variáveis linguísticas em foco: /-s/ com duração original e /-s/ com duração aumentada, para (-s); concordância nominal padrão e não padrão, para (CN); e F_0 original e com aumento de 30 Hz, para (F_0). Além disso, o experimento inclui um Questionário de Atitudes (Q.A.) baseado na escala de Gato, Fontaine e Carneiro (2012), que objetiva aferir as atitudes dos participantes acerca do tema da homossexualidade masculina. O experimento foi aplicado de maneira *on-line* e foram obtidas respostas de 204 pessoas. As análises de regressão feitas no R (R CORE TEAM, 2023) mostram que as variáveis (-s) e (F_0) têm efeito geral sobre as percepções do ouvinte, de forma que os falantes soam mais gay/efeminados em seus *guises* em /-s/ com duração aumentada e F_0 acrescida de 30 Hz. A variável (CN) não teve efeito global sobre as respostas e tampouco houve qualquer interação estatística entre as três variáveis estudadas. Além disso, o Q.A. demonstra estar correlacionado às respostas apenas em casos muito

restritos, que dizem respeito ao efeito da variável (CN). Também foram elaboradas árvores de distâncias mínimas para representar o campo indicial das variáveis em foco, seguindo a proposta de Oushiro (2015, 2019). Em geral, os resultados reafirmam a natureza emergente da significação sociolinguística e oferecem evidências empíricas de que os significados sociais das formas linguísticas são condicionados por uma série de fatores contextuais, que incluem as características do ouvinte, a combinação entre as variantes sociolinguísticas e o efeito de estereótipos sociais.

Palavras-chave: Percepção sociolinguística. Gênero. Sexualidade. Técnica *matched-guise*.

Abstract

This master's thesis aims to investigate the combinatorial effects of the linguistic variables duration of /s/ in coda position (-s), nominal number agreement (CN) and mean pitch (F_0) on sociolinguistic perception of male voices, especially with regard to gender and sexuality. It is also of interest to verify how the listener's attitudes about the theme of male homosexuality can correlate with their sociolinguistic perceptions in the field of gender and sexuality. This research is based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, especially those of the third wave of sociolinguistic studies (ECKERT, 2008, 2012, 2016; CAMPBELL-KIBLER, 2009, *inter alia*) and on the proposal of Queer theorists (PARKER et al., 1995; BUTLER, 1999, 2003, 2004; SEDGWICK, 2007, *inter alia*) about performativity. Besides, it takes the intersectionality theory (HOOKS, 1981; CRENSHAW, 1989, 2002; HANCOCK, 2007a, 2007b, *inter alia*) as a sociolinguistic analysis tool, thus following the proposal of Levon (2015). Also, it relies heavily on the methodology and results of work on sociolinguistic perception conducted by Levon (2014), Mendes (2018) and Sene (2022). To achieve its objectives, this research proposes a sociolinguistic perception experiment which uses the matched-guise technique (LAMBERT et al., 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2005, 2009, *inter alia*). The experiment uses the voices of four speakers and combines two variants of each of the linguistic variables in focus: /-s/ with original duration and /-s/ with increased duration, for (-s); standard and non-standard noun agreement, for (CN); and original pitch and pitch increased by 30 Hz, for (F_0). In addition, the experiment includes an Attitude Questionnaire (Q.A.) based on the scale constructed by Gato, Fontaine e Carneiro (2012), which aims to assess the participants' attitudes on the subject of male homosexuality. The experiment was applied online and responses were obtained from 204 participants. The regression analysis performed by R (R CORE TEAM, 2023) show that the variables (-s) and (F_0) have an effect on listener perceptions, such that speakers sound more gay/effeminate in their guises with increased /-s/ duration and F_0 increased by 30 Hz. The linguistic variable (CN) had no overall effect on the responses, nor was there any statistical interaction between the three variables being studied. In addition, the Q.A. proves to be correlated with responses only in very restricted cases, which are related to the effects of (CN). Minimum

Spanning Trees were also created to represent the indexical field of the focused variables, following the proposal of Oushiro (2015, 2019). In general, the results reaffirm the emergent nature of sociolinguistic meaning and provide empirical evidence for the fact that the social meanings of linguistic forms are conditioned by a series of contextual factors, which include the listener's characteristics, the combination between sociolinguistic variants and the effect of social stereotypes.

Key-words: Sociolinguistic perception. Gender. Sexuality. Matched-guise technique.

Sumário

Agradecimentos	vi
Resumo	viii
Abstract	x
1 Introdução	1
1.1 Contextualização Teórica	2
1.1.1 Variáveis linguísticas em foco	5
1.2 Hipóteses e métodos	7
1.2.1 A técnica <i>matched-guise</i>	7
1.2.2 Questionário de Atitudes	8
1.2.3 Recorte e análise dos dados	9
1.3 Objetivos e Justificativa	10
2 Revisão bibliográfica	11
2.1 As três ondas da Sociolinguística	11
2.2 A teoria <i>Queer</i> e seus efeitos sobre os estudos sociolinguísticos	13
2.3 A interseccionalidade e seu uso como ferramenta de análise sociolinguística	16
2.4 Estudos de percepção sociolinguística voltados a gênero e se- xualidade	20
3 Planejamento e execução	31
3.1 Seleção e manipulação de estímulos linguísticos	31
3.2 Elaboração do questionário sociolinguístico	35
3.3 Elaboração do Questionário de Atitudes	36
3.4 Execução	38
3.4.1 Perfil dos participantes	40

4	Análise dos resultados	45
4.1	Análise de Componentes Principais	45
4.1.1	CP1: Gênero/Sexualidade	47
4.1.2	CP2: Agradabilidade	62
4.1.3	CP3: <i>Status</i>	62
4.2	Representação de campos indiciais	65
4.3	Síntese	76
5	Conclusão	81
	Referências	86
	Anexos	93
A	<i>Male Roles Attitudes Survey</i>	93
B	Instruções Iniciais	93
C	Questionário Sociolinguístico	94
D	Perguntas de natureza demográfica-social	96
E	ACPs separadas de acordo com índice Q.A.	98
F	Outros modelos de regressão	100
G	Exemplo de modelo de campo indicial	102

Lista de Tabelas

3.1	Estímulos linguísticos selecionados com destaque aos trechos manipulados quanto a (CN), em negrito, e (-s), em sublinhas.	32
3.2	Duração, em segundos, e F_0 média original, em Hz, dos trechos selecionados para cada falante.	33
3.3	Duração mínima, média e máxima das ocorrências de /-s/ originais e manipuladas, em milissegundos.	33
3.4	Composição dos <i>guises</i>	34
3.5	Composição de cada conjunto de áudio ouvido no experimento, de acordo com o <i>guise</i> de cada falante.	34
3.6	Afirmações do Q.A. e fatores do preconceito associados a cada uma.	38
3.7	Quantidade de participantes de acordo com seu gênero e valores percentuais correspondentes.	40
3.8	Quantidade de participantes de acordo com sua escolaridade e valores percentuais correspondentes.	40
3.9	Quantidade de participantes de acordo com sua orientação sexual e valores percentuais correspondentes.	41
3.10	Quantidade de participantes de acordo com seu local de nascimento e valores percentuais correspondentes.	42
3.11	Quantidade de participantes de acordo com sua resposta à pergunta “você tem amigos LGBT?” e valores percentuais correspondentes.	42
4.1	Correlações entre as respostas nas seis escalas (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax).	47
4.2	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante em interação com a variável (-s).	49
4.3	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante em interação com a variável (CN).	51
4.4	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante em interação com a variável (F_0 média).	53

4.5	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: 3 variáveis linguísticas em interação.	54
4.6	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante e variáveis linguísticas em interação com índice Q.A.	55
4.7	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Carlos.	56
4.8	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Jaime.	57
4.9	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Robson.	58
4.10	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Lucas.	59
4.11	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: variável (-s) em interação com as características do ouvinte (apenas as interações significativas foram reportadas).	61
4.12	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP3: interação entre o falante e a variável (CN).	64
4.13	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP3: interação entre o falante e a variável (F_0).	65
1	Correlações entre as respostas nas seis escalas para os ouvintes que obtiveram índice Q.A. menor ou igual a 1,5 (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax).	98
2	Correlações entre as respostas nas seis escalas para os ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5 (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax).	99
3	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: variável (CN) em interação com as características do ouvinte (apenas as interações significativas foram reportadas).	100
4	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: variável (F_0) em interação com as características do ouvinte (apenas as interações significativas foram reportadas).	100

5	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP2: variável (-s) em interação com o falante.	101
6	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP2: variável (CN) em interação com o falante.	101
7	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP2: variável (F_0) em interação com o falante.	101
8	Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP3: variável (-s) em interação com o falante.	102

Lista de Figuras

3.1	Histograma dos valores de frequência correspondentes às idades dos participantes. A linha tracejada preta marca a mediana (38 anos).	43
3.2	Histograma dos valores de frequência correspondentes aos índices obtidos pelos ouvintes no Q.A. A linha tracejada preta marca a mediana (1,37) e a linha tracejada cinza marca o valor de 1,5.	44
4.1	<i>Scree plot</i> gerado pela ACP das respostas.	46
4.2	Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP1 de acordo com a variável (-s).	49
4.3	Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP1 de acordo com a variável (CN).	51
4.4	Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP1 de acordo com a variável (F_0 média).	52
4.5	Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP3 de acordo com a variável (CN).	63
4.6	Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP3 de acordo com a variável (F_0).	65
4.7	Árvore de distâncias mínimas para variável (-s).	68
4.8	Árvore de distâncias mínimas para variável (CN).	69
4.9	Árvore de distâncias mínimas para variável (F_0).	70
4.10	Árvore de distâncias mínimas dos dados gerais.	72
4.11	Árvore de distâncias mínimas para respostas dadas por ouvintes com índice Q.A. menor ou igual 1,5.	74
4.12	Árvore de distâncias mínimas para respostas dadas por ouvintes com índice Q.A. maior do que 1,5.	75
1	<i>Scree plot</i> gerado pela ACP das respostas dadas por ouvintes que obtiveram índice Q.A. menor ou igual a 1,5. O gráfico indica que as seis escalas podem ser reduzidas a três CPs.	98

2	<i>Scree plot</i> gerado pela ACP das respostas dadas por ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5. O gráfico indica que as seis escalas podem ser reduzidas a três CPs.	99
3	Campo indicial de (ING). (ECKERT, 2008 apud OUSHIRO, 2015, p. 310)	102

1

Introdução

O principal problema investigativo ao qual esta pesquisa se reporta é: em que medida as variáveis linguísticas concordância nominal (doravante (CN)), duração de /-s/ em coda silábica (-s) e frequência fundamental média (F_0) afetam a percepção de que um homem soa mais ou menos efeminado ou mais ou menos gay aos seus ouvintes? Em outras palavras: teriam essas variáveis, quando combinadas, efeito na percepção sociolinguística de gênero e sexualidade? Tal problemática se insere no estudo da construção sociolinguística acerca daquilo que soa mais ou menos masculino na voz de um homem – tópico já explorado em uma série de estudos de percepção sociolinguística (p. ex. GAUDIO, 1994; SMYTH; JACOBS; ROGERS, 2003; SMYTH; ROGERS, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2011; LEVON, 2014; MENDES, 2018; SENE, 2022). A partir desse problema geral, a presente pesquisa se propõe a investigar como as três variáveis sociolinguísticas mencionadas se correlacionam a percepções de significados sociais ligados a gênero e sexualidade, quando ouvintes são expostos a estímulos auditivos compostos de vozes masculinas. Além disso, é também interesse desta pesquisa verificar como as atitudes de ouvintes diante da questão da homossexualidade masculina podem se relacionar à sua percepção sociolinguística. Tal interesse é baseado nas evidências, levantadas pelo estudo de Levon (2014), de que as atitudes dos ouvintes acerca da concepção estereotípica e normativa da divisão de papéis de gêneros sociais binários se correlacionam à sua percepção sociolinguística.

Este capítulo introdutório faz uma contextualização teórica inicial acerca do problema investigativo desta pesquisa: a influência de variáveis linguísticas em percepções de gênero e sexualidade. Em seguida, são expostas e brevemente discutidas as variáveis linguísticas que são aqui estudadas. Depois, expõem-se as hipóteses que guiam esta pesquisa, bem como os métodos adotados para testá-las, de forma que se possa encaminhar uma resposta à problemática em foco. Por fim, são delineados os objetivos desta pesquisa, além de ressaltadas as justificativas acadêmicas e sociais para esta investigação.

1.1 Contextualização Teórica

O estudo do significado social das formas linguísticas no campo da Sociolinguística Variacionista foi inaugurado por William Labov em seu trabalho seminal, realizado em Martha's Vineyard (LABOV, 1963). Tal trabalho é tomado, juntamente ao seu estudo sobre o inglês falado em Nova York (LABOV, 2006 [1966]), como obras fundadoras da Sociolinguística Variacionista. No entanto, durante as primeiras décadas de estudos variacionistas, a questão da significação social da variação linguística, norteadora do primeiro estudo laboviano, foi cedendo espaço ao tema da mudança linguística (ECKERT, 2012, 2016; MENDES, 2017), já a partir de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Com isso, o interesse pelas atitudes dos falantes na construção de significados sociais não teve presença marcante nos estudos variacionistas realizados entre os anos 1970 e 2000, diante da força e replicabilidade de uma abordagem baseada em macrocategorias sociais abstratas entendidas, ora explícita ora implicitamente, como fixas, tais como sexo/gênero, faixa etária, etnia e classe social (MENDES, 2017). Numerosos e profícuos estudos se desenvolveram e continuam a ser desenvolvidos nessa linha. Entre eles, podem ser citados os trabalhos de Trudgill (1973) e Macauley (1977) em língua inglesa, os de Scherre (1978, 1988), Naro (1981), Callou (1999), Bisol, Menon e Tasca (2008) e Oushiro (2015) em língua portuguesa, além dos de Cedergren (1973) e Modaressi (1978), realizados no Panamá e no Irã, respectivamente.

Recentemente, no entanto, trabalhos que se incluem nas chamadas “segunda” e “terceira onda” de estudos sociolinguísticos têm representado aquilo que Eckert (2012, 2016) descreve como “uma volta ao significado social da variação” (Cf. também MENDES, 2017, p. 103). Uma vez que o significado social, e não mais necessariamente a mudança linguística, é retomado como ponto central para o estudo variacionista, abre-se espaço para uma compreensão do significado social como propriedade emergente da linguagem (CAMERON; KULICK, 2003; ECKERT, 2008). Propõe-se que as formas linguísticas não se ligam a significados sociais de maneira precisa ou fixa, mas de acordo com uma construção local, ideologicamente informada (ou seja, enraizada nas práticas sociais) e dependentemente do contexto de interação. De acordo com essa proposta, qualquer variante linguística estabelece um *campo de significados sociais potenciais* – chamado por Eckert (2008) de *campo indicial*. Para que se possa compreender quais significados sociais são ativados pelo uso de determinada variante em uma situação de interação, é preciso levar em conta fatores situacionais, linguísticos e sociais, incluindo-se os próprios falante e ouvinte.

Ademais, a chamada Teoria *Queer* (PARKER et al., 1995; BUTLER, 1999, 2004, *inter alia*) afetou profundamente os estudos sobre sexualidade e

gênero, inclusive no campo da Sociolinguística, ao desestabilizar as noções vigentes de identidade e pertencimento a grupos. Passou-se a entender que “a identidade não é aquilo que causa o comportamento observado, mas muito mais o seu resultado” (LEVON; MENDES, 2016, p. 4). Entre as propostas dos teóricos *queer*, há a noção de *performatividade*, que toma o sujeito como agente na construção de sua identidade e *persona* sexual, considerando assim que categorias sociais como “masculino” e “feminino” não passam de performances cultural e socialmente construídas que, em uma cultura heteronormativa fortemente agarrada à divisão binária de gênero, são tomadas como essenciais e naturais, embora não o sejam *per se*.

Assim, um interesse dos estudos variacionistas mais recentes, que surge a partir de noções propostas pelos teóricos *queer*, tem sido o de entender a possível relação entre usos linguísticos e sua percepção, de um lado, e a construção de *personae*, de outro (LEVON; MENDES, 2016). Com isso, certos estudos sociolinguísticos mais recentes não mais se detêm em entender como categorias macrosociais abstratas e supostamente fixas, como sexo/gênero, se correlacionam ao uso de determinadas variáveis sociolinguísticas (MENDES, 2017). Dessa forma, questões que por vezes se mostram localmente significativas, como a orientação sexual do falante – tanto vista como uma performance, como também vista a partir da percepção de outros – começaram a ganhar espaços em estudos variacionistas (p. ex. MOONWOMON, 1985; FAI, 1988; GAUDIO, 1994).

O interesse sociolinguístico por performances, estilos e construção de *personae* sociais, aliado à teoria emergentista proposta por Cameron e Kulick (2003) e Eckert (2008, 2012, 2016), tem dado origem a profícuos estudos sobre a forma pela qual determinadas práticas linguísticas acabam por indiciar certos posicionamentos (p. ex. HALL, 1996; LEVON, 2006). Além disso, em estudos sobre performances sociolinguísticas, tem crescido o interesse pelo possível efeito da combinatoriedade de variantes linguísticas na emergência de estilos e *personae* (p. ex. PODESVA, 2007a,b, 2011). Ora, se o significado social das formas linguísticas está, como afirma Eckert (2008, 2012, 2016), sujeito a fatores situacionais, linguísticos e sociais, parece coerente supor que a combinatoriedade de formas linguísticas possa também se mostrar um fator determinante na emergência de significados sociais e, por consequência, de estilos sociolinguísticos.

Nos últimos tempos, também tem crescido na Sociolinguística Variacionista o interesse por estudos de percepção. Embora o estudo da percepção sociolinguística seja tão antigo quanto a própria disciplina, inaugurado por Lambert et al. (1960) e Labov (2006 [1966]), o estudo da fala, da produção linguística, sempre obteve maior destaque na área. Talvez por essa razão, embora a compreensão do significado social tenha se expandido nos últimos

anos, de acordo com Campbell-Kibler (2009, p. 135) “pouco se sabe sobre como os ouvintes percebem esse significado social, como são recebidas as pistas sociolinguísticas e o que fazem com elas”¹. Mesmo assim, nos últimos quinze anos (aproximadamente), com o auxílio de novas ferramentas digitais para manipulação do sinal linguístico, os experimentos de percepção têm demonstrado sua importância para um melhor entendimento dos significados sociais emergentes na linguagem e a consequente construção de identidades e *personae*. Alguns desses experimentos, como os de Campbell-Kibler (2011), Levon (2014) e Mendes (2018), diferenciam-se dos demais por trabalhar com mais de uma variável sociolinguística. Partindo-se da teoria emergentista proposta por Eckert e da proposição de combinatoriedade de formas linguísticas para construção de *personae*, a combinação de diferentes variáveis em experimentos de percepção adquire particular importância. Dentre tais experimentos de percepção, o de Levon (2014), em língua inglesa, se destaca por incorporar à sua metodologia a aplicação de um questionário que objetiva aferir a concordância dos ouvintes em relação a aspectos normativos sobre a divisão binária de gêneros e o papel social do gênero masculino. Seus resultados demonstram que as atitudes dos ouvintes acerca da concepção estereotípica e normativa da divisão de papéis de gênero se correlacionam à sua percepção sociolinguística – reafirmando, assim, o caráter emergente da significação social, ao demonstrar que esta é também condicionada pelas atitudes do ouvinte.

Por fim, também vem sendo incorporada à Sociolinguística Variacionista, principalmente por meio de estudos que abordam questões de gênero e sexualidade, uma ferramenta de análise advinda da teoria social feminista: o conceito de interseccionalidade (HOOKS, 1981; CRENSHAW, 2002; HANCOCK, 2007a, 2007b, *inter alia*). A abordagem interseccional pode ser compreendida como uma alternativa teórica e metodológica que questiona a dinâmica e complexidade das interações sociais, tanto em níveis individuais quanto estruturais. O questionamento recai sobre a capacidade de explicação de categorias unas, como “mulher” e “gay”, a respeito de fenômenos sociais complexos. Postula-se, assim, que a experiência social se constitui de fato na intersecção entre diferentes categorias. Trata-se de uma perspectiva múltipla, simultânea e interativa que refuta a compartimentalização e hierarquização dos marcadores de diferença social (HANCOCK, 2007a,b). De acordo com Levon (2015), os estudos sociolinguísticos, sobretudo aqueles voltados a questões de gênero e sexualidade, devem procurar adotar a abordagem interseccional enquanto ferramenta de análise social. Para tanto, o autor ressalta a

¹Tradução própria de “[...] little is known about how listeners realize social meaning, how they receive sociolinguistic cues, and what they do to them”.

importância de que, ao se estudar gênero e sexualidade na Sociolinguística, sejam também levadas em consideração variáveis linguísticas normativamente associadas a outros sistemas sociais – como é o caso da (CN), que é normativamente associada ao campo da escolarização e formalidade, mas pode ajudar a constituir significados sociais também ligados a gênero e sexualidade, como será tratado adiante. Assim, torna-se possível questionar como tais variáveis contribuem para a construção e a percepção de diferentes posicionamentos e perfórmances relacionados a gênero e sexualidade.

Os temas tratados aqui, nesta contextualização teórica, são retomados de forma mais detida no [Capítulo 2](#). A seguir, apresentam-se e justificam-se as três variáveis linguísticas selecionadas para esta pesquisa. Em estudos anteriores (p. ex. MENDES, 2018; SENE, 2022), essas variáveis demonstraram ter efeito sobre percepções ligadas a gênero e/ou sexualidade na voz masculina. Uma revisão mais detalhada de tais estudos é apresentada também no [Capítulo 2](#).

1.1.1 Variáveis linguísticas em foco

A variável (CN) já foi amplamente estudada no português brasileiro (BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978, 1988; GUY, 1981, 2000; FERNANDES, 1996; LOPES, 2001; BRANDÃO; VIEIRA, 2012; GOMES DA SILVA, 2014; OUSHIRO, 2015, *inter alia*); suas variantes podem ser expressas pelas formas padrão (doravante CNp), como em *as casas*, e não padrão (CNØ), como em *as casa-Ø*. Mendes (2018, p. 7) chama atenção para o fato de que “as variantes de (CN) não se especializaram como marcas regionais”: as formas CNp e CNØ são frequentes em todo o território brasileiro e os padrões de correlação entre seus usos e variáveis sociais e linguísticas se assemelham nas muitas variedades em que se estudou a (CN). O estudo de Oushiro (2015), por exemplo, sobre o português paulistano, indica que o uso de CNØ é mais frequente na fala: (i) de paulistanos com menor grau de escolaridade, (ii) de classes sociais mais baixas (relativamente às mais altas) e (iii) de homens (relativamente às das mulheres) – o que pode contribuir para alguma estigmatização da forma.

O estudo de Mendes (2018) indica uma relação entre o campo de significados potenciais associados a competência²/classe social/escolaridade e ao da sexualidade/gênero na percepção sociolinguística baseada em (CN) no português paulistano. Os resultados obtidos pelo autor em um experimento que envolve as vozes de quatro homens paulistanos demonstram que todas

²A noção de “competência” abordada pelo estudo de Mendes (2018) está relacionada a características como “inteligente”, “esperto”, “bem educado” e “formal”.

são percebidas como mais masculinas, como referentes a pessoas com menor grau de escolaridade, de classes sociais mais baixas, menos formais e menos inteligentes quando ouvidas na sua variante CNØ, em oposição a CNp. Ao apresentar e analisar os resultados obtidos em seu experimento, o autor abre uma importante discussão sobre a natureza morfossintática da variável (CN), uma vez que chama atenção para seu apelo fonético. Considerando-se uma gama de trabalhos em inglês e outras línguas (p. ex. LEVON, 2014; LEVON; MAEGAARD; PHARAO, 2017; PHARAO; MAEGAARD, 2017) que verificam correlações entre a duração da pronúncia e o centro de gravidade de /-s/ a percepções sobre gênero e sexualidade, entende-se a relevância de uma investigação acerca da percepção sociolinguística de (CN) também em seu aspecto fonético: a duração e sibilância do /-s/ plural. Vale notar que, acerca de percepções de gênero e sexualidade referentes a /-s/ em língua portuguesa, as pesquisas e experimentos ainda são escassos. O estudo de Sene (2022) é um dos primeiros a trabalhar tal questão. O autor testa percepções acerca da duração de /-s/ isoladamente e combinada a (F_0). Verificou-se que a variável (-s) indicia significados sociais relacionados a *gayness*³ e que, quando combinada a (F_0), ambas interagem, potencializando essa significação.

Por fim, a variável (F_0) diz respeito à percepção subjetiva de que vozes soam mais ou menos agudas. A escolha por essa variável é baseada na hipótese de que estímulos linguísticos que tenham seu valor de frequência fundamental média (F_0) mais alto, aumentado digitalmente, possam soar como mais gay ou efeminadas aos ouvintes. Essa hipótese se deve em parte à concepção popular de que a fala de homens gays e/ou efeminados esteja mais próxima da voz feminina (GAUDIO, 1994; SMYTH; ROGERS, 2008; SENE, 2022), que costuma ter valor de F_0 aproximadamente 100 Hz acima das vozes masculinas, soando assim mais aguda. Ademais, pesquisas em sociolinguística e fonética demonstram que ouvintes associam regularmente valores mais altos de F_0 média a efeminidade em vozes masculinas (p. ex. CAMPBELL-KIBLER, 2011; DRAGER, 2011; LEVON, 2014; SENE, 2022).

A escolha por tratar, nesta pesquisa, das variáveis (CN), (-s) e (F_0) se dá principalmente em função dos resultados obtidos em experimentos anteriores que trabalham com o português brasileiro (MENDES, 2018; SENE, 2022), e indicam que essas três variáveis podem funcionar como índices de gênero e sexualidade na voz masculina. A escolha pela variável (CN) também é motivada sobretudo por sua significação normativamente associada aos campos da escolarização e formalidade. Assim, uma questão que se investiga

³Termo sem tradução exata para a língua portuguesa, que remete à qualidade de ser, parecer ou soar gay. Daqui em diante o termo será utilizado com essa conotação.

é se, combinada a variáveis que se mostraram significativas para a percepção de gênero e sexualidade, a variável (CN) se mantém como um índice de gênero e sexualidade, como mostraram os resultados de Mendes (2018). Ademais, a combinação dessas três variáveis em um só estudo de percepção permite explorar se e como (CN), (-s) e (F₀) têm significados sociais interdependentes entre si, como aponta o estudo de Sene (2022), em que (-s) e (F₀) interagem quando combinadas.

1.2 Hipóteses e métodos

Tomando como pressuposto que a significação social das formas linguísticas se construa a partir de elementos linguísticos que, no momento da fala, são combinados e podem interagir entre si, a hipótese principal que guia este estudo é a de que as variáveis (CN), (-s) e (F₀) têm seus efeitos potencializados quando combinadas. Outra hipótese norteadora deste estudo é a de que as atitudes de um ouvinte acerca do tema da homossexualidade se correlacionam significativamente à maneira como ele percebe a voz masculina, sobretudo no que diz respeito a significados sociais baseados em gênero e sexualidade. A seguir, descrevem-se os procedimentos metodológicos propostos para testar tais hipóteses.

1.2.1 A técnica *matched-guise*

A técnica *matched-guise*, proposta por Lambert et al. (1960) e adotada com modificações por Campbell-Kibler (2005, 2009, 2011), Levon (2014), Mendes (2018) e Sene (2022), consiste em observar a reação de ouvintes diante de estímulos linguísticos quase idênticos (chamados de *guises*, “disfarces”) que se diferenciem apenas em aspectos específicos e controlados – as variáveis (p. ex. LEVON, 2014), ou variedades (p. ex. PURNELL; IDSARDI; BAUGH, 1999), ou línguas (p. ex. LAMBERT et al., 1960) em foco. Originalmente, no estudo de Lambert et al. (1960), a técnica foi utilizada para comparar a reação dos ouvintes diante de estímulos em inglês e francês. Por outro lado, os estudos mais recentes como os de Campbell-Kibler (2011), Levon (2014), Mendes (2018) e Sene (2022) utilizam um método *matched-guise* modificado, que compara estímulos que apenas se diferenciam em relação a uma ou mais variáveis linguísticas específicas. Nesses casos, é comum que cada participante ouça cada falante em apenas um de seus *guises* – um desenho experimental que se nomeia de *between-subject* (SENE, 2022) e que é empregado na presente pesquisa. É também possível, no entanto, desenhar um experimento em que um mesmo ouvinte ouça um mesmo falante duas ou mais vezes, em seus outros

guises – esse é o caso do *design within-subject* (SENE, 2022). Uma vez que se obtenham diferenças estatisticamente significativas nas respostas estimuladas por diferentes *guises*, pode-se entender que tais diferenças devem-se às variáveis linguísticas em foco, já que todos os outros aspectos dos estímulos linguísticos se mantêm constantes para todos os ouvintes do experimento.

Com vistas a esta dissertação de mestrado, foi desenvolvido um experimento que utiliza a técnica *matched-guise* e combina as variáveis (F_0) (em suas variantes F_0 original e F_0 aumentada em 30 Hz), (CN) – em suas variantes padrão e não padrão – e (-s): -s com duração original e -s+ com duração aumentada. Mais detalhes sobre a manipulação digital e a construção dos estímulos serão expostos no [Capítulo 3](#).

A expectativa geral a respeito do experimento é de que as variantes de F_0 aumentada, /-s/ alongado e CN padrão sejam associadas a graus mais elevados de *gayness* e efeminidade, em relação às outras combinações. Além disso, espera-se que essas formas apresentem resultados específicos, em que haja interação entre duas ou mais variáveis quando combinadas, o que trará pistas sobre como os ouvintes formam sua percepção sociolinguística e intersectam estereótipos e categorias sociais diante da percepção de variantes linguísticas combinadas. Uma interação entre as variáveis é esperada uma vez que foi encontrada no estudo de Sene (2022): as variantes de F_0 aumentada e de /-s/ alongado, quando combinadas, potencializaram seus significados associados a *gayness* e efeminidade, de forma que seu efeito foi além da somatória do efeito isolado de cada variante. Ademais, como as três variáveis se mostraram como índices de gênero e sexualidade em estudos anteriores (MENDES, 2018; SENE, 2022), é coerente supor que, quando combinadas as variantes /-s/ alongado, F_0 aumentado e CNp, seus efeitos possam também ser potencializados.⁴

1.2.2 Questionário de Atitudes

Um dos principais interesses desta pesquisa é averiguar uma possível relação entre a percepção sociolinguística dos respondentes que participaram dos experimentos e suas atitudes acerca do tema da homossexualidade. Para isso, foi elaborado um Questionário de Atitudes.

⁴Vale acrescentar que o estudo de Mendes (2018), assim como o presente estudo, trabalha com áudios gravados por paulistanos e conta com as respostas de uma grande maioria de ouvintes do Sudeste brasileiro, principalmente da cidade de São Paulo; o estudo de Sene (2022) trabalha com áudios gravados por paulistas e seus ouvintes também são, em sua absoluta maioria, do Sudeste brasileiro, concentrando-se especialmente no interior do estado de São Paulo e no estado de Minas Gerais. Assumiu-se, para a comparação dos resultados, uma relativa uniformidade a respeito da localidade dos falantes e ouvintes dos três estudos, ainda mais por não se estar trabalhando com variáveis sociolinguísticas que tenham se especificado como marcas regionais.

Tal questionário foi baseado no trabalho de Levon (2014), cuja hipótese era a de que indivíduos que tivessem internalizado mais profundamente o sistema de crenças sociais sobre masculinidade e gênero masculino poderiam fazer conexões mais estereotípicas entre certos atributos, como “soar masculino” e “soar confiável”, quando estimulados por certas variantes linguísticas. Para isso, o autor utilizou o questionário *Male Roles Attitudes Survey* (doravante MRAS) elaborado por Pleck, Sonenstein e Ku (1994), um instrumento padrão da psicologia que objetiva determinar o quanto o respondente aceita ou rejeita as ideias tradicionais sobre os papéis binários de gênero. Os resultados obtidos por Levon (2014) indicam uma forte correlação entre as respostas dadas pelos ouvintes no experimento e a sua pontuação no questionário: indivíduos que obtiveram valores mais altos no índice MRAS (e que, portanto, assumem mais profundamente ideias tradicionais e estereotípicas de gênero) foram significativamente mais sensíveis a algumas das variantes tratadas no experimento, associando-as a níveis mais altos de *gayness* e efeminidade. Esse tipo de resultado traz importantes reflexões acerca do papel das atitudes do ouvinte ao perceber significados sociais, já que essa percepção pode refletir parte de suas atitudes em relação a certo aspecto social.

O Questionário de Atitudes desenvolvido para esta pesquisa foi formulado com base na Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e Gays de Gato, Fontaine e Carneiro (2012) para aferir as atitudes dos ouvintes acerca do tema da homossexualidade masculina. Mais detalhes sobre a formulação do Questionário de Atitudes podem ser encontrados no [Capítulo 3](#) desta dissertação.

1.2.3 Recorte e análise dos dados

Foram obtidas respostas de 204 participantes no experimento. Os dados obtidos correspondem às respostas dadas pelos participantes acerca de sua percepção sociolinguística sobre cada um dos quatro falantes (por exemplo, assinalando pontos em escalas de diferenciais semânticos), mas também a algumas perguntas sociodemográficas sobre si mesmos e ao Questionário de Atitudes. Após tabulados e codificados, esses dados são analisados estatisticamente com a linguagem de programação R (R CORE TEAM, 2023), buscando-se verificar correlações entre a percepção sociolinguística dos falantes, suas características sociais e suas atitudes diante da homossexualidade. Tais procedimentos são melhor explicados no [Capítulo 4](#).

1.3 Objetivos e Justificativa

Como se mencionou no início do capítulo, o objetivo central desta pesquisa é investigar os efeitos e a possível correlação entre três variáveis linguísticas – (CN), (-s) e (F₀) – na percepção de significados sociais relacionados a noções de gênero e sexualidade, a partir de vozes masculinas. É de interesse particular da análise de dados verificar se os efeitos das variáveis nas respostas dos ouvintes são independentes uns dos outros ou se são interdependentes. Também é objetivo desta pesquisa discutir o papel das atitudes do sujeito ouvinte na construção do significado sociolinguístico, o que é feito por meio da aplicação de um Questionário de Atitudes aos respondentes de experimentos de percepção sociolinguística – tema que se desenvolve mais detalhadamente no Capítulo 3. Espera-se que, se o sujeito constrói os significados sociais que percebe, de forma contextualizada e emergente no processo da interação, suas crenças e atitudes devem afetar tal percepção.

Para tanto, são tomadas como pressupostos as já citadas teorias emergentista e *Queer*, considerando-se que a emergência do significado social depende fortemente de fatores situacionais, linguísticos e sociais e que a combinatoriedade de formas linguísticas atua na construção de estilos e *personae* sociais. A teoria interseccional, por sua vez, é tomada como ferramenta para a análise dos resultados obtidos, de forma que as variáveis linguísticas em questão sejam interpretadas mediante um entendimento interseccional de diferentes categorias sociais, sobretudo as de gênero, sexualidade e classe social. Esses temas são aprofundados no Capítulo 2.

A análise da combinação de variáveis linguísticas (que, em alguns estudos anteriores, se revelaram socialmente significativas em termos de gênero e sexualidade), bem como a aplicação de um Questionário de Atitudes aos respondentes dos experimentos sociolinguísticos que aqui se reportam, podem trazer novas descobertas acerca da percepção de vozes masculinas. Tais descobertas são relevantes tanto do ponto de vista acadêmico, uma vez que contribuem para o entendimento da percepção sociolinguística de significados associados a gênero e sexualidade, quanto do ponto de vista social, já que tal entendimento pode também fornecer uma visão mais apurada sobre como pré-julgamentos, preconceitos sociais e estereótipos de gênero e sexualidade operam.

2

Revisão bibliográfica

Neste capítulo, faz-se uma revisão bibliográfica que aprofunda os temas discutidos na contextualização teórica feita na *seção 1.1*, que envolvem problemáticas centrais para esta pesquisa. Para tanto, primeiramente revê-se a proposta de Eckert (2012) sobre as três ondas da Sociolinguística. Então é feita uma discussão sobre os efeitos da teoria *Queer* nos estudos sociolinguísticos, uma vez que tais efeitos reverberam também sobre este estudo. Depois, é proposta uma perspectiva interseccional sobre estudos sociolinguísticos. Tal perspectiva é tomada como instrumento de análise na presente pesquisa. Por fim, é feita uma revisão acerca de estudos sociolinguísticos que abordam percepções no campo do gênero e da sexualidade e que influenciaram, em menor ou maior grau, o presente estudo.

2.1 As três ondas da Sociolinguística

A sociolinguista Penelope Eckert (2012) categoriza dentro da chamada “primeira onda”⁵ de estudos sociolinguísticos aqueles que seguem a abordagem teórico-metodológica inaugurada pelo estudo de Labov (2006 [1966]). Nos estudos de primeira onda, a variação linguística é entendida a partir de uma compreensão geral de macrocategorias sociais e as noções de prestígio e hierarquia social são consideradas as principais forças atuantes sobre a variação. A abordagem analítico-metodológica de primeira onda prevaleceu fortemente na Sociolinguística entre a década de 1970 e os anos 2000 e até os dias de hoje é amplamente utilizada (p. ex. BISOL; MENON; TASCA, 2008; OUSHIRO, 2015).

⁵Deve-se ter em mente, no entanto, que embora o termo “onda” proposto por Eckert (2012) já tenha se arraigado na área, ele pode levar à ideia de superação, da primeira e da segunda pela terceira — algo que Mendes (2017) entende como um equívoco. De acordo com o autor, estudos e abordagens metodológicas de primeira e segunda onda não podem ser vistos como “datados” devido ao fato, inclusive, de que Labov (1963), em sua análise da significação social do alçamento de (ay) e (aw) Martha’s Vineyard, é o primeiro exemplo tomado por Eckert (2012) para a proposta da terceira onda da sociolinguística.

De acordo com Eckert (2012), os trabalhos pertencentes à chamada segunda onda surgem quando os estudos sociolinguísticos passam a considerar a possibilidade de que as mudanças nos padrões de usos linguísticos poderiam se correlacionar não apenas a categorias macrossociais abstratas, mas a valorações sociais internas a grupos menores de falantes, o que poderia ser observado por meio de uma perspectiva etnográfica. É um clássico exemplo de estudo de segunda onda a pesquisa de Eckert (2000) acerca da fala de adolescentes do colégio Belten High, em Detroit. A partir de um estudo etnográfico e de uma série de entrevistas gravadas com os estudantes do colégio, Eckert chegou à conclusão de que haveria ali categorias localmente significativas – às quais deu o nome de *jocks* e *burnouts* – que se correlacionavam aos padrões de uso de variáveis linguísticas, por vezes de forma combinada a categorias macrossociais abstratas, como sexo/gênero. Os trabalhos de segunda onda, do qual o estudo de Eckert em Belten High é um exemplo expressivo, demonstraram que as formas linguísticas não indiciam de forma simples e direta as macrocategorias sociais, podendo também estar correlacionadas a características sociais definidas na interação de grupos que são localmente construídos (MENDES, 2017). Com isso, passa-se a entender que as noções de prestígio e de hierarquia social, tão caras aos estudos de primeira onda, podem não ser as únicas forças que agem sobre os padrões de variação sociolinguística em uma comunidade de falantes. É notável que os estudos de segunda onda expressam um deslocamento teórico, metodológico e analítico em relação àqueles de primeira onda.

A terceira onda de estudos sociolinguísticos, segundo Eckert (2012), parte do entendimento de que variáveis sociolinguísticas não indiciam categorias sociais, mas características. Mendes (2017) e Eckert (2012) entendem a abordagem de terceira onda como uma volta ao estudo do significado social da variação, que esteve presente no trabalho seminal de Labov (1963) em Martha's Vineyard. As pesquisas da chamada terceira onda passam a trabalhar em torno da premissa de que os próprios significados sociais das formas linguísticas são variáveis e mutáveis, o que trouxe grandes mudanças teóricas e metodológicas ao estudo da variação linguística. Trata-se de um esforço de explorar aprofundadamente o papel das variáveis linguísticas em práticas estilísticas, uma vez que o uso de variantes linguísticas passa a ser entendido como uma maneira, mesmo que inconsciente, de criar *personae* sociais em determinados contextos de interação. Os estudos de terceira onda sociolinguística, mais uma vez, partem para uma abordagem teórico-analítica que muito difere dos estudos de primeira e segunda onda. No que diz respeito a suas abordagens metodológicas, os estudos de terceira onda também diferenciam dos demais. Existem estudos que se propõem a analisar a construção de estilos, perfórmances e *personae*, como os estudos de Podesva (2007a,b, 2011).

Há também numerosos estudos de percepção sociolinguística que partem dos aportes teórico-analíticos da terceira onda (p. ex. CAMPBELL-KIBLER, 2011; LEVON, 2014; MENDES, 2018; SENE, 2022) – assunto que será mais explorado na seção 2.4.

Para os estudos de terceira onda, deve ser considerada a influência da teoria emergentista proposta por Cameron e Kulick (2003) e Eckert (2008, 2012, 2016). A proposta é de que os significados sociais de uma forma linguística sejam construídos (ou *emergem*) na própria prática linguística – que é uma prática social por si só, em que categorias sociais específicas são indicializadas. Por serem emergentes, os significados sociais não são precisos e fixos, mas dinâmicos e complexos, relacionados a diversas pistas linguísticas e não linguísticas que circundam a situação interacional. Eckert (2008) propõe, assim, que as variantes linguísticas tenham significado subespecificado, de forma que constroem um *campo indicial de significados potenciais*. Qualquer um desses significados pode ser ativado durante o processo interacional. Com isso, muitos trabalhos sociolinguísticos voltados à sexualidade inverteram seu olhar analítico, deixando de analisar a construção de identidades sexuais e passando a examinar como os falantes se valem dos significados potenciais de certas variantes com o objetivo, mesmo que inconsciente, de tomar posturas significativas do ponto de vista sociolinguístico (LEVON; MENDES, 2016).

A presente pesquisa é baseada em estudos de percepção sociolinguística de terceira onda, por tomar como pressupostos teóricos a teoria emergentista do significado social e a proposta de *perFORMANCE* social e *PERSONA* sexual propostas pela teoria *Queer* (seção 2.2), além de utilizar a interseccionalidade como ferramenta de análise social (seção 2.3).

2.2 A teoria *Queer* e seus efeitos sobre os estudos sociolinguísticos

No início dos anos 1990, a teoria *Queer* desestabilizou a noção de identidade, assim como a conexão, aparentemente necessária, entre identidade e pertencimento a grupos. Com isso, invertia-se também a relação causal entre identidade e práticas sociais. Os teóricos *queer* (PARKER et al., 1995; BUTLER, 1999, 2003, 2004; SEDGWICK, 2007, *inter alia*), argumentavam que os indivíduos utilizam recursos simbólicos – entre eles, a língua – ao colocar suas identidades sociais em prática (LEVON; MENDES, 2016; BUTLER, 1999). Seriam, assim, as práticas – e *performances* – que constituiriam determinadas identidades, e não o contrário.

De acordo com Miskolci (2009, p. 152), “teórica e metodologicamente,

os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês” e sua relação com a sociologia gera algumas tensões, uma vez que, até os dias de hoje, as pesquisas socioantropológicas “tendem a criar argumentos científicos que reforçam concepções normativas” (p. 168), ao passo em que os teóricos *queer*, por outro lado, criticam e chamam atenção para as estratégias sociais normalizadoras do comportamento a partir de dispositivos como o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. No seguinte trecho, Butler (2003, p. 38) ressalta algumas das principais problemáticas levantadas pelos teóricos *queer*:

Em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o *status* autoidêntico da pessoa? Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? Em outras palavras, a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de alguém, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas.

Os questionamentos de Butler (2003) recaem sobre a força reguladora da divisão de gênero – tratada, pelos teóricos *queer*, como *heterossexualidade compulsória* – e o entendimento comum de que tais categorias, além de outras, possam definir identidades. De acordo com a autora, essas identidades, entendidas como estáveis do ponto de vista social, partem muito mais de um ideal normativo do que de categorias que descrevam a experiência vivida. A autora sumariza, nesse trecho, o principal questionamento dos teóricos *queer* sobre uma noção estável de identidade. A resposta a essa problemática é dada pela noção de *performatividade*, que leva ao entendimento de que categorias como gênero sejam entendidas como produtos de perfórmances culturais, e não como uma identidade estável. Assim, ninguém *seria* mulher, por exemplo, mas poderia *construir-se discursivamente* enquanto tal (BUTLER, 1999, 2003, 2004) – da mesma forma que, no presente estudo, os falantes constroem-se discursivamente enquanto homens e, graças às normas de inteligibilidade socialmente instituídas, são assim percebidos pelos ouvintes. A noção de “masculinidades” aqui pautada, portanto, parte de uma construção social, que ganha forma real somente por meio da experiência vivida – tanto do falante, quanto do ouvinte.

A teoria *Queer* teve grande influência sobre a Sociolinguística, especialmente nos estudos interessados em traçar relações entre o uso de variáveis linguísticas e concepções de gênero e sexualidade. Assim, surgiram estudos

variacionistas marcados pelo entendimento de que a ligação entre língua e práticas sociais não pode ou deve ser direta. Formas linguísticas costumam indiciar certas posturas, atos e atividades, que por sua vez estão conectados ideologicamente a categorias sociais salientes. Dito de outra forma, as práticas, sejam elas linguísticas ou sociais, não simplesmente emergem de identidades pré-definidas, mas as definem. Conseqüentemente, padrões no uso de variação linguística não poderiam ser interpretados senão em relação às forças normativas que moldam a interpretação de toda prática sociolinguística (LEVON; MENDES, 2016). Passou-se a entender, com isso, que falantes poderiam empregar formas linguísticas de maneira estratégica para compor *personae* sociais. A noção de *persona*, assim, é contextual e, acima de tudo, performática. Com isso, um mesmo indivíduo pode performar diferentes *personae* sociais, exatamente porque o contexto social em que está envolvido é mutável – uma proposta que entra em consonância com a teoria emergentista da significação social.

O trabalho de Podesva (2011) é um exemplo de como o emprego de estilos linguísticos pode compor diferentes *personae* em situações de fala variadas. Podesva estudou a alternância no uso de vogais do sistema californiano⁶ por um homem gay ágio-americano que vive em São Francisco, chamado Regan, em três diferentes contextos: em um passeio animado à noite com seus amigos; em um jantar com um amigo íntimo; e em uma reunião com seu supervisor no trabalho. Podesva encontrou um padrão consistente de variação nesses três contextos: no passeio à noite, Regan utiliza as formas mais inovadoras do sistema vocálico; na reunião com seu supervisor, suas vogais tomam formas mais conservadoras; e no jantar, suas vogais são realizadas em posições intermediárias. Ao analisar tais padrões, Podesva argumenta que é preciso considerar o processo de *registro* (AGHA, 2007) pelo qual o sistema vocálico californiano passou, tornando-se índice de personalidades estereotipicamente californianas, “divertidas”, “relaxadas” e “tranquilas”. Embora o uso do sistema vocálico californiano por Regan pareça indicar o nível de *gayness* dos contextos, Podesva argumenta que estabelecer uma conexão entre essas características e uma noção monolítica de identidade gay seria um salto grande demais a se fazer. O autor conclui, assim, que

⁶O sistema vocálico da língua inglesa já passou por muitas mudanças regulares durante os séculos. Algumas dessas mudanças, por terem afetado apenas a manifestação fonético-acústica dos segmentos vocálicos, sem alterar o sistema de contrastes fonológicos das vogais da língua, são entendidas como definidoras de certos dialetos do inglês (por exemplo: devido a uma mudança vocálica, muitos falantes do Sul dos EUA, em palavras como *life*, pronunciam um monotongo [a], enquanto a maior parte dos falantes de inglês pronuncia um ditongo [aj]). Nesse caso, o sistema vocálico utilizado pelo falante sendo estudado é aquele que define a variedade californiana da língua inglesa.

a utilização de vogais tipicamente californianas, combinada a outros traços linguísticos como frequência fundamental e entoação, fazem com que Regan construa a *persona* de um *gay partier*⁷, que por sua vez é constituída por suas intersecções com ideologias daquilo que significa ser californiano.

O estudo de Podesva (2007a,b) segue uma metodologia semelhante à do seu estudo de 2011, além de ser um expressivo exemplo de como diferentes variáveis linguísticas podem ser manipuladas para construir diferentes *personae* em contextos variados. O autor estudou a performance linguística de um mesmo sujeito em três situações de sua vida cotidiana e observou que uma série de variantes da língua inglesa combinadas – por exemplo, soltura de [-t] e [-d] e *falsettos* – adquirem, para esse mesmo falante, significados sociais específicos em contextos específicos, levando à performance de uma *persona* “diva gay”, em certo momento, e de um “doutor zeloso”, em outro. Tais variáveis não produziriam esses significados sociais isoladamente e teriam potencialmente outros efeitos se utilizadas em outros contextos interacionais e por outros falantes.⁸

Os estudos de Podesva (2007a,b, 2011), além de outros estudos de análise de estilo sociolinguístico (IRVINE et al., 2001; ZHANG, 2005, 2008, *inter alia*), exemplificam como a noção de performance, advinda da teoria *Queer*, trouxe à Sociolinguística um interesse por estudar a forma pela qual o significado sociolinguístico pode ser manipulado por um mesmo falante em diferentes contextos. A presente pesquisa não pretende ser um estudo sobre estilos e construção de *personae* nos moldes daqueles citados acima, uma vez que se volta à percepção sociolinguística, então difere sensivelmente deles do ponto de vista metodológico. Mesmo assim, este trabalho também toma como pressupostos que o significado social é construído contextualmente e que a combinatoriedade de diferentes formas linguísticas é um fator crucial para a construção de tal significado.

2.3 A interseccionalidade e seu uso como ferramenta de análise sociolinguística

Há algumas décadas as abordagens interseccionais têm trazido uma nova perspectiva a movimentos sociais, especialmente ao Feminismo (em particular o Feminismo Negro), ao Movimento Negro e ao Movimento LGBT⁹. Essas

⁷Em tradução própria, “gay festeiro”.

⁸Cf. Mendes (2018, p. 33-34) para uma revisão mais detalhada desse trabalho.

⁹O uso do termo LGBT (sigla que remete às categorias de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) foi aprovado no Brasil em 2008 e é por isso adotado nesta pesquisa (Cf. <<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/>

abordagens levam ao entendimento de que diferentes marcadores sociais, como gênero, classe, raça/cor, orientação sexual, religião, geração, etc. se intersectam — e não simplesmente se somam ou se anulam — para gerar vantagens ou desvantagens. Tal entendimento, por sua vez, tem motivado os movimentos sociais a articular suas lutas desde as décadas de 1960 e 1970, momento em que mulheres “não brancas”¹⁰ discutiram de forma organizada a experiência articulada de classe, raça, gênero e diferenças culturais em suas vidas (BRAH, 2006).

O feminismo branco norte-americano, por sua vez, fez com que nascessem os primeiros estudos acadêmicos a respeito do tema durante as décadas seguintes. Até hoje esse conceito reverbera, tanto no mundo acadêmico (HOOKS, 1981; CRENSHAW, 1989, 2002; HANCOCK, 2007a, 2007b, *inter alia*), quanto no mundo das lutas sociais. Henning (2015, p. 101) chama atenção para a importância social e acadêmica do movimento, e por isso afirma que a teoria interseccional é hoje considerada, por alguns autores, “como uma das mais importantes contribuições teóricas que os estudos de mulheres, conjuntamente a outros campos afins, produziram até o momento”.

A teoria interseccional postula que a experiência social se constitui de fato na intersecção entre diferentes categorias. Todavia, Pie (2021a) ressalta que não há um completo consenso a respeito do entendimento da interseccionalidade entre as autoras que trabalharam o conceito durante as últimas décadas. Crenshaw (1989), teórica do direito legal que cunhou o termo “interseccionalidade”, entende as intersecções sociais como uma metáfora para *abordagens intracategóricas* (LEVON, 2015). Esse tipo de abordagem se propõe a analisar a especialização de categorias sociais no lugar de categorias sociodemográficas mais amplas. Isso leva ao entendimento de que, por exemplo, homens brancos gays sejam entendidos como uma subcategoria específica, que surge da intersecção entre categorias de gênero, raça e sexualidade. Trabalhos mais recentes a respeito do conceito de interseccionalidade (p. ex. MCCLINTOCK, 1995; HANCOCK, 2007a,b; BRAH, 2006) propuseram questionamentos à abordagem interseccional que se resumia ao enfoque intracategórico. Hancock (2007a,b) argumenta que esse tipo de enfoque ignora a dinamicidade

LGBT/texto_base_1_lgbt.pdf>). Mesmo assim, outras siglas mais antigas (como GLS, que remete às categorias de gays, lésbicas e simpatizantes) e mais recentes (como LGBTQIA+ ou LGTTTQIAP, que incluem também categorias como *queer*, intersexuais, assexuais, entre outras) são utilizadas para designar a comunidade LGBT e outros grupos cuja identidade de gênero e/ou sexual também costuma ser percebida como desviante ou minoritária.

¹⁰A categoria “não branca”, na Inglaterra dos anos 1960 e 70, incluía mulheres afro-caribenhas e sulasiáticas, que viviam uma experiência racializada. Já nos EUA da mesma época, o termo era utilizado para se referir a pessoas de origem africana de forma geral (BRAH, 2006).

das relações sociais, por concebê-las ainda como estáticas, em um nível individual e institucional. A autora propõe, então, que as categorias sociais sejam vistas como uma questão empírica em aberto, já que uma relação entre tais categorias é estabelecida *a priori*. Para Hancock, portanto, as intersecções sociais devem ser entendidas como dinâmicas, sujeitas a diferentes histórias sociais, motivações interpessoais e expectativas ideológicas locais, a serem consideradas no entendimento da imbricação entre as categorias da experiência.

Levon (2015), ao discutir a abordagem interseccional em estudos linguísticos, afirma que ela tem sido incorporada de forma mais ampla a análises sociolinguísticas que não se enquadram no paradigma variacionista, como a Linguística Antropológica e a Análise Crítica do Discurso. No caso da Sociolinguística Variacionista, as análises interseccionais têm acontecido apenas parcialmente, por meio de uma abordagem intracategórica – que seria a ideia fundamental de Crenshaw (1989). Nesse sentido, podem ser citados trabalhos como o de Nichols (1978), que documenta como o uso de variados traços morfossintáticos entre mulheres negras do litoral da Carolina do Sul é condicionado pela localização geográfica e pelos tipos de oportunidades sociais e econômicas disponíveis às mulheres negras em cada lugar. As descobertas da autora a levaram a argumentar que o principal fator que explicaria o uso da língua pelas mulheres não seria seu gênero *per se*, mas os papéis e oportunidades que seu gênero lhes proporciona dentro de suas comunidades locais. Assim, o trabalho de Nichols (1978) exemplifica como a intersecção entre gênero e trabalho, sendo este último intermediado por localização geográfica, pode servir para explicar o uso de variáveis linguísticas – algo semelhante à argumentação levantada por Eckert (2000) em seu estudo sobre a fala de adolescentes no colégio Belten High.

Levon (2015) argumenta que, embora a abordagem intracategórica sirva a papéis importantes e tenha garantido à Sociolinguística uma análise social mais pormenorizada, a teoria interseccional tem mais a oferecer. Nesse sentido, suas ideias vão ao encontro das de Hancock (2007a,b). Segundo a visão dos autores, as próprias intersecções são formadoras das categorias sociais, levando à implicação de que uma categoria social não poderia existir de fato, senão quando interseccionada a outras. Como exemplo de análises variacionistas que demonstram um compromisso mais profundo com a teoria interseccional Levon (2015) aponta o trabalho de Podesva (2011), descrito na seção 2.2 deste capítulo, e o de Campbell-Kibler (2011), que é descrito a seguir.

O estudo de Campbell-Kibler (2011) é voltado ao campo da percepção sociolinguística. A pesquisadora estudou, em um experimento, a percepção

de ouvintes diante das variáveis (-ing)¹¹ e anteriorização de (-s)¹². Como era esperado, os ouvintes avaliaram os falantes cujos estímulos apresentam variantes velares de (-ing) como mais competentes e falantes cujos estímulos apresentam variantes anteriorizadas de (-s) como mais gays. Além disso, os resultados do experimento mostram que os ouvintes, por causa de certos estereótipos culturais, podem utilizar sua percepção sociolinguística em uma certa dimensão (percepção de competência) para ajudar a compor a avaliação sociolinguística de um falante em outra dimensão (percepção de sexualidade). Dessa forma, a variante velar de (-ing) pode ser entendida como um índice de competência e, para certos ouvintes, soar competente ajuda a constituir aquilo que significa soar gay.

Os estudos de Campbell-Kibler (2011) e de Podesva (2011), ao debruçarem-se sobre a percepção e produção de *personae* sexuais, consideraram variáveis linguísticas que não estão diretamente ligadas às noções de gênero e sexualidade. No trabalho de Campbell-Kibler (2011), é mostrado como uma variável cujo significado está estereotipicamente associado ao campo da competência pode constituir também uma percepção sociolinguística no campo da sexualidade. No trabalho de Podesva (2011), mostra-se como um sistema de formas vocálicas cujo significado está associado a uma representação social não diretamente ligada a sexualidade pode, em certo contexto, ser utilizado para a constituição de uma *persona* sexual. Tais trabalhos vão além da análise interseccional pautada em abordagens intracategóricas, pois partem do pressuposto de que certas categorias sociais (p. ex. sexualidade) só existem intrincadas a outras (p. ex. classe), entendendo-as como dinâmicas e auto constitutivas. Em tais estudos,

[...] O que se observa, de fato, é que a construção de significados sociais suscitada por variantes linguísticas ocorre, muitas vezes, na intersecção entre categorias, relacionando os construtos de gênero, sexualidade, classe social e traços contextuais. (PIE, 2021a, p. 630)

Assim, trata-se de estudos que investigam a sexualidade como constituída por outras categorias sociais relevantes, em momentos interacionais particulares. De acordo com Levon (2015), embora ambos os estudos apresentados discutam a sexualidade gay masculina, os procedimentos metodológico-analíticos

¹¹A variável (-ing) ocorre ao final de palavras como *talking*. Suas variantes são a pronúncia velar [ŋ], que é frequentemente percebida como mais prestigiosa na língua inglesa, e a pronúncia alveolar [n].

¹²A variável (-s) é estudada nas suas variantes de pronúncia dental [θ] e de pronúncia alveolar [s], em coda silábica. Como já discutido, essa variável costuma suscitar significados sociais ligados a gênero e sexualidade, sobretudo na língua inglesa. Existe até mesmo a expressão *gay lisp*, que corresponderia a algo como “jeito gay de pronunciar o [s]”, que costuma remeter ao uso da variante dental [θ].

por eles adotados podem – e devem – ser aplicados de forma mais abrangente na Sociolinguística Variacionista, sobretudo nos estudos de terceira onda. A próxima seção expõe, então, trabalhos de percepção sociolinguística voltados a questões de gênero e sexualidade – em sua maioria, trabalhos que se valem dos aportes teórico-metodológicos advindos das teorias emergentista, *queer* e interseccional.

2.4 Estudos de percepção sociolinguística voltados a gênero e sexualidade

O trabalho de Gaudio (1994), em língua inglesa, é considerado precursor das investigações sobre gênero e sexualidade na voz masculina. Em seu estudo, o autor elicia percepções dos ouvintes acerca de oito vozes masculinas – sendo quatro delas de homens que se autoidentificaram como gays e as outras quatro de homens que se autoidentificaram como heterossexuais. Cada um de seus falantes foi avaliado duas vezes pelos ouvintes: em uma das vezes lendo um trecho de um livro de contabilidade e, na outra, lendo um monólogo de uma peça teatral. Após ouvir cada um dos áudios, os participantes avaliavam o falante por meio de uma série de escalas de diferenciais semânticos com características comumente atribuídas a homens gays (p. ex. efeminado, emocional). Seus resultados demonstram que homens que são percebidos como menos masculinos são também percebidos como mais gay, e vice-versa. Além disso, o autor observou que a variância e dinamismo de F_0 tendem a influenciar as percepções dos ouvintes acerca de gênero e sexualidade, mas somente quando estavam ouvindo o texto sobre contabilidade, e não quando era ouvido o monólogo. Tais resultados fizeram o autor concluir que, quando a fala de um homem é marcadamente “dramática”, variações na entoação têm um papel reduzido sobre a percepção dos ouvintes. O pesquisador também chama atenção para o fato de que a grande maioria dos participantes conseguiu “adivinhar” com exatidão a orientação sexual dos falantes, mas não foi possível determinar qual(is) traço(s) linguístico(s) pode(m) ter motivado essa diferenciação por parte dos ouvintes.

É relevante apontar que o trabalho de Gaudio (1994) é pautado em uma visão essencialista e monolítica da “fala gay”: para o autor, a investigação gira em torno da orientação sexual real dos falantes, que é determinada de maneira fixa e binária (heterossexual ou homossexual), de forma que os ouvintes são até mesmo instigados a “adivinhá-la”. Em estudos mais recentes que são aqui apresentados (LEVON, 2014; MENDES, 2018; SENE, 2022), assim como na presente pesquisa, o foco investigativo recai sobre as diferentes formas de *soar*

gay (e/ou efeminado). Com isso, a orientação sexual dos falantes não é posta em questão *per se*, mas procura-se entender quais variáveis linguísticas estão relacionados à percepção de que aqueles falantes soam mais ou menos gay ou efeminados. Trata-se de uma visão mais dinâmica e performática das noções de *gayness* e da “fala gay” do que aquelas adotadas no estudo de Gaudio (1994).

Outro ponto que se deve salientar é que, no experimento realizado por Gaudio (1994), o trabalho de análise linguística foi feito de maneira *post-hoc*, de forma que o pesquisador não preestabeleceu quais variáveis linguísticas deveriam ser levadas em conta em sua análise. Graças aos avanços na manipulação digital do sinal linguístico, estudos mais recentes têm estabelecido de maneira *ad-hoc* quais variáveis linguísticas são testadas em seus experimentos de percepção, com a utilização do método *matched-guise*. A possibilidade de determinar previamente quais variáveis linguísticas serão analisadas permite que o pesquisador tenha um maior controle sobre aquilo que é testado em seu experimento, podendo de antemão estabelecer hipóteses acerca do significado social de variáveis linguísticas específicas. Esse é o caso dos próximos estudos que são aqui discutidos.

O estudo de Levon (2014), também em língua inglesa, trabalha com vozes de homens britânicos em um experimento que utiliza a técnica *matched-guise*. O autor procura examinar, em seu experimento, a forma pela qual as percepções sociolinguísticas são influenciadas por estereótipos sociais. Seu trabalho é baseado na análise das percepções de ouvintes acerca de três categorias que se intersectam: gênero, sexualidade e classe. Seu foco é em estereótipos acerca da sexualidade masculina na Grã-Bretanha e em crenças estereotípicas sobre relações entre gênero, sexualidade e classe social, uma vez que pesquisas anteriores em História e Sociologia demonstram uma associação normativa entre classes sociais mais altas e efeminidade/*gayness* em homens britânicos (MOSSE, 1985; KEOGH; DODDS; HENDERSON, 1994; CONNELL, 1995; 2000 apud LEVON, 2014). O objetivo, ao estudar a intersecção entre as três categorias, é “examinar a percepção linguística de sexualidade em um contexto social mais amplo”¹³ (LEVON, 2014, p. 540), de forma a contribuir para uma melhor compreensão de como, no curso de interações do dia-a-dia, variantes evocam significados sociais. O autor chama atenção para os argumentos de Eckert (2008, 2012), que se concentram na dificuldade em designar um significado único e estável para uma determinada variante linguística e na proposta de que variantes são ligadas ideologicamente

¹³Tradução própria de “[...] examine the linguistic perception of sexuality in its wider social context [...]”.

a um conjunto de significados sociais potenciais. Assim, seria o contexto de interação que ativaria algum desses significados. Levon (2014) ressalta que, nesse cenário, o significado social não está sujeito somente às práticas estilísticas do falante, mas também à interpretação do ouvinte – e, aqui, estereótipos têm um papel potencialmente fundamental. A definição que o autor dá para o conceito de estereótipos, a qual é assumida também na presente pesquisa, é a seguinte:

[...] estruturas cognitivas que conectam conceitos coletivos (p. ex. homem) a conjuntos de traços característicos (p. ex. atlético, dominante) e papéis (p. ex. pai). Em outras palavras, estereótipos são uma forma de conhecimento social associativo que serve para codificar ideologias populares sobre grupos sociais conectando a ativação perceptual de um conceito coletivo à ativação de traços característicos e papéis relevantes.¹⁴ (LEVON, 2014, p. 544)

Assim, o pesquisador levanta a hipótese de que atitudes do ouvinte possam moderar os efeitos do estereótipo, além de ter direta influência sobre como certos traços linguísticos levam à percepção de categorias sociais relevantes.

Levon (2014) trabalha com três variáveis linguísticas: F_0 média, uma vez que pesquisas anteriores (p. ex. CAMPBELL-KIBLER, 2011) demonstram que níveis mais altos de F_0 são associados a efeminidade em homens, de forma que a variável se mostra relevante para percepções acerca de gênero; duração de /-s/, devido à sua frequente associação (p. ex. MUNSON et al., 2006) a significados sociais ligados a sexualidade; e anteriorização de /θ/,¹⁵ que no inglês britânico está estereotipicamente associada à fala da classe trabalhadora (p. ex. KERSWILL, 2003), sendo, então, uma variável com significado social normativamente ligado a classe. O pesquisador gravou três homens, falantes da mesma variedade de inglês (*Standard Southern British English*), lendo um pequeno excerto de 42 segundos, em que havia 27 ocorrências de /-s/ e 15 ocorrências de /θ/. Os trechos foram originalmente lidos utilizando a variante [θ] e então manipulados para que se criassem *guises* com a variante [f]; também foram criados *guises* em que o fonema /s/ teve sua duração aumentada. Por fim, a variável F_0 média foi alterada utilizando a ferramenta de manipulação de *pitch* do Praat (BOERSMA; WEENINK, 2020), criando-se assim estímulos

¹⁴Tradução própria de “[...] cognitive structures that link group concepts (e.g. man) with collections of both trait attributes (e.g. athletic, domineering) and roles (e.g. father). In other words, stereotypes are a form of associative social knowledge that serve to encode popular ideologies about social groups by linking the perceptual activation of a group concept with the activation of relevant trait attributes and roles.”

¹⁵Resume-se à pronúncia da fricativa inicial de palavras como *think* como uma labiodental [f], em vez de interdental [θ].

com F_0 média aumentada em 20 Hz. Para cada falante, foram confeccionados oito estímulos de áudio que esgotam todas as possíveis combinações entre as três variáveis linguísticas.

Foram coletadas, de maneira *on-line*, respostas de 189 participantes – 134 mulheres e 55 homens, dos quais 159 se identificaram como heterossexuais e 39 como homo ou bissexuais. Cada um dos participantes do experimento ouviu cada um dos três falantes em apenas um de seus oito *guises*. Depois de ouvir cada um dos áudios, eles deveriam responder sobre sua percepção em uma série de escalas de diferenciais semânticos, com características que tinham o objetivo de aferir noções de competência (p. ex. inteligente/não inteligente), “agradabilidade”¹⁶ (p. ex. confiável/não confiável), gênero (masculino/não masculino) e sexualidade (gay/não gay) acerca do áudio ouvido. Após responder às escalas, os participantes forneciam informações sociodemográficas básicas sobre si mesmos e completavam uma versão encurtada de um questionário chamado *Male Roles Attitudes Survey* (MRAS), elaborado por Pleck, Sonenstein e Ku (1994).

O questionário MRAS é descrito por Levon (2014) como um instrumento psicológico padrão, desenhado para aferir o grau de concordância dos respondentes em relação a oito afirmações que refletem aspectos normativos sobre o papel do gênero masculino (Cf. Anexo A). O autor explica que escolheu o MRAS como instrumento primário para aferir atitudes devido a seu objetivo de examinar até que ponto estereótipos sociais fazem com que a percepção de certa característica (p. ex. confiável) esteja ligada à identificação de outra (p. ex. masculino). Pontuações mais altas no questionário MRAS indicam uma maior aceitação de concepções normativas acerca do papel de gênero masculino.

No tocante às respostas dadas acerca de percepções de competência, fator que reúne escalas de diferenciais semânticos como inteligente/não inteligente, os resultados de Levon (2014) indicam que, quando os falantes foram ouvidos em seus *guises* com F_0 média mais alta (acrescida de 20 Hz), foram percebidos como significativamente menos competentes do que quando ouvidos em F_0 original, mas a duração aumentada de /-s/ bloqueia tal efeito. Em outras palavras, houve uma interação entre as duas variáveis que fez com que, quando ouvidos em seus *guises* com F_0 aumentada e /-s/ mais longo, os falantes não fossem mais percebidos como significativamente menos competentes.

As percepções acerca de gênero e sexualidade, que reúnem as escalas gay/não gay e masculino/não masculino, indicam uma complexa interação entre as variáveis (F_0), duração de /-s/ e o *score* obtido pelo respondente no questionário MRAS. Os resultados demonstram que, quando o ouvinte

¹⁶Em inglês, *likeability*.

obteve um *score* menor do que 2,5 (e que, portanto, aceita menos as normas estereotípicas acerca do papel de gênero masculino, em relação aos que obtiveram *scores* mais altos), as variáveis F_0 média e duração de /-s/ não tiveram efeito significativo sobre sua percepção. Todavia, quando o *score* obtido pelo participante era maior do que 2,5, ocorria uma associação entre essas variáveis linguísticas e percepções de gênero e sexualidade, de forma que os falantes eram ouvidos como mais gay e menos masculinos em seus *guises* com F_0 aumentada e /-s/ alongado. Além do *score* obtido no questionário MRAS, nenhuma outra variável de natureza não linguística teve efeito significativo sobre percepções de gênero e sexualidade. Tais resultados mostram que as atitudes do ouvinte condicionaram os significados que ele associa a certos traços linguísticos. Levon (2014) defende que essa interação garante uma sustentação empírica à noção de que os valores indiciais de traços linguísticos são mutáveis, tal como propõe Eckert (2012), e de que a ativação de um certo significado social depende de uma gama de fatores condicionantes.

Em relação à percepção de “agradabilidade”, que reúne escalas ligadas a solidariedade e atratividade social, observou-se que a anteriorização de /θ/, marca da fala da classe trabalhadora britânica, fez com que os falantes soassem mais agradáveis aos ouvintes. No entanto, a duração aumentada de /-s/ bloqueou tal efeito, de forma que, quando eram ouvidos *guises* com /-s/ mais longo, a anteriorização de /θ/ não teve efeito geral sobre percepções de “agradabilidade”. Para explicar tais resultados, Levon (2014) propõe que a percepção no campo de gênero/sexualidade iniba a percepção de “agradabilidade”, uma vez que envolvem dois estereótipos incompatíveis. Em outras palavras, o alongamento de /-s/, ligado ao estereótipo de uma fala gay/efeminada, seria inconsistente com o estereótipo da fala da classe trabalhadora suscitada pela variante de /θ/ anteriorizado. O autor também levanta a hipótese de que a variável duração de /-s/ possa ser mais saliente do que as demais, por ser muito mais proeminente foneticamente.

Por fim, com base em seus resultados, o autor argumenta que:

[...] precisamos olhar para além das conexões estáticas entre variáveis e a percepção de correlatos sociais e, ao invés disso, explorar como significados sociais relevantes emergem para certos ouvintes em contextos particulares.¹⁷ (LEVON, 2014, p. 559)

O trabalho de Levon (2014) é de grande relevância para a presente pesquisa por uma série de razões. Primeiramente, devido aos pressupostos teóricos

¹⁷Tradução própria de “[...] we need to move beyond looking for static connections between variables and perceived social correlates and instead explore how relevant social meanings emerge for certain listeners in particular contexts”.

comuns, que envolvem sobretudo as teorias emergentista e interseccional. Além disso, devido à proposta de, por meio de um questionário, verificar como atitudes individuais do ouvinte podem se correlacionar às suas percepções sociolinguísticas – método este que é utilizado, com modificações, no experimento cujos procedimentos são descritos no **Capítulo 3**. Por fim, o estudo de Levon (2014) traz a proposta de interseccionar os campos de gênero, sexualidade e classe social e verificar como variáveis linguísticas associadas aos três campos podem interagir em um experimento de percepção – algo que motiva a combinação entre as variáveis (CN), (F₀) e (-s) no experimento aqui reportado. De forma a explorar com mais detalhes a escolha por tais variáveis, são discutidos a seguir os trabalhos de Mendes (2018) e Sene (2022).

O estudo de Mendes (2018) é uma investigação sobre quão masculino ou efeminado pode soar um paulistano a depender dos efeitos das variáveis (CN) e (EN)¹⁸. Seu trabalho inclui quatro experimentos de percepção e uma análise de produção sociolinguística ao fim. Aqui são descritos de forma mais detalhada os três experimentos conduzidos por Mendes (2018) que incluem, isoladamente ou não, a variável (CN).

O primeiro experimento apresentado por Mendes (2018) trabalha com a variável (CN) de forma isolada e inclui as vozes de Carlos, Jaime, Robson e Lucas, participantes do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2013)¹⁹. A pergunta do pesquisador, ao conduzir tal experimento, é “se noções de masculinidade fazem parte da indicialidade de (CN)” (p. 59). O autor selecionou dois trechos da entrevista concedida por cada um dos homens em que originalmente era utilizada a concordância nominal padrão CN_p e produziu um novo *guise* para cada trecho, cortando as ocorrências finais de /-s/ e assim criando ocorrências da variante não padrão (CN \emptyset). Foram obtidas, de forma presencial, respostas de 100 participantes. Cada participante ouviu, em uma ordem constante, os quatro homens em algum de seus *guises*. Após ouvir cada áudio, o participante deveria indicar, em escalas de diferenciais semânticos, suas impressões sobre o homem ouvido. As escalas incluíam noções de competência (como nada/muito escolarizado), de “agradabilidade” (nada/muito amigável) e de gênero (nada/muito efeminado); além disso, havia caixas de seleção com características que podiam ser marcadas pelo participante – dentre elas, a característica “gay”. Como esperado, seus resultados mostram uma correlação entre (CN) e noções de competência, de forma que os falantes tendem a ser percebidos como significativamente

¹⁸Consiste na pronúncia de /ê/ em sílaba medial tônica, em palavras como *fazenda*, como um ditongo [ejn] ou monotongo [en].

¹⁹Disponível em <https://projeto2010.fflch.usp.br/>.

mais competentes em seus *guises* com CNp. Ademais, de forma menos esperada, é encontrada uma correlação entre a variável linguística e noções de gênero e sexualidade: todos os quatro homens tendem a ser percebidos como significativamente mais efeminados e a caixa de seleção “gay” tende a ser mais frequentemente assinalada quando ouvidos em seus *guises* com CNp. O autor entende esse resultado como uma forte evidência “de que a variável (CN) indicia significados baseados em gênero e sexualidade” (p. 78). Ademais, observa-se também uma interação entre as percepções de gênero e sexualidade e o sexo/gênero do respondente: homens tendem a perceber os falantes como significativamente mais efeminados e a marcar mais vezes a caixa de seleção “gay” do que mulheres.

O segundo experimento conduzido por Mendes (2018) também testa os efeitos de (CN) isoladamente, mas inclui vozes masculinas e femininas, pois parte do questionamento sobre como seria o efeito de (CN), no campo de gênero e sexualidade, para a voz feminina. Nesse experimento, as vozes de Carlos e Jaime são substituídas pelas de Ariane e Janaína, também participantes do projeto SP2010; já as vozes de Lucas e Robson são mantidas. Além disso, são incluídas outras escalas de diferenciais semânticos: ao invés da escala nada/muito efeminado, são utilizadas, para as vozes femininas, a escala de nada/muito feminina e, para as vozes masculinas, a escala de nada/muito masculino. As outras escalas foram mantidas. Obtiveram-se, de forma presencial, respostas de 80 participantes, que ouviram cada falante em um de seus *guises*, em uma ordem fixa. Os resultados obtidos demonstram que a (CN) tem efeito sobre percepções acerca de feminilidade e masculinidade apenas para os falantes Lucas e Janaína. Além disso, (CN) não tem efeito, nesse experimento, sobre a quantidade de vezes em que foi marcada a caixa de seleção “gay”/“lésbica” para cada falante – o que faz o autor sugerir que tal variável possa, em um experimento futuro, ser convertida de discreta para escalar, para verificar como se comportaria nesse cenário. Mendes chama atenção para o fato de que a diferença em relação aos resultados do experimento anterior pode se dever à mudança na escala, de mais/menos efeminado para mais/menos masculino/feminino, e também ao fato do experimento anterior apenas incluir vozes masculinas. Diante de tais resultados, o autor conclui que:

[...] (CN) pode ter um efeito na percepção de que uma falante soa mais ou menos feminina e que um falante soa mais ou menos masculino. Entretanto, esse efeito não é uniforme para todos os falantes, o que sugere que ele deve interagir com um outro – uma outra variável linguística, por exemplo. (MENDES, 2018, p. 98)

O terceiro experimento inclui apenas a variável (EN). Utilizando os mesmos

falantes e escalas do segundo experimento, as respostas de 44 participantes, coletadas *on-line*, indicam uma correlação entre a variável (EN) e noções de gênero para dois dos quatro falantes: Janaína é percebida como mais feminina e Lucas é percebido como menos masculino quando ouvidos em *guises* com a variante ditongada de (EN).

Diante dos resultados obtidos nos dois experimentos anteriores, o quarto e último experimento apresentado por Mendes (2018) tem o interesse de testar se as variáveis (CN) e (EN), quando combinadas em um mesmo experimento de percepção, poderiam potencializar sua indicialidade no campo do gênero/sexualidade. Além disso, procura-se discutir se os falantes se atentam não somente para variáveis de natureza fonética como (EN), mas também para variáveis de natureza gramatical como (CN). De acordo com Labov (1993) e Labov et al. (2011), elementos fonéticos e lexicais se estratificariam socialmente mais do que os elementos mais “profundos” da língua (aspectos gramaticais) – concepção esta que fundamenta o Princípio da Interface. Mendes (2018) afirma que esse princípio pouco tem sido explorado por trabalhos no campo da percepção sociolinguística, sendo um dos raros exemplos de experimento que combina uma variável gramatical a uma fonética o trabalho de Levon e Buchstaller (2015).

Para o último experimento conduzido por Mendes, foram criados quatro *guises* para os falantes Janaína e Lucas, que esgotam as combinações possíveis entre as duas variantes de (CN) e as duas variantes de (EN). Cada um dos participantes desse experimento ouviu um trecho da entrevista de cada falante em que havia uma ocorrência de (CN) e uma ocorrência de (EN). Foram obtidas respostas de 208 participantes, de forma *on-line*. Após ouvir cada um dos falantes, os participantes indicavam suas percepções em escalas de diferenciais semânticos semelhantes àquelas utilizadas no segundo experimento conduzido por Mendes (2018). Os resultados demonstram que, quando combinada a (EN), (CN) continua influenciando a percepção sociolinguística dos ouvintes, sobretudo no campo da competência. Assim, uma das conclusões mais gerais do pesquisador é a de que “os ouvintes são sensíveis, na percepção de como soam os falantes, não apenas a variáveis de natureza fonética, mas também a variáveis de natureza gramatical” (p. 131). No entanto, no caso do falante Lucas, a variável (EN) não tem efeito sobre percepções de gênero, mas (CN) tem, de forma que ele é percebido como menos masculino diante de CNp. Já no caso da falante Janaína, ocorre o inverso: (CN) não tem efeito sobre percepções acerca de seu gênero, mas a falante é percebida como mais feminina diante da variante ditongada de (EN). Os resultados mostram, além disso, que os efeitos das duas variáveis não são interdependentes, ou seja, não interagem do ponto de vista estatístico. O autor levanta a hipótese de que isso possa ocorrer devido às duas variáveis pertencerem a níveis linguísticos distintos.

Além disso, sugere que pesquisas futuras sobre percepção sociolinguística, que combinem variáveis linguísticas fonéticas às gramaticais, possam ajudar a elucidar tal ponto.

O trabalho de Sene (2022) trata do efeito das variáveis *pitch* médio (que equivale a F₀ média) e duração de /-s/ em coda na percepção de quão masculino soa determinado homem e assim se insere em um conjunto de trabalhos que tratam dos significados sociais dessas duas variáveis (GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998; SMYTH; JACOBS; ROGERS, 2003; LEVON, 2006, 2014; CAMPBELL-KIBLER, 2011, *inter alia*), mas é pioneiro ao tratar do tema especificamente em língua portuguesa. Tendo a teoria emergentista como pressuposto, o pesquisador apresenta a execução e os resultados de três experimentos de percepção sociolinguística: o primeiro deles trata da variável duração de /-s/ isoladamente; o segundo trata da variável *pitch* médio também de forma isolada; e o último combina as duas variáveis em um só experimento.

O experimento conduzido por Sene (2022) que trabalha com apenas a variável /-s/ utiliza as vozes dos mesmos falantes do primeiro experimento conduzido por Mendes (2018): os paulistanos gravados pelo projeto SP2010 Carlos, Jaime, Robson e Lucas. Foram produzidos, para cada falante, dois *guises*: um deles com duração original de /-s/ (0,07 a 0,13 milissegundos) e outro com duração aumentada (0,27 a 0,32 ms). O método adotado é o *matched-guise* com desenho *between-subject*, ou seja, cada um dos falantes é ouvido uma vez por cada respondente, em apenas um de seus *guises*. As escalas de diferenciais semânticos a serem respondidas após ouvir cada um dos falantes se concentram no campo da competência (p. ex. nada/muito escolarizado), “agradabilidade” (p. ex. nada/muito amigável), sexualidade (nada/muito gay) e gênero (nada/muito masculino). Os resultados obtidos através das respostas de 122 ouvintes demonstram que a variável duração de /-s/ tem efeito na percepção de quão masculino e gay soam os quatro falantes, e que isso ocorre sempre na mesma direção: os falantes são percebidos como mais gay e menos masculinos em seus *guises* com duração de /-s/ aumentada. Acerca de tais resultados, o autor faz a seguinte consideração:

Essa coesão social entre os respondentes no modo como eles avaliam a duração de /-s/ em posição de coda final reflete que essa variável está ligada a um certo esquema ideológico de maneira que lhe confere um alto valor simbólico, tão alto a ponto de torná-la uma forma linguística socialmente identificável ou, ainda, pode-se dizer que a referida variável acaba incorporando-se a um “registro” [...] Sendo assim, [...] a duração de /-s/ alongada digitalmente em português e outras línguas que já estudaram a mesma variável como o inglês [...] atestam que, por ser

traço de um ‘registro’, torna-se uma pista linguística importante na construção e percepção de aspectos sociais, tais como as dimensões de gênero e sexualidade. (SENE, 2022, p. 115)

O segundo experimento apresentado por Sene (2022) trabalha com a variável *pitch* médio de forma isolada. O autor gravou 12 entrevistas sociolinguísticas e, dentre elas, selecionou trechos dos oito falantes que mantinham seu valor de *pitch* médio inferior a 120 Hz. Para esses falantes, criou novos *guises* com aumento de 30 Hz em seu valor de *pitch* médio e assim compôs um experimento *matched-guise* com um desenho *within-subject*, em que cada falante é ouvido nos seus dois *guises*. Esse tipo de desenho faz com que o experimento fique mais longo, mas garante maior robustez aos resultados, uma vez que são aferidas as percepções de um mesmo ouvinte para cada *guise* de cada falante. As respostas de 294 ouvintes levaram ao resultado de que sete dos oito homens ouvidos são percebidos como mais gay e menos masculinos em seus *guises* com valor de *pitch* médio aumentado em 30 Hz. O autor entende a coesão social nas respostas como o reflexo da existência de um modelo cultural a partir do qual se desenvolve a crença de como um homem deve falar (‘ser homem’ é ‘falar grosso’), de forma que a fala com *pitch* médio elevado se torna uma forma linguística socialmente reconhecida, ou seja:

[...] a relação indicial entre *pitch* médio e a percepção de gênero e sexualidade passa a ser reconhecida quase que ‘de forma convencional’ dentro de um modelo cultural em que se compartilham noções em comum sobre masculinidade – por isso, as respostas dos participantes convergem na mesma direção. (SENE, 2022, p. 161)

O último experimento conduzido por Sene (2022) combina *pitch* médio e duração de /-s/, no interesse de verificar se as duas variáveis têm efeitos interdependentes sobre a percepção, sobretudo de gênero e sexualidade. Para isso, o autor aplica um experimento que tem desenho *between-subject* para a variável *pitch* médio e desenho *within-subject* para a variável duração de /-s/, garantindo assim maior robustez aos resultados, sem que o experimento ficasse excessivamente longo. Os falantes são os mesmos oito utilizados no experimento anterior. Além disso, como nos experimentos anteriores, as variantes de *pitch* médio correspondem ao valor original e o valor acrescido de 30 Hz; e as variantes de duração de /-s/ são a duração original (0,1 a 0,16 ms) e a duração alongada (0,28 a 0,35 ms). As respostas de 350 ouvintes demonstram uma interação estatística entre as duas variáveis, de forma que, quando a duração de /-s/ e o *pitch* médio aumentado são combinados, seus efeitos são potencializados, indo além da simples somatória entre os dois. Tal

resultado faz o autor chegar à conclusão de que *pitch* médio e duração de /-s/ têm campos indiciais que se conectam.

*

A presente pesquisa almeja, a partir da teoria emergentista do significado sociolinguístico e da noção de performatividade proposta pelos teóricos *queer*, estudar a emergência de significados sociais no campo do gênero e da sexualidade. A escolha das variáveis linguísticas estudadas, assim como a adoção de um Questionário de Atitudes como procedimento metodológico, são tentativas de incorporar a teoria interseccional à metodologia e à análise dos resultados do experimento proposto. Toma-se como pressuposto que a emergência de significados sociais a partir das variáveis em foco envolve fatores contextuais e faz parte de uma performance linguística expressa pelos falantes de cada áudio gravado, mesmo que sejam muito curtos. Entende-se que a combinação de três variáveis, em cada estímulo linguístico, possa levar a uma intersecção de percepções sociolinguísticas em diferentes campos sociais (p. ex. sexualidade e classe social), tendo em mente os resultados obtidos por Mendes (2018) e Sene (2022) a respeito da percepção sociolinguística das variáveis (CN), (F₀) e (-s).

3

Planejamento e execução

Este capítulo expõe a elaboração e a execução de um experimento que tem como objetivo avaliar a percepção sociolinguística de ouvintes diante de quatro estímulos linguísticos em voz masculina. Esses estímulos foram manipulados digitalmente de forma a criar *guises* que diferem entre si em apenas três aspectos específicos e controlados: a concordância nominal de número (CN), a duração de /-s/ em coda (-s) e a frequência fundamental média (F_0). Para tanto, o experimento aqui descrito envolve duas variantes de cada variável sociolinguística em foco: para (F_0), as variantes original F_0 e aumentada em 30 Hz F_{30} ; para (CN), as variantes padrão CNp e não padrão CNØ; e para (-s), as variantes alongada -s+ e não alongada -s. A seguir, são descritos os processos de [seleção e manipulação dos estímulos linguísticos](#) a serem ouvidos e de elaboração dos questionários [sociolinguístico](#) e [de atitudes](#) que fazem parte do experimento. Também é discutida, ao fim, sua [execução](#) e o [perfil de seus participantes](#).

3.1 Seleção e manipulação de estímulos linguísticos

Os estímulos linguísticos que compõem o experimento foram retirados das entrevistas dos falantes Carlos, Jaime, Robson e Lucas, que se encontram no *corpus* SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2013). Trata-se de quatro homens paulistanos, com idades entre 25 e 33 anos. Lucas e Robson estudaram até o Ensino Médio, enquanto Carlos e Jaime têm Ensino Superior. Lucas e Jaime são moradores do centro da cidade; Carlos e Robson moram na Zona Sul. Embora não testada de forma objetiva à época, foi comum a percepção, entre os documentos do projeto SP2010, de que Jaime e Lucas soam, de forma geral, mais gay e efeminados, ao passo que Carlos e Robson soam menos gay e mais masculinos. Os resultados obtidos por Mendes (2018) e Sene (2022) demonstram que esse padrão geral de percepção acerca dos quatro homens tende a se manter também em experimentos controlados.

Foi selecionado um trecho dentre os dois utilizados por Mendes (2018) para cada um dos quatro falantes em seu experimento sobre os efeitos de (CN), em que foi verificada a correlação positiva entre a variável linguística e a percepção de *gayness* e efeminidade por parte dos ouvintes. O critério para escolha dos trechos foi baseado na quantidade e clareza de pronúncia das ocorrências de /-s/. A Tabela 3.1 mostra os trechos de áudio escolhidos, com destaque para os sintagmas nominais que foram manipulados no que diz respeito à variável (CN), em negrito, e paras ocorrências de /-s/ que foram manipuladas, no que diz respeito à variável (-s), em sublinhas.

Tabela 3.1: Estímulos linguísticos selecionados com destaque aos trechos manipulados quanto a (CN), em negrito, e (-s), em sublinhas.

Falante	Trecho falado
Carlos	os meus amigos do outro prédio nem tenho tanto convívio mais al/ alguns poucos de vez em quando ao telefone <u>às vezes</u> quando... eu faço alguma coisa aqui em casa eu chamo eles vêm mas os meus amigos mesmo são os amigos do colégio né que também são (xxx)... até por causa da <u>escola</u> né o pessoal acaba escolhendo escolas próximas né então o pessoal mora tudo na região também...
Jaime	é o que falo até com meus amigos a gente é de uma geração muito privilegiada... porque a gente viveu... o analógico e agora o digital... pra lembrar as brincadeiras que não tinha internet não tinha computador não tinha nada e agora a gente vive plenamente a questão de do da informática... então é uma/ eu acho bem legal assim a gente viu os dois mundos e é e é bem louco porque foi uma mudança muito rápida né...
Robson	os caras têm lá o centro de treinamento tipo... uma rampona de madeira... uns esquis uns capacetes e tal que o cara desce a rampona e cai num monte de esponja faz umas manobrass umas coisas simples de fazer
Lucas	youê perde no mínimo duas horas do seu dia... assim isso eu tô falando o mínimo... porque no meu trabalho tinha pessoas que acordavam quatro horas da manhã pra estar no trabalho às oito... então perdem duas horas pra ir duas horas pra voltar se você multiplicar isso no dia já são quatro horas ... se você multiplicar isso vezes cinco dias da semana s/ quatro vezes cinco vinte já são eh vinte horas ...

É importante considerar que, originalmente, os trechos foram falados utilizando as variantes CNp, -s e F00, e que a manipulação ocorreu no sentido de criar *guises* em CNØ, -s+ e F30, de forma a esgotar as possíveis combinações entre as duas variantes de cada uma das três variáveis. Para obter esses *guises*, foram utilizadas as ferramentas de corte (no caso de CNØ), de copiar e colar (no caso de -s+) e de manipulação do *pitch* médio (no caso de F30) do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2020). Assim, o /-s/

final da última palavra dos sintagmas nominais destacados foi apagado, a duração de /-s/ em coda silábica foi aumentada em relação à sua duração original e a F_0 média foi aumentada em 30 Hz em relação à F_0 média original.

Escolheu-se trabalhar com essa variante de F_0 média aumentada por duas razões. Primeiramente, em virtude do experimento conduzido por Pie (2021b), que trabalhou com os mesmos trechos de áudio que são aqui trabalhados, mas somente com a variável (F_0), em suas variantes aumentadas em 20 Hz e 40 Hz. Foram obtidas evidências de que o aumento de 40 Hz gera mais efeitos significativos do que o aumento de 20 Hz, mas pode soar excessivo para alguns falantes, tornando sua voz distorcida ou fazendo com que parecesse se tratar de uma mulher. A segunda razão se deu em virtude dos experimentos conduzidos por Sene (2022), em que foi também utilizada a variante +30 Hz e se obtiveram efeitos significativos. A Tabela 3.2 apresenta, a seguir, a duração e o valor original de F_0 média dos trechos de áudio, que foi aumentada em 30 Hz para gerar os *guises* em F30.

Tabela 3.2: Duração, em segundos, e F_0 média original, em Hz, dos trechos selecionados para cada falante.

Falante	Duração	F_0 média
Carlos	17,6	109,6
Jaime	23,1	128,4
Robson	14,7	126,4
Lucas	21,8	164,2

A Tabela 3.3, por sua vez, mostra as durações mínima, média e máxima das ocorrências de /-s/ originais e manipuladas. A manipulação ocorreu no sentido de aumentar as durações de /-s/ o máximo possível, sem que soassem artificiais. Alguns outros linguistas da rede de conhecidos da autora avaliaram a naturalidade dos áudios e assim tentou-se chegar a variantes cujo aumento da duração de /-s/ fosse perceptível, mas que ainda soassem naturais ao ouvinte.

Tabela 3.3: Duração mínima, média e máxima das ocorrências de /-s/ originais e manipuladas, em milissegundos.

Falante	Duração -s original			Duração -s+ alongado		
	Mínima	Média	Máxima	Mínima	Média	Máxima
Carlos	50	90	162	127	165	299
Jaime	65	116	226	122	220	429
Robson	46	117	246	65	186	361
Lucas	54	90	156	101	158	267

Foram produzidos, assim, oito *guises* para cada falante (duas variantes de (F₀) x duas variantes de (CN) x duas variantes de (-s) = oito). A composição de cada *guise* (chamados D1–D8), no que diz respeito às variáveis em foco, é apresentada na Tabela 3.4. Tratando-se de quatro falantes, há um total de 32 estímulos linguísticos produzidos (quatro falantes x oito *guises* = 32). A partir dos *guises* D1–D8, que foram confeccionados para cada um dos quatro falantes, produziram-se oito conjuntos de áudios. Cada participante do experimento ouviu um desses conjuntos, de forma que cada falante foi ouvido em apenas um de seus *guises*, mas os falantes são sempre ouvidos na mesma ordem (aquela apresentada nas últimas tabelas). A composição desses conjuntos (chamados de Cj1–Cj8) é dada na Tabela 3.5.

Tabela 3.4: Composição dos *guises*.

<i>Guise</i>	(F ₀)	(CN)	(-s)
D1	F00	CN _p	-s
D2	F00	CN _∅	-s
D3	F00	CN _p	-s+
D4	F00	CN _∅	-s+
D5	F30	CN _p	-s
D6	F30	CN _∅	-s
D7	F30	CN _p	-s+
D8	F30	CN _∅	-s+

Tabela 3.5: Composição de cada conjunto de áudio ouvido no experimento, de acordo com o *guise* de cada falante.

Falante	Cj1	Cj 2	Cj3	Cj4	Cj5	Cj6	Cj7	Cj8
Carlos	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8
Jaime	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D1
Robson	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D1	D2
Lucas	D4	D5	D6	D7	D8	D1	D2	D3

Uma vez que cada falante foi ouvido apenas uma vez por cada participante, pode-se afirmar que o experimento foi desenhado dentro do modelo *between-subject*. De fato, o modelo *within-subject*, utilizado em um dos experimentos conduzidos por Sene (2022), poderia trazer resultados mais robustos, por incluir as respostas de um mesmo ouvinte diante de um mesmo falante. Todavia, tal modelo faz com que o experimento fique consideravelmente mais longo. Considerando que o experimento aqui descrito inclui a aplicação de um [questionário de atitudes](#), que já aumenta sua duração, decidiu-se por utilizar o modelo *between-subject*. Assumiu-se que, assim, o experimento ficaria menos cansativo, o que evitaria possíveis desistências.

3.2 Elaboração do questionário sociolinguístico

Antes de responder ao questionário, uma mensagem inicial com instruções foi apresentada aos participantes (Cf. Anexo B). Logo após as instruções iniciais, havia a pergunta “Em que estação do ano você nasceu?”. Essa pergunta teve a função de determinar para qual conjunto de estímulos o participante seria direcionado. Esse método fez com que fossem criados apenas dois *links* a serem divulgados, ao invés de oito, que é o número total de conjuntos (Cf. Tabela 3.5). Segue-se então o questionário sociolinguístico, a ser respondido pelos participantes depois de ouvir cada um dos áudios. O questionário foi elaborado de forma semelhante aos questionários dos estudos de percepção de Levon (2014), Oushiro (2015), Canever (2017), Mendes (2018), Santos (2020) e Sene (2022) e pode ser conferido no Anexo C.

Após ouvir cada um dos áudios, pergunta-se ao participante a respeito de algumas características que ele ou ela associaria ao falante do trecho ouvido. As características “inteligente”, “gay”, “formal”, “simpático” e “efeminado” foram dispostas em escalas de diferenciais semânticos de cinco pontos que vão de “nada (característica)” a “muito (característica)”. Depois, pergunta-se sobre a classe social do falante. Embora as respostas de múltipla escolha para essa questão sejam categorias nominais, elas seguem uma ordem que vai de classe baixa até classe alta e totalizam cinco categorias, comparáveis à escala utilizada na questão anterior (por essa razão, nas *Análises*, “classe” é tratada como uma escala). Por fim, é opcional ao participante marcar, em caixas de seleção, outras características que associe ao falante, dentre uma lista de 16 características, além da opção “outro”, que podia ser preenchida como o participante desejasse.

Tanto as características dispostas em escalas quanto aquelas dispostas em caixas de seleção são as mesmas utilizadas por Mendes (2018), em seus experimentos que envolvem os mesmos falantes, com o acréscimo da escala pouco/muito gay, pois essa característica foi tratada como variável discreta em seu trabalho. Ademais, deve-se ressaltar que as características dispostas em escalas de diferencial semântico buscam contemplar as dimensões da sexualidade (“gay” e “efeminado”), da solidariedade (“simpático”) e da competência (“inteligente” e “formal”), sendo as duas últimas dimensões comumente exploradas em trabalhos de percepção desde Lambert et al. (1960). As características dispostas em caixas de seleção, por outro lado, foram propostas imaginando-se que poderiam vir a compor o campo indicial de significação das variáveis linguísticas estudadas, relacionando-se a elas talvez de forma menos direta.

Assim, o interesse principal do experimento é verificar como as respostas às escalas de nada/muito gay e nada/muito efeminado se comportarão diante das variáveis (CN), (-s) e (F₀). Todavia, resultados ligados ao comportamento das outras características presentes no questionário diante das três variáveis também podem ajudar a responder às perguntas de pesquisa, uma vez que a percepção de uma *persona* sociolinguística depende da associação entre traços linguísticos e características sociais diversas, que se complementam e se intersectam.

Após as perguntas sobre cada um dos quatro áudios ouvidos, o experimento trazia algumas perguntas de natureza demográfica-social, que podem ser verificadas em sua totalidade no Anexo D. As respostas solicitadas ao ouvinte são aquelas que são tradicionalmente solicitadas em estudos sociolinguísticos: gênero, escolaridade, idade, ocupação, local de nascimento. Além disso, foram incluídas perguntas sobre a orientação sexual do ouvinte e a quantidade de amigos LGBT que ele possui, pois supôs-se que o grau de proximidade com esse grupo pode estar correlacionado a percepções ligadas a gênero e sexualidade. Por fim, após responder às perguntas de natureza demográfica-social, o participante respondia ao Questionário de Atitudes (Cf. Tabela 3.6) cuja elaboração será descrita a seguir.

3.3 Elaboração do Questionário de Atitudes

Um Questionário de Atitudes (Q.A.) foi construído com o intuito de calcular, de forma simplificada e rápida, as atitudes do participante diante da homossexualidade masculina. Para isso, foi criado um questionário baseado na Escala Multidimensional de Atitudes face a Mulheres Lésbicas e Homens Gays proposta por Gato, Fontaine e Carneiro (2012). A principal razão para a escolha dessa escala foi sua multidimensionalidade, que inclui tanto formas modernas como formas tradicionais de preconceito contra a homossexualidade. A escolha por trabalhar com um modelo modificado da Escala proposta por Gato, Fontaine e Carneiro (2012), e não com o questionário *Male Roles Attitudes Survey* (Cf. Anexo A), utilizado no experimento de Levon (2014), se deve ao fato de que o interesse principal deste estudo é de verificar se atitudes diante da homossexualidade masculina, e não diante da divisão de papéis de gênero, estão correlacionadas a percepções de gênero e sexualidade na voz masculina. Assim, embora se utilize aqui um recurso metodológico inspirado no trabalho de Levon (2014), isso é feito a partir de um interesse e uma hipótese distintos.

A Escala Multidimensional de Atitudes face a Mulheres Lésbicas e Homens Gays traz dezenas de afirmações divididas em quatro fatores, que representam

quatro dimensões do preconceito. O fator (1), de acordo com os autores, é uma dimensão do preconceito tradicional, que se resume à rejeição de proximidade com homossexuais. O fator (2), por outro lado, é uma dimensão do preconceito moderno, baseada em formas mais sutis de discriminação, como deixar de apoiar esse grupo de pessoas na sua busca por direitos sociais. O fator (3) é também uma dimensão moderna do preconceito e portanto mais sutil, que consiste em condenar a visibilidade e a livre expressão desses grupos na sociedade. Já o fator (4) é uma dimensão de preconceito tradicional e consiste na condenação moral e na patologização da homossexualidade.

Era de interesse para o estudo aqui descrito que o Q.A. fosse relativamente curto, para evitar que os participantes desistissem do experimento, mas que fossem abordadas todas as formas de preconceito descritas por Gato, Fontaine e Carneiro (2012). Assim, foram selecionadas e reformuladas duas afirmações ligadas a cada fator. Na Tabela 3.6 são apresentadas as afirmações selecionadas e a dimensão do preconceito correspondente a cada uma delas. Cada afirmação, no experimento, vem acompanhada de uma escala *Likert* de cinco pontos a ser preenchida pelo participante, que ia da opção “concordo fortemente” à opção “discordo fortemente”. Escolheu-se manter a opção de um ponto neutro, “não sei”, por acreditar-se que alguns dos participantes poderiam não saber como se posicionar diante de algumas afirmações. Para o cálculo do índice obtido por cada participante em suas respostas dadas, assumiu-se uma escala em que pontuações mais altas equivalem a atitudes mais negativas diante da sexualidade masculina. Assim, era acrescido um ponto para quem discordasse fortemente, até cinco para quem concordasse fortemente (dois para quem discordasse em partes, três para quem respondesse não saber e quatro para quem respondesse concordar em partes) com as afirmações 2, 6, 7 e 8; a pontuação foi calculada de modo inverso para as afirmações 1, 3, 4 e 5. O valor final obtido foi dividido por oito, de forma que o índice corresponde a uma média das respostas dadas para cada afirmação, sendo 1 o valor mínimo e o 5 o valor máximo que pode ser obtido.

Tabela 3.6: Afirmações do Q.A. e fatores do preconceito associados a cada uma.

Questão	Fator
1. Eu não me importaria em ter um filho gay.	(1)
2. Me sinto desconfortável quando vejo dois homens se beijando em público.	(1)
3. Aos homens gays deve ser garantida igualdade de direitos.	(2)
4. Educação sexual nas escolas deve tratar também da sexualidade gay.	(2)
5. A adoção de crianças por casais de homens gays é algo normal.	(3)
6. Casais de homens gays impõem seu estilo de vida às outras pessoas.	(3)
7. A crescente aceitação da sexualidade gay na nossa sociedade é uma ameaça à família tradicional.	(4)
8. A sexualidade gay é uma anomalia psicológica.	(4)

3.4 Execução

O experimento foi aplicado de forma *on-line* durante o mês de outubro de 2022. Os participantes foram recrutados pelas redes sociais WhatsApp²⁰, Facebook²¹ e Twitter²² a partir sobretudo das redes de amigos, colegas e familiares da pesquisadora, mas também em grupos de bairros paulistanos do Facebook. A plataforma utilizada para aplicação do experimento foi o Google Forms²³, que é gratuito e suporta questionários com vídeos do YouTube²⁴, onde foram disponibilizados os áudios a serem ouvidos. Foram enviados, no total, 204 questionários respondidos – ou seja, respostas de 204 pessoas. O tempo médio para participar do experimento era de seis a oito minutos. A plataforma do Google Forms não disponibiliza informação sobre desistências, mas apenas sobre formulários preenchidos e enviados; mesmo assim, nenhum participante entrou em contato informando ter desistido.

Não houve grandes imprevistos durante a aplicação do experimento. Cinco ouvintes relataram apenas um incômodo ao “julgar pessoas”. Sempre foi lembrado aos participantes que eles estariam livres para deixar de responder ao questionário caso sentissem qualquer desconforto. Deve-se considerar, contudo, que as perguntas sobre as quais foi relatado algum desconforto eram aquelas a respeito das características “gay” e “efeminado”. Isso parece sugerir que, para certos respondentes, há algum desconforto em pensar além da “neutralidade” heteronormativa, de forma que, para eles, avaliar um sujeito

²⁰Disponível em <<https://www.whatsapp.com>>.

²¹Disponível em <<https://www.facebook.com>>.

²²Disponível em <<https://twitter.com>>.

²³Disponível em <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>.

²⁴Disponível em <<https://www.youtube.com>>.

como não-hétero seria “errado” ou “ofensivo”. Também é possível, todavia, que o desconforto tenha surgido por acreditarem que o experimento parta do pressuposto de que haja uma unidade e rigidez a respeito das categorias “gay” e “fala gay” (mesmo que não parta). Esse tipo de interpretação foi relatada por um dos respondentes no experimento de Pie (2021b), que utiliza os mesmos trechos de áudio e as mesmas questões daquele aqui descrito, mas trabalha somente com a variável (F_0). Além disso, é importante salientar que esse incômodo relatado, seja qual for sua motivação, pode ter influenciado as respostas dadas nesses dois itens. Tem-se aqui um indício de que a interpretação do sujeito, que inclui suas crenças e atitudes, contribui para o processo de significação social.

Vale comentar que o período em que as respostas foram coletadas foi marcado pela campanha eleitoral do segundo turno das eleições para presidente da república, que aconteceu no dia 30 de outubro de 2022. Após quatro anos de grande instabilidade política e econômica sob o governo de Jair Bolsonaro e com a volta do ex-presidente Lula ao cenário político, os ânimos dos brasileiros se mostravam particularmente exaltados. Nesse período, o país estava dividido entre os dois candidatos e, com isso, os debates de cunho político e ideológico se tornaram mais efusivos – e esta pesquisa também se insere em meio a tais debates, principalmente por trazer um questionário com o objetivo de aferir posicionamentos mais conservadores ou progressistas a respeito da homossexualidade masculina. Assim, deve-se considerar que a rede de contatos da autora que foi contatada para a coleta de respostas se posiciona, em sua maioria, no campo político da esquerda e que muitos deles, naquele momento, desejavam reafirmar seu posicionamento e se distanciar do campo político-ideológico adversário. Ademais, o questionário a ser respondido *online* sugeria, mesmo que de forma implícita, um interesse por temas que são muitas vezes menosprezados pela extrema direita (gênero e sexualidade²⁵). É muito provável que esse cenário político tenha influenciado as respostas, bem como a postura dos respondentes diante do tema da pesquisa. Mantém-se a suposição, com isso, de que muitas das pessoas conservadoras que acabaram por entrar em contato com o experimento podem ter escolhido não participar.

²⁵É frequente entre grupos de extrema direita brasileira a alusão a uma suposta “ideologia de gênero” que, de acordo com eles, seria estimulada pela esquerda brasileira e fomentada por estudos que, como este, desatrelam as noções de gênero e sexo biológico, concebem a identidade de gênero além da oposição binária masculino/feminino e investigam a diversidade sexual humana. A “ideologia de gênero” seria uma ameaça às crianças e à família tradicional (JUNQUEIRA, 2017). Nesse cenário, o contato com trabalhos acadêmicos voltados ao campo do gênero e da sexualidade podem vir a gerar um *pânico moral* (COHEN, 1987) em certas pessoas, particularmente em um contexto pré-eleitoral.

3.4.1 Perfil dos participantes

São apresentadas, a seguir, informações quantitativas a respeito do perfil social dos 204 participantes do experimento, que foram coletadas por meio das perguntas de natureza demográfica social (Cf. Anexo D) e do Questionário de Atitudes.

A Tabela 3.7 apresenta o número de participantes de acordo com o gênero com o qual se identificam. O participante poderia responder que se identifica com o gênero masculino, feminino ou outro (opção que não foi escolhida por nenhum deles). As categorias foram pensadas como identidades de gênero, podendo os gêneros masculino e feminino incluir pessoas cis e trans, enquanto a opção “outro” incluiria identidades de gênero trans não-binárias ou outras. Note-se que a maioria dos respondentes se identifica com o gênero feminino (pouco mais de 60%), mas há também uma quantidade expressiva de respondentes (quase 40%) que se identifica com o gênero masculino. As categorias de “masculino” e “feminino” foram, então, mantidas para a análise, já que ambas possuem uma boa quantidade de respondentes.

Tabela 3.7: Quantidade de participantes de acordo com seu gênero e valores percentuais correspondentes.

Gênero	N	%
Feminino	124	60,8
Masculino	80	39,2
Total	204	100,0

Já a Tabela 3.8 mostra a distribuição dos ouvintes de acordo com seu nível de escolaridade: mais de 90% do total de participantes possui pelo menos Ensino Superior (completo ou incompleto) e a exata metade tem Pós-Graduação (completa ou incompleta). Tem-se, assim, uma amostra pouco representativa da realidade brasileira; além disso, diante do baixo número de ouvintes com escolaridade fundamental ou média, essa variável não foi incluída nas análises.

Tabela 3.8: Quantidade de participantes de acordo com sua escolaridade e valores percentuais correspondentes.

Escolaridade	N	%
Ensino Fundamental	3	1,5
Ensino Médio	10	4,9
Ensino Superior	89	43,6
Pós-Graduação	102	50,0
Total	204	100,0

Além de identificação com gênero, os ouvintes puderam responder sobre sua orientação sexual, cujas categorias apresentadas foram: heterossexual, homossexual²⁶, bissexual ou outra (esta última poderia ser escolhida pelo ouvinte que, por exemplo, se identifica como assexual). Tal como mostra a Tabela 3.9, mais de 70% dos ouvintes se identifica como heterossexual, de maneira que, para as análises, consideraram-se duas categorias: “heterossexual” e “outras” (que agrupa as demais e representa 24% dos respondentes). Optou-se por dividir, assim, os respondentes de acordo com sua (não)heterossexualidade, buscando assim garantir o equilíbrio numérico, mas também refletir os efeitos da heterossexualidade compulsória, que faz com que todos aqueles que não são heterossexuais sejam colocados à margem.

Tabela 3.9: Quantidade de participantes de acordo com sua orientação sexual e valores percentuais correspondentes.

Orientação Sexual	N	%
Heterossexual	155	76,0
Homossexual	17	8,3
Bissexual	31	15,2
Outra	1	0,5
Total	204	100,0

A Tabela 3.10 mostra como os ouvintes se distribuem de acordo com seu local de nascimento. Mais da metade deles são naturais da capital São Paulo. Assim, da mesma forma que no caso de orientação sexual, essa variável foi reorganizada em duas categorias: capital vs. “outros”, a segunda das quais inclui ouvintes nascidos no interior ou litoral de São Paulo, em outro estado ou em outro país.

²⁶A categoria “homossexual” foi pensada de forma a abarcar gays, lésbicas e outras pessoas que assim se identificassem, como forma de sistematizar a organização das categorias dentro da variável “orientação sexual”. Essa decisão não foi tomada sem alguma ponderação prévia, no entanto, tendo em vista que há lésbicas e gays que preferem utilizar os termos “lésbica” e “gay” do que “homossexual” para descrever sua sexualidade.

Tabela 3.10: Quantidade de participantes de acordo com seu local de nascimento e valores percentuais correspondentes.

Local de Nascimento	N	%
Capital	109	53,4
SP - litoral ou interior	39	19,1
Outro estado	53	26,0
Outro país	3	1,5
Total	204	100,0

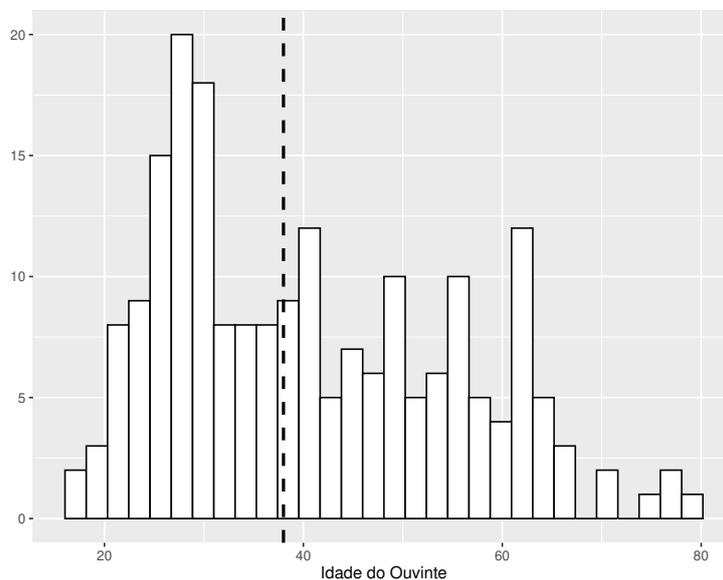
Finalmente, a Tabela 3.11 agrupa os ouvintes de acordo com suas respostas à pergunta “você tem muitos amigos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais)?”. A exata metade deles disse que tem muitos amigos LGBT; a outra metade inclui as respostas “sim, poucos”, “não” e “não e prefiro não ter”; aqui também, essas categorias representadas por um número menor de ouvintes foram reagrupadas em “outros”, para fins de análises quantitativas – esse agrupamento se deveu sobretudo ao fato de que houve poucas respostas “não” (15) e apenas uma resposta “não e prefiro não ter”.

Tabela 3.11: Quantidade de participantes de acordo com sua resposta à pergunta “você tem amigos LGBT?” e valores percentuais correspondentes.

Amigos LGBT	N	%
Muitos	102	50,0
Poucos	86	42,2
Não	15	7,3
Não e prefiro não ter	1	0,5
Total	284	100,0

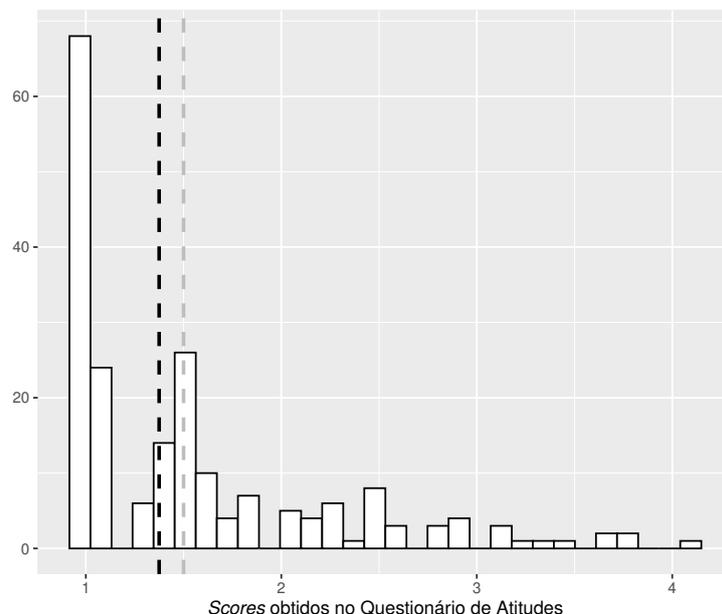
A distribuição dos ouvintes de acordo com sua idade e com seus índices calculados a partir das respostas ao Q.A. é representada na forma de histogramas, respectivamente nas Figuras 3.1 e 3.2. No momento de sua participação no experimento, o ouvinte mais jovem tinha 18 anos e o mais idoso 80. A média das idades dos ouvintes é 40,6 anos e a mediana é 38.

Figura 3.1: Histograma dos valores de frequência correspondentes às idades dos participantes. A linha tracejada preta marca a mediana (38 anos).



Na Figura 3.2, o histograma dos índices calculados para as respostas dos ouvintes às oito questões do Q.A. mostra que eles variam entre 1 e 5. O índice 1 revela um posicionamento em geral favorável a questões relativas à homossexualidade. Contrariamente, o índice 5 revela um posicionamento mais conservador, mais preconceituoso. A média total desses índices é 1,56, enquanto a mediana é 1,37 – o que indica que a grande maioria dos ouvintes que se voluntariaram a participar do experimento se posiciona de maneira aberta, favoravelmente a questões relativas a homossexualidade (ao menos, de acordo com as respostas dadas). Por isso, para a inclusão da variável “índice de respostas ao Q.A.” nas análises dos dados perceptuais, esses valores foram divididos em dois grupos: índices menores ou iguais a 1,5, composto por 138 participantes, e índices acima de 1,5, que agrupa 66 dos respondentes. Vale comentar que as observações feitas acerca do período em que o experimento foi aplicado e do perfil político e ideológico da rede de contatos da autora (Cf. *Execução*) ajudam a explicar a postura em geral favorável diante da homossexualidade masculina e, conseqüentemente, os valores de média e mediana próximos de 1 para o índice de respostas ao Q.A.

Figura 3.2: Histograma dos valores de frequência correspondentes aos índices obtidos pelos ouvintes no Q.A. A linha tracejada preta marca a mediana (1,37) e a linha tracejada cinza marca o valor de 1,5.



As características sociais do ouvinte têm um papel importante nas análises dos resultados obtidos, que vêm a seguir, no [Capítulo 4](#). Essas características entram em alguns dos modelos estatísticos como variáveis fixas, na tentativa de se explorar possíveis correlações entre a percepção das variáveis linguísticas e as características sociais dos ouvintes. No experimento de Mendes (2018), por exemplo, foi encontrada uma correlação entre as respostas e o sexo/gênero²⁷ do ouvinte, que indica que os respondentes homens tendem a avaliar os falantes como significativamente mais efeminados do que as respondentes mulheres (Cf. seção 2.4). Deve-se salientar que, para este trabalho, a variável social sobre a qual se tem maior expectativa é o índice de respostas ao Q.A.: espera-se que o índice obtido pelos ouvintes possa estar relacionado de alguma forma às suas percepções acerca das variáveis (F₀), (-s) e (CN), sobretudo no tocante a gênero e sexualidade.

²⁷Mendes (2018) trabalha com a categoria “sexo/gênero”, sugerindo assim uma equivalência entre os dois termos. No presente estudo, no entanto, tentou-se fazer uso de categorias mais afeitas à Teoria *Queer* e aos debates contemporâneos sobre gênero e sexualidade, e por isso escolheu-se trabalhar com o termo “identidades de gênero”. No entanto, deve-se ter em mente que lidar com categorias que descrevem a experiência psicossocial humana é sempre desafiador e pode envolver tomadas de decisão em alguma medida arbitrárias (como aquela que se tomou em relação à categoria “homossexual”).

4

Análise dos resultados

Após coletadas as respostas dos ouvintes, elas foram organizadas em uma planilha, de forma que cada linha correspondesse às respostas dadas por um certo ouvinte para cada estímulo ouvido. No total, são 816 linhas (204 ouvintes x quatro estímulos). As análises estatísticas dessas respostas, reportadas neste capítulo, foram então feitas utilizando a linguagem de programação R (R CORE TEAM, 2023).

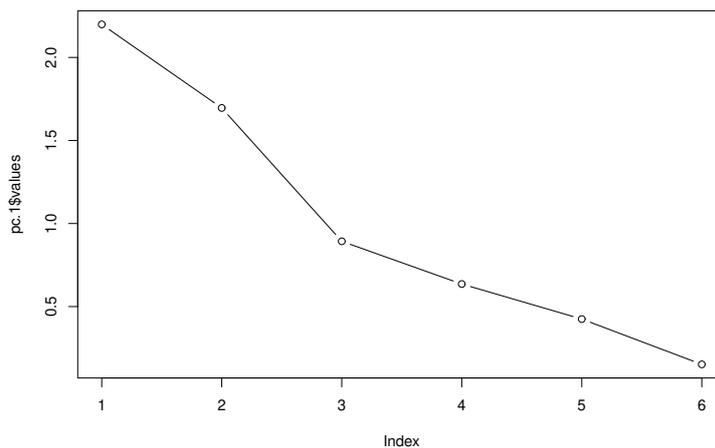
Este capítulo apresenta, primeiramente, uma [Análise de Componentes Principais](#) das seis escalas de diferenciais semânticos que compõem o questionário sociolinguístico; depois, são apresentados e discutidos os resultados para cada um dos CPs, mas de forma mais detida para o CP1, Gênero/Sexualidade, em correlação com as variáveis sociais, em especial o índice do Q.A.. Então é proposta uma [representação dos campos indiciais](#) das variáveis sendo estudadas. Ao fim, as análises são resumidas e comentadas em uma seção chamada [Síntese](#).

4.1 Análise de Componentes Principais

O primeiro passo para analisar as reações dos ouvintes aos estímulos na forma de respostas às escalas de diferenciais semânticos (Cf. Anexo C) foi realizar uma Análise de Componentes Principais (ACP) dessas escalas. Tal análise tem o objetivo de verificar se há algum padrão de correlação entre as seis escalas, de forma que possam ser reduzidas a Componentes Principais (CPs). Por exemplo, se no geral os falantes que são ouvidos como mais gay também são ouvidos como mais efeminados, há uma correlação positiva entre essas escalas e elas constituem, a rigor, um único componente nas respostas. A ACP feita sobre os dados gerais utilizando o pacote *psych* (WILLIAM REVELLE, 2023) do programa R gerou um *scree plot* que é apresentado na Figura 4.1. Trata-se de uma plotagem dos “autovalores que representam a quantidade de variância associada ao fator”. Os componentes a serem considerados são aqueles cujo fator de variância (eixo *y*) está acima ou próximo de 1 e que apresentem “uma determinada inclinação que mostre

uma suavização dos outros fatores” (SENE, 2022, p. 104). O gráfico indica, devido aos valores de variância e à inclinação, que as respostas podem ser reduzidas a três CPs.

Figura 4.1: *Scree plot* gerado pela ACP das respostas.



A Tabela 4.1 demonstra que os três CPs aos quais as seis escalas foram reduzidas explicam, juntos, 80% da variância nas respostas. O primeiro CP, chamado aqui de Gênero/Sexualidade, explica 34% da variância nas respostas e compreende as escalas “gay” e “efeminado” justamente como se exemplificou há pouco. Foi dado esse nome ao primeiro CP pelo fato de que ele integra escalas referentes a gênero e a sexualidade. Devido a ser esse o primeiro CP selecionado, é também aquele que explica a maior variância nas respostas, o que faz sentido, já que se trabalhou com variáveis – (-s) e (F_0) – cujo significado social é normativamente ligado a gênero e sexualidade, segundo estudos anteriores (Cf. seção 2.4). O segundo CP, chamado Agradabilidade, compreende 25% da variância nas repostas e integra as escalas de “inteligente” e “simpático”. Esse nome foi dado ao segundo CP em um movimento interpretativo, na tentativa de resumir, em uma só palavra, noções de inteligência e simpatia. Deve-se ter em mente, contudo, que não se trata de uma tradução perfeita, já que ser agradável não equivale, necessariamente, a ser inteligente e simpático. O terceiro CP, por fim, chamado *Status*, explica 21% da variância nas repostas e compreende a escala “formal” e, relativamente com menos força, a escala “classe”, já que o índice correspondente é menor que 0,7 (CANEVER, 2017; MENDES, 2018; SANTOS, 2020; SENE, 2022, *inter alia*). Novamente, o nome *Status* se deve à tentativa de resumir, em uma palavra, as noções de formalidade e classe social.

Tabela 4.1: Correlações entre as respostas nas seis escalas (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax).

	CP1	CP2	CP3
	GÊNERO/SEXUALIDADE	AGRADABILIDADE	STATUS
Inteligente	0,06	0,77	0,20
Gay	0,93	0,04	0,07
Formal	0,30	-0,07	0,86
Simpático	-0,02	0,96	-0,16
Efeminado	0,94	-0,02	0,05
Classe	-0,41	0,02	0,68
Eigenvalue	2,02	1,51	1,26
% Variância	34	25	21
% Acumulativa	34	59	80

Para verificar se as seis escalas poderiam ser reduzidas aos três mesmos CPs a depender do índice de respostas ao Q.A. obtido pelo ouvinte, foram feitas duas ACPs adicionais: uma para os ouvintes que obtiveram índices menor ou igual a 1,5 e outra para aqueles que obtiveram índices acima de 1,5 (Cf. Anexo E). Os resultados, no entanto, se mostram muito semelhantes àqueles obtidos na ACP feita com os dados gerais. Isso indica que o índice de respostas ao Q.A. não tem influência sobre a forma como as seis escalas foram lidas, no tocante aos CPs.

A partir da ACP, são gerados *scores* para cada um dos CPs identificados nas respostas. Os *scores* considerados para as análises a seguir são aqueles gerados pela ACP feita com os dados gerais (Tabela 4.1), já que pouco diferem daquelas feitas separadamente para os dois grupos de ouvintes divididos de acordo com seu índice Q.A.. Parte-se então para análises que buscam estabelecer correlações entre os *scores* gerados para cada CP e as variáveis linguísticas e sociais aqui consideradas.

4.1.1 CP1: Gênero/Sexualidade

O primeiro passo, na análise do CP1, foi verificar se as reações dos ouvintes variam significativamente para cada falante a depender da variante linguística ouvida. Assim, pode-se explorar se e como as variáveis (CN), (-s) e (F₀), separadamente, têm efeito sobre a percepção que se tem de cada falante, e também se tiveram algum efeito global, para todos os falantes ouvidos. A seguir, apresentam-se resultados de três modelos de regressão simples, que tomam os *scores* do CP1, que integra as escalas de “gay” e “efeminado”, como variável dependente e incluem, como variáveis predictoras, o falante e uma das variáveis linguísticas – (-s), (CN) ou (F₀) – de forma isolada, além do ouvinte

como efeito aleatório²⁸.

A Figura 4.2 a seguir apresenta as distribuições das respostas para cada um dos quatro falantes, quando ouvidos nos *guises* em -s, em que as ocorrências de /-s/ foram ouvidas com duração original, e -s+, em que foram ouvidas com duração alongada. Já a Tabela 4.2 traz o resumo do modelo de regressão que testa os efeitos fixos das variáveis “Falante” e (-s), em interação²⁹. Trata-se de um modelo de efeitos mistos, já que, além das variáveis fixas, a variável “Ouvinte” foi incluída como efeito aleatório. Essa inclusão garante que se possa verificar se há algum padrão significativo nas respostas do conjunto geral, visto que as respostas podem variar muito de ouvinte para ouvinte e isso deve ser levado em conta (OUSHIRO, 2017, 2022; MENDES, 2018; SENE, 2022). O gráfico e a tabela demonstram que Jaime e Lucas soam significativamente ($p < 0,01$) mais gay/efeminados do que Carlos, que é o *intercept*. Já entre Carlos e Robson não há diferença significativa. Esse resultado faz sentido, já que está de acordo com a percepção dos documentadores do Projeto SP2010 (não testada à época da execução do projeto) de que Jaime e Lucas soam mais gay/efeminados do que Carlos e Robson (MENDES, 2018); os resultados de Mendes (2018) e Sene (2022) mostram essa mesma diferença.

Mais importante nesta análise, contudo, é o fato de que, no geral, os *guises*/estímulos com -s alongado são percebidos como significativamente ($p < 0,001$) mais gay/efeminados do que com -s original (o *intercept*). Esse resultado vai ao encontro do estudo de Sene (2022) sobre duração de (-s). No entanto, existe uma interação significativa ($p < 0,001$) entre a variável (-s) e o falante, que demonstra que Robson soa menos gay/efeminado no *guise* -s+, algo que pode ser visualizado também na Figura 4.2. Trata-se de um resultado inesperado. Deve-se ter em mente, ao interpretar esse resultado, que Robson é frequentemente apontado, tanto nos estudos de Mendes (2018) e Sene (2022), quanto pelas opiniões pessoais de documentadores do Projeto SP2010, como o homem que soa mais masculino dentre os quatro. Pode-se supor, assim, que Robson soa tão pouco gay/efeminado que se torna “imune” ao efeito da variável (-s), associada a significados sociais no campo do gênero e sexualidade. É importante destacar que, como mostra a Figura 4.2, o efeito da variável (-s) sobre Lucas é menos acentuado, se comparado àqueles sobre Carlos e Jaime. Assim como Robson é frequentemente apontado como aquele que soa menos gay/efeminado dentre os quatro homens, Lucas é frequentemente apontado como o que soa mais gay/efeminado. Pode-se supor, assim, que a variável (-s) tem parte de seu efeito “bloqueado” para falantes que soam muito gay/efeminados, e também para aqueles que soam muito masculinos

²⁸Fórmula: $CP1 \sim \text{Falante} * \text{Variável linguística} + (1|Ouvinte)$

²⁹Fórmula: $CP1 \sim \text{Falante} * \text{Variável (-s)} + (1|Ouvinte)$

e, portanto, pouco gay/efeminados³⁰. Mesmo assim, seria de se esperar que Robson soasse igualmente gay/efeminado em -s e -s+; então, por que ele é percebido como *menos* efeminado no *guise* com -s+? Essa questão será retomada ao final deste capítulo, na seção *Síntese*.

Figura 4.2: Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP1 de acordo com a variável (-s).

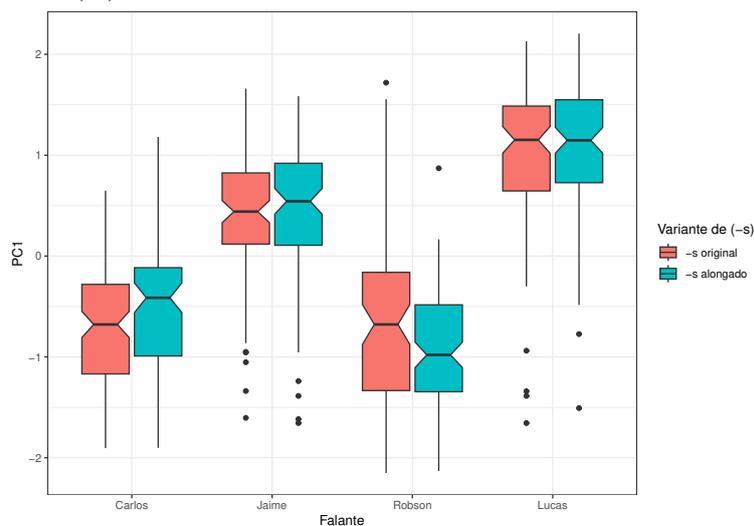


Tabela 4.2: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante em interação com a variável (-s).

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio Padrão	valor <i>t</i>	valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,72190	0,06182	-11,678	<0,001***
Jaime	1,13247	0,08738	12,96	<0,001***
Robson	-0,06480	0,09361	0,692	0,488978
Lucas	1,70169	0,08824	19,284	<0,001***
-s+	0,23219	0,09361	2,480	0,013324*
Jaime:-s+	-0,23699	0,13117	-1,807	0,071183
Robson:-s+	-0,47355	0,13793	-3,433	<0,001***
Lucas:s+	-0,17652	0,13234	-1,334	0,182639

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: $CP1 \sim Falante * Variável (-s) + (1|Ouvinte)$

Intercept: Carlos; -s original

³⁰Tal efeito de “bloqueio” é também reportado por Campbell-Kibler (2005). Ao trabalhar com falantes de diferentes variedades regionais do inglês estadunidense, a autora atestou que o sotaque sulista “bloqueava” parte dos significados sociais da variável (ING). Dessa forma, para falantes de outras regiões dos EUA, a variável tinha efeito sobre a percepção de quão inteligentes soavam; quando se tratava de um falante sulista, não.

A Figura 4.3, por sua vez, apresenta as dispersões das respostas para os quatro falantes nos *guises* CNp e CNØ. A Tabela 4.3 traz o resumo do modelo de efeitos mistos que testa os efeitos da interação entre o falante e a variável (CN) nas respostas dos ouvintes, que, aqui também, foram incluídos como efeito aleatório³¹. Mais uma vez, Jaime e Lucas soam mais gay/efeminados do que Robson e Carlos. Diferentemente do que vimos para (-s), contudo, a variável (CN) não tem um efeito geral nas respostas dos ouvintes acerca de gênero/sexualidade ($p > 0,05$) – algo que vai de encontro aos resultados obtidos por Mendes (2018), que demonstram que todos os quatro falantes foram percebidos como mais gay/efeminados em seus *guises* em CNp (Cf. seção 2.4). Há ainda uma interação entre a variável (CN) e o falante que indica algo que, novamente, vai contra as expectativas: Lucas soa como significativamente ($p < 0,01$) mais gay/efeminado quando ouvido no *guise* CNØ. Para interpretar tais resultados, deve-se ter em mente que o experimento conduzido por Mendes (2018), embora utilize os mesmos falantes e parte dos mesmos trechos utilizados na presente pesquisa, trabalha com apenas uma variável linguística: (CN). Assim, uma possível explicação para a ausência de efeito geral significativo da variável (CN) sobre os resultados no tocante a gênero/sexualidade se deve ao fato de que este trabalho envolve outras duas variáveis, mais comumente associadas a noções de gênero/sexualidade do que (CN). Pode-se supor, além disso, que os resultados obtidos por Mendes (2018) se devam mais ao apelo fonético do plural em /-s/ do que ao efeito da variável morfossintática (CN). Ademais, pode ser feita uma interpretação para essa ausência de efeito de (CN) sobre as respostas baseando-se no Princípio da Interface (LABOV, 1993; LABOV et al., 2011), segundo o qual elementos fonéticos, como as variáveis (-s) e (F₀), se estratificariam socialmente mais do que elementos mais “profundos” da língua, tal qual variáveis morfossintáticas como (CN). Mesmo assim, por que Lucas soaria mais gay/efeminado em seu *guise* CNØ? Considerando-se a comum percepção de que Lucas soa *muito* gay/efeminado, pode-se supor que algum estereótipo que associe gênero a classe social influencie a percepção dos ouvintes, uma vez que a variável (CN) é normativamente associada a noções de classe social. Essa questão será aprofundada mais adiante.

³¹Fórmula: CP1 ~ Falante * Variável (CN) + (1|Ouvinte)

Figura 4.3: Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP1 de acordo com a variável (CN).

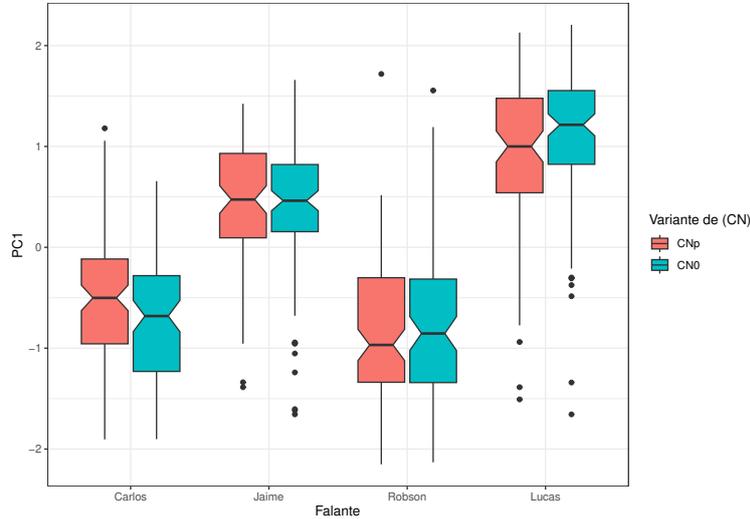


Tabela 4.3: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante em interação com a variável (CN).

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio padrão	valor t	valor p
(<i>Intercept</i>)	-0,53753	0,06359	-8,453	<0,001***
Jaime	0,94319	0,09419	10,014	<0,001***
Robson	-0,27548	0,08543	-3,225	0,00133*
Lucas	1,44661	0,09419	15,359	<0,001***
CNØ	-0,18472	0,09419	-1,961	0,05020
Jaime:CNØ	0,18938	0,13955	-1,357	0,17535
Robson:CNØ	0,22567	0,12653	1,783	0,07501
Lucas:CNØ	0,36633	0,13955	2,625	0,00893**

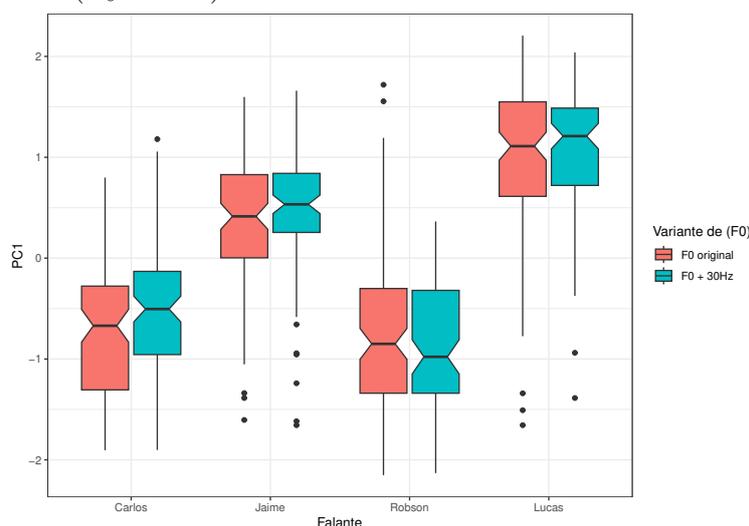
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: $CP1 \sim \text{Falante} * \text{Variável (CN)} + (1|Ouvinte)$

Intercept: Carlos; CNp

A Figura 4.4 traz as dispersões das respostas para os quatro falantes quando ouvidos nos *guises* F00 e F30. O modelo de efeitos mistos³² apresentado na Tabela 4.4 revela que a variável (F_0) tem um efeito geral significativo ($p < 0,05$) nas respostas dos ouvintes: os falantes são percebidos como mais gay/efeminados na variante F30, em comparação à variante F00, que é o *intercept*. Além de ser esperado, dada a concepção popular de que homens gays/efeminados falam “mais fino” (LEVON, 2014; SENE, 2022), esse resultado vai ao encontro daqueles obtidos no estudo de Sene (2022) sobre F_0 média. No entanto, o modelo indica também uma interação significativa ($p < 0,05$) entre o falante Robson e a variável F_0 : Robson, ao contrário dos outros falantes, soa menos gay/efeminado quando ouvido no *guise* F30 (veja-se também a Figura 4.4). A interpretação aqui sugerida para essa interação é semelhante àquela oferecida para a interação entre Robson e a variável (-s): talvez Robson soe *tão* masculino que a variável (F_0) também deixa de ter efeito sobre percepções acerca de seu gênero/sexualidade. Talvez, inclusive, o efeito da variante F_0 sobre Robson leve a uma percepção que nada tem a ver com gênero/sexualidade – por exemplo, soar mais “reclamão” em F30 – um adjetivo que foi citado por um dos ouvintes ao preencher a característica “outro” no questionário sociolinguístico (Cf. Anexo C), que ouviu Robson em seu *guise* com F_0 aumentada em 30Hz. Essa questão também será retomada ao fim do capítulo.

Figura 4.4: Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP1 de acordo com a variável (F_0 média).



³²Fórmula: $CP1 \sim \text{Falante} * \text{Variável } (F_0) + (1|\text{Ouvinte})$

Tabela 4.4: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante em interação com a variável (F_0 média).

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio padrão	valor t	valor p
(<i>Intercept</i>)	-0,72211	0,06655	-10,85	<0,001***
Jaime	1,05713	0,08979	11,773	<0,001***
Robson	-0,01829	0,08828	-0,207	0,8359
Lucas	1,67929	0,0895	18,764	<0,001***
F30	0,19687	0,09264	2,125	0,03390*
Jaime:F30	-0,05052	0,12741	-1,397	0,6918
Robson:F30	-0,31915	0,13056	-2,445	0,0147*
Lucas:F30	-0,08319	0,13351	-0,623	0,5334

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: $CP1 \sim \text{Falante} * \text{Variável} (F_0) + (1|Ouvinte)$ *Intercept*: Carlos; F00

Esses três modelos simples permitem explorar o efeito individual das variáveis linguísticas sobre a percepção de gênero/sexualidade por parte dos ouvintes. De acordo com os resultados desses modelos, apenas as variáveis (-s) e (F_0) têm um efeito geral para a percepção do ouvinte, isoladamente. No entanto, é necessário considerar que as três variáveis não foram ouvidas de forma isolada, mas concomitantemente e em um mesmo estímulo linguístico. Como vimos anteriormente, uma das questões centrais deste trabalho, que justificou o desenho do experimento tal como foi feito, é acerca do efeito interativo das três variáveis linguísticas em percepções de gênero/sexualidade. A partir de resultados de experimentos anteriores (LEVON, 2014; MENDES, 2018; SENE, 2022), esperava-se que as vozes masculinas soariam mais gay/efeminadas no *guise* que combina -s+, CNp e F30. Uma vez que a variável (CN) não teve efeito sobre as percepções isoladamente, havia ainda a possibilidade de que tivesse algum efeito quando combinada a (F_0) e/ou (-s). Além disso, pelo fato das variáveis (F_0) e (-s) terem um efeito significativo sobre as percepções de maneira isolada, torna-se de interesse explorar se elas interagem de forma a potencializar sua significação, como ocorre no experimento de Sene (2022).

O modelo³³ resumido na Tabela 4.5, contudo, mostra que não há interações significativas ($p > 0,05$) entre as três variáveis. Assim, ao contrário das expectativas, a variável (CN) não interage estatisticamente com nenhuma das outras duas variáveis – (F₀) e (-s) –, o que demonstra que a variável (CN) não tem efeito sobre as percepções de gênero/sexualidade nem de forma isolada e nem quando combinada às outras duas. Ademais, as variáveis (-s) e (F₀), mesmo tendo, cada uma, um efeito isolado sobre as percepções de gênero e sexualidade, não interagem estatisticamente – ou seja, o efeito das variáveis não é potencializado quando se combinam, por exemplo, as variantes -s+ e F30, como ocorre no estudo de Sene (2022).

Tabela 4.5: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: 3 variáveis linguísticas em interação.

Efeitos Fixos	Estimativa	Desvio padrão	valor <i>t</i>	valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,16724	0,09397	-1,780	0,0755
-s+	0,0263	0,13643	0,193	0,8472
CN∅	-0,22694	0,13260	1,712	0,0874
F30	0,27449	0,14069	1,951	0,0514
-s+:CN∅	0,0386	0,19324	0,200	0,8417
-s+:F30	-0,17401	0,19839	-0,877	0,307
CN∅:F30	-0,31183	0,19908	-1,566	0,1177
-s+:CN∅:F30	-0,14790	0,28066	-0,527	0,5984
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				

Fórmula: CP1 ~ Variável (-s) * Variável (CN) * Variável (F₀) + (1|Ouvinte)
Intercept: Carlos; -s original; CNp; F00

Dado que o efeito do índice Q.A. sobre as respostas é um dos temas centrais para esta pesquisa, foi feito um modelo de efeitos mistos³⁴ que testa a interação entre o índice e os falantes e entre o índice e as três variáveis linguísticas, que pode ser conferido na Tabela 4.6. Os resultados do modelo mostram, além das diferenças significativas entre os três falantes em relação ao *intercept*, que é Carlos, uma interação significativa ($p < 0,05$) entre o índice Q.A. e a variável (CN). Essa interação indica que os ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5 tendem a perceber os falantes como significativamente menos gays em seus *guises* em CN∅. Para interpretar tais resultados, pode-se sugerir que os respondentes com índice Q.A. mais alto estejam mais suscetíveis a associar níveis mais baixos de *gayness* e efeminidade à variante CN∅, por ela estar ligada a noções estereotípicas de masculinidade como rudeza, virilidade e falta de cuidado (MENDES, 2018).

³³Fórmula: CP1 ~ Variável (-s) * Variável (CN) * Variável (F₀) + (1|Ouvinte)

³⁴Fórmula: CP1 ~ Falante * Índice Q.A. + Variável (CN) * Índice Q.A. + Variável (-s) * Índice Q.A. + Variável (F₀) * Índice Q.A. + (1|Ouvinte)

Tabela 4.6: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: falante e variáveis linguísticas em interação com índice Q.A.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,72480	0,07186	-10,086	<0,001***
Jaime	1,04561	0,07706	13,568	<0,001***
Robson	-0,15664	0,07767	-2,017	0,0442*
Lucas	1,63994	0,07726	21,228	<0,001***
Índice Q.A.>1.5	0,16114	0,12844	1,255	0,2100
CNØ	0,07667	0,05450	1,407	0,1601
-s+	0,01357	0,05494	0,247	0,8049
F30	0,09323	0,05866	1,589	0,1124
Jaime:Índice Q.A.>1,5	-0,04976	0,13537	-0,368	0,7133
Robson:Índice Q.A.>1,5	-0,03702	0,13580	-0,273	0,7853
Lucas:Índice Q.A.>1,5	-0,02191	0,13596	-0,161	0,8720
Índice Q.A.>1,5:CNØ	-0,20465	0,09586	-2,135	0,0332*
Índice Q.A.>1,5:-s+	-0,02778	0,09640	-0,288	0,7733
Índice Q.A.>1,5:F30	-0,01601	0,10317	-0,155	0,8767

Total N: 816. Efeito Aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: CP1 ~ Falante * Índice Q.A. + Variável (CN) * Índice Q.A. + Variável (-s) * Índice Q.A. + Variável (F₀) * Índice Q.A. + (1|Ouvinte)

Intercept: Carlos; Índice Q.A.<=1,5; -s original; CNp; F00

Essas análises iniciais tornam evidente que há grande diferença na percepção que os ouvintes têm a respeito de cada um dos falantes, no tocante a gênero/sexualidade. Por essa razão, foram feitos modelos de efeitos fixos de forma separada para cada falante³⁵. Nessas análises, há apenas uma ocorrência por ouvinte, já que cada falante foi ouvido e avaliado uma vez por cada ouvinte. Não há, portanto, como analisar o efeito do ouvinte sobre a variável resposta (CP1), de forma que nos próximos modelos o ouvinte deixa de ser incluído como variável aleatória. Esses modelos, então, testam o efeito fixo das variáveis linguísticas em interação e das variáveis sociais sem interações, de forma separada para os falantes Carlos, Jaime, Robson e Lucas.

³⁵Fórmula: CP1 ~ Variável (-s) * Variável (CN) * Variável (F₀) + Gênero + Local de nascimento + Idade + Orientação + Índice Q.A.

O modelo cujo resumo é apresentado na Tabela 4.7 testa os efeitos fixos das variáveis (CN), (-s) e (F₀) em interação e das variáveis sociais sobre a variável resposta CP1, considerando somente os dados obtidos para o falante Carlos. O resumo demonstra uma interação significativa ($p < 0,05$) entre as variáveis (CN) e (F₀): o falante Carlos é percebido como mais gay/efeminado no seu *guise* que combina CNØ e F30, em relação aos demais. A hipótese interpretativa para esse resultado é semelhante àquela dada para a interação entre o falante Lucas e variável (CN) (Cf. Tabela 4.3 e Figura 4.3): poderia estar aqui atuando o efeito de um estereótipo que associe a variante estigmatizada CNØ a algum entendimento da “fala gay”, que se acentua no *guise* que combina CNØ a F30, já que esta última variante tem, de forma isolada, um efeito global que faz os participantes serem percebidos como mais gays/efeminados (Cf. Figura 4.4 e Tabela 4.4).

Tabela 4.7: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Carlos.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,459887	0,181186	-2,538	0,0119*
-s+	0,307824	0,179543	1,714	0,0881
CNØ	-0,299885	0,158747	-1,889	0,0604
F30	-0,064862	0,158816	-0,408	0,6834
Gênero feminino	-0,099434	0,092619	-1,074	0,2844
Local de nascimento - outros	0,118997	0,088418	1,346	0,1800
Idade	-0,002111	0,003379	-0,625	0,5329
Orientação heterossexual	-0,083928	0,117005	-0,717	0,4741
Amigos LGBT - outros	-0,146850	0,097700	-1,503	0,1345
Índice Q.A.>1,5	0,097401	0,100532	0,969	0,3338
-s+:CNØ	-0,167834	0,257637	-0,651	0,5156
-s+:F30	0,065335	0,242375	0,270	0,7878
CNØ:F30	0,518381	0,233194	2,223	0,0274*
-s+:CNØ:F30	-0,304719	0,357335	-0,853	0,3949
Total N: 204. (Dados = falante Carlos)				

Fórmula: CP1 ~ Variável (-s) * Variável (CN) * Variável (F₀)
+ Gênero + Local de nascimento + Idade + Orientação + Índice Q.A.
Intercept: -s original; CNp; F00; Gênero masculino;
Local de nascimento - SP Capital; Orientação - outras; Índice Q.A.<=1,5

Na Tabela 4.8 é apresentado o resumo de um modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das três variáveis linguísticas em interação e das variáveis sociais sobre o CP1. Aqui, são considerados somente os dados obtidos para o falante Jaime. Os valores demonstram um efeito significativo ($p < 0,05$) da variável (F_0), de forma que o falante é ouvido como mais gay/efeminado no *guise* de F30. Esse resultado é esperado e está em consonância com o efeito geral da variável F_0 (Cf. Figura 4.4 e Tabela 4.4). Além disso, há um efeito significativo ($p < 0,01$) da idade sobre as percepções acerca de Jaime, que indica que, quanto menor a idade do ouvinte, ele tende a perceber Jaime como mais gay/efeminado (por ser uma variável numérica, a variável Idade deve ser lida em relação ao valor de *intercept* 0). Em outras palavras, os falantes mais jovens foram mais suscetíveis a perceber Jaime como mais gay/efeminado, relativamente aos falantes mais velhos, independentemente do *guise* ouvido.

Tabela 4.8: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Jaime.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	0,522924	0,222794	2,347	0,01995*
-s+	0,101263	0,191175	0,530	0,59695
CNØ	0,238459	0,178703	1,334	0,18367
F30	0,492846	0,206169	2,390	0,01780*
Gênero feminino	0,085811	0,096991	0,885	0,37742
Local de nascimento - outros	0,066805	0,092592	0,721	0,47149
Idade	-0,010432	0,003538	-2,948	0,00359**
Orientação heterossexual	-0,005552	0,122528	-0,045	0,96391
Amigos LGBT - outros	-0,036428	0,102312	-0,356	0,72220
Índice Q.A.>1,5	0,092515	0,105278	0,879	0,38064
-s+:CNØ	0,018382	0,268847	0,068	0,94556
-s+:F30	-0,263215	0,271295	-0,970	0,33317
CNØ:F30	-0,515575	0,263135	-1,959	0,05153
-s+:CNØ:F30	0,023758	0,370799	0,064	0,94898
Total N: 204. (Dados = falante Jaime)				

Fórmula: $CP1 \sim \text{Variável} (-s) * \text{Variável} (CN) * \text{Variável} (F_0)$
+ Gênero + Local de nascimento + Idade + Orientação + Índice Q.A.
Intercept: -s original; CNp; F00; Gênero masculino;
Local de nascimento - SP Capital; Orientação - outras; Índice Q.A.<=1,5

O resumo do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Robson, é apresentado na Tabela 4.9. É significativa ($p < 0,05$) apenas a interação entre (CN) e (F_0), no mesmo sentido em que foi para Carlos: a combinação entre CNØ e F30 faz com que Robson soe mais gay/efeminado, em relação às demais. Deve-se considerar que esse efeito foi comum aos dois falantes que costumam ser percebidos como os que soam mais masculinos e menos gay/efeminados. Pode-se levantar a suposição de que o efeito da combinação entre as variáveis (CN) e (F_0) é “bloqueado” quando o falante soa em geral mais gay e efeminado. Há ainda a interpretação baseada na sugestão de que um estereótipo de “fala gay estigmatizada” esteja aqui operando, potencializado pela variante F30, ligada a *gayness* e efeminidade, e pela variante CNØ, ligada a noções de classe baixa e menor *status*.

Tabela 4.9: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Robson.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(Intercept)	-0,822166	0,194257	-4,232	<0,001***
-s+	-0,175924	0,166899	-1,054	0,293
CNØ	0,203212	0,192366	1,056	0,2921
F30	0,233409	0,198531	1,176	0,2412
Gênero feminino	-0,108677	0,099640	-1,091	0,2768
Local de nascimento - outros	-0,107561	0,095121	-1,131	0,2596
Idade	0,006757	0,003635	1,859	0,0646
Orientação heterossexual	-0,005444	0,125875	-0,043	0,9656
Amigos LGBT - outros	-0,086873	0,105106	-0,827	0,4095
Índice Q.A.>1,5	-0,045472	0,108153	-0,420	0,6746
-s+:CNØ	-0,102069	0,258957	-0,394	0,6939
-s+:F30	-0,328167	0,263101	-1,247	0,2138
CNØ:F30	-0,615097	0,291900	-2,107	0,0364*
-s+:CNØ:F30	0,658746	0,385362	1,709	0,089

Total N: 204. (Dados = falante Robson)

Fórmula: $CP1 \sim \text{Variável} (-s) * \text{Variável} (CN) * \text{Variável} (F_0)$
 + Gênero + Local de nascimento + Idade + Orientação + Índice Q.A.
 Intercept: -s original; CNp; F00; Gênero masculino;
 Local de nascimento - SP Capital; Orientação - outras; Índice Q.A.<=1,5

No caso de Lucas, o modelo de regressão demonstra que o único efeito interativo é do gênero do ouvinte (Cf. Tabela 4.10), de forma que as mulheres tendem a perceber Lucas como mais gay/efeminado do que os homens. Esse resultado será comentado mais adiante.

Tabela 4.10: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos fixos que testa o efeito das variáveis sociais sem interações e das três variáveis linguísticas em interação, para os dados do falante Lucas.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	1,094514	0,211931	5,164	<0,001***
-s+	-0,215468	0,210557	-1,023	0,3075
CNØ	-0,053123	0,189102	-0,281	0,7791
F30	-0,072449	0,193630	-0,374	0,7087
Gênero feminino	0,225607	0,105194	2,145	0,0332*
Local de nascimento - outros	0,185577	0,100423	1,848	0,0662
Idade	-0,007174	0,003837	-1,870	0,0631
Orientação heterossexual	-0,137061	0,132891	-1,031	0,3037
Amigos LGBT - outros	0,010478	0,110965	0,094	0,9249
Índice Q.A.>1,5	0,117199	0,114181	1,026	0,3060
-s+:CNØ	0,470367	0,272301	1,727	0,0857
-s+:F30	0,351640	0,297332	1,183	0,2384
CNØ:F30	0,318692	0,284545	1,120	0,2641
-s+:CNØ:F30	-0,626482	0,403849	-1,551	0,1225
Total N: 204. (Dados = falante Lucas)				

Fórmula: $CP1 \sim \text{Variável}(-s) * \text{Variável}(CN) * \text{Variável}(F_0)$
 + Gênero + Local de nascimento + Idade + Orientação + Índice Q.A.
Intercept: -s original; CNp; F00; Gênero masculino;
 Local de nascimento - SP Capital; Orientação - outras; Índice Q.A.<=1,5

Pode-se notar que as variáveis (-s) e (F_0), que tiveram efeito significativo sobre os dados gerais (Cf. Tabelas 4.2 e 4.4), quando testadas isoladamente não mantiveram esse efeito na análise dos dados de cada um dos falantes. Há, portanto, um padrão geral que difere dos padrões individuais dos falantes. Para entender essa diferença, deve-se considerar que o valor de *p* é sensível ao tamanho da amostra e a amostra de cada um dos falantes equivale a $\frac{1}{4}$ (204 ocorrências) da amostra geral de dados (816 ocorrências). Assim, parece haver um padrão geral que não se mantém quando a análise é feita separadamente para cada um dos falantes.

Após essas análises iniciais, foram testados modelos de regressão mais complexos, que incluem as características sociais do ouvinte em interação com os falantes e com as variáveis linguísticas. Aqui, reportam-se, contudo, apenas os modelos que revelam correlações que permitem, juntamente aos modelos anteriores, uma interpretação geral das respostas coletadas com a realização do experimento. De fato, muitos dos modelos testados não apresentaram correlações significativas, em termos de efeitos de variáveis hipoteticamente previsoras nas respostas dos ouvintes (Cf. alguns desses modelos no Anexo F). Assim, os resumos de modelos de regressão apresentados daqui em diante, para o CP1 Gênero/Sexualidade, são aqueles que revelam as interações significativas.

A Tabela 4.11 apresenta o resumo dos resultados de um modelo de regressão de efeitos mistos³⁶ que testa as interações entre a variável (-s) e as características do ouvinte. O modelo mostra efeitos significativos ($p < 0,05$) já encontrados nos modelos anteriores: entre o *intercept* (-s original) e a variante alongada; entre Carlos, Jaime e Lucas; além da interação entre o alongamento de -s e o falante Robson, que soa mais gay/efeminado diante da variante original. Ademais, o modelo demonstra que as características do ouvinte não têm efeito geral sobre as respostas no tocante ao CP1. Há, ainda, uma interação significativa ($p < 0,05$) entre a variável (-s) e o gênero do ouvinte: as mulheres tendem a perceber áudios com a variante -s alongado como mais gay/efeminados, em relação aos homens. Esse resultado é exatamente o oposto daquele obtido por Sene (2022) em seu estudo sobre (-s) e (F_0) média, em que homens avaliaram os *guises* com a variante de -s alongado como mais gay/efeminados do que as mulheres. Isso pode se dever a diferenças no perfil do público respondente. Ademais, podemos relembrar que, como demonstrou a Tabela 4.10, as mulheres também tendem a avaliar Lucas como mais gay/efeminado do que os homens. Considerando que (-s) tem um efeito geral sobre percepções de gênero/sexualidade e que Lucas é comumente percebido como o que soa mais efeminado dentre os quatro falantes, parece haver indícios de que, por alguma razão, as mulheres estejam mais atentas aos sinais da fala que indiciam noções ligadas a gênero e sexualidade.

³⁶Fórmula: $CP1 \sim \text{Variável (-s)} * \text{Falante} + \text{Variável (-s)} * \text{Gênero} + \text{Variável (-s)} * \text{Orientação sexual} + \text{Variável (-s)} * \text{Idade} + \text{Variável (-s)} * \text{Local de nascimento} + \text{Variável (-s)} + \text{Amigos LGBT} + \text{Variável (-s)} * \text{Índice Q.A.} + (1|\text{Ouvinte})$

Tabela 4.11: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: variável (-s) em interação com as características do ouvinte (apenas as interações significativas foram reportadas).

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(Intercept)	-0,605651	0,129242	-4,686	<0,001***
-s+	0,310661	0,175485	1,770	0,037130*
Jaime	1,128005	0,087444	12,900	<0,001***
Robson	0,045757	0,094607	0,484	0,628764
Lucas	1,689652	0,088284	19,139	<0,001***
Gênero feminino	-0,069085	0,073197	-0,944	0,345724
Orientação heterossexual	0,034619	0,093168	0,372	0,710371
Idade	-0,003144	0,002641	-1,191	0,234417
Local de nascimento - outros	0,048605	0,070335	0,691	0,489862
Amigos LGBT - outros	0,004750	0,077659	0,061	0,951252
Índice Q.A.>1.5	0,031561	0,080247	0,393	0,694269
-s alongado:Robson	-0,484206	0,139129	-3,480	<0,001***
-s+:Gênero feminino	0,207095	0,093590	2,213	0,027287*

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: CP1 ~ Variável (-s) * Falante + Variável (-s) * Gênero + Variável (-s) * Orientação sexual + Variável (-s) * Idade + Variável (-s) * Local de nascimento + Variável (-s) + Amigos LGBT + Variável (-s) * Índice Q.A. + (1|Ouvinte)

Intercept: -s original; Carlos; Gênero masculino; Orientação - outras;

Local de nascimento - capital; Amigos LGBT - muitos; Índice Q.A.<=1,5

Os modelos de efeitos fixos que testam a interação entre as variáveis (CN) e (F₀) e as características do ouvinte não foram aqui discutidos por não apresentarem nenhuma interação que já não tenha sido reportada nos modelos anteriores. Eles podem ser verificados no Anexo F. Isso significa que a única interação entre (CN) e os falantes é com Lucas, que soa significativamente ($p < 0,01$) mais gay/efeminado em seus *guises* em CNØ, como já foi demonstrado (Cf. Tabela 4.3), e a única interação significativa ($p < 0,05$) entre (CN) e as variáveis sociais é com o índice Q.A., como se atestou na Tabela 4.6. Já em relação à variável (F₀), há apenas uma interação significativa ($p < 0,05$), com o falante Robson, a qual já foi reportada na Tabela 4.4. Vale também chamar atenção para a falta de correlação entre as demais variáveis sociais – gênero, local de nascimento, orientação sexual e idade do ouvinte – e as percepções a respeito do CP1, Gênero/Sexualidade.

Embora o interesse principal da pesquisa seja sobre o efeito das variáveis (-s), (CN) e (F₀) em percepções sobre gênero/sexualidade e esse seja o CP que explica a maior parte da variância nas respostas, interessa também verificar os efeitos das variáveis sobre os outros CPs identificados nas respostas dos ouvintes, no sentido de entender mais e melhor sobre o campo indicial de significados sociais e as possíveis intersecções entre os significados dessas variáveis. Por essa razão, são apresentadas a seguir análises mais breves para

o CP2, Agradabilidade, e para o CP3, *Status*.

4.1.2 CP2: Agradabilidade

Testaram-se modelos de regressão de efeitos mistos tendo o CP2 como variável resposta³⁷ (sempre se mantendo o ouvinte como efeito aleatório) que exploraram a interação entre as três variáveis linguísticas em foco e os falantes. Não foram encontrados efeitos significativos, ou seja, nenhuma das três variáveis (independentemente ou em interação) tem um efeito geral sobre o CP3 Agradabilidade. O único efeito significativo encontrado nesses modelos, que são reportados no Anexo F, é do falante: Robson é percebido como significativamente ($p < 0,001$) menos agradável do que os demais. Esses resultados mostram que Robson é percebido como menos agradável do que os demais falantes e que as variáveis linguísticas não tiveram efeito sobre percepções no campo da agradabilidade. Deve-se lembrar de que a noção de “agradável”, aqui, corresponde à combinação das escalas “inteligente” e “simpático”.

4.1.3 CP3: *Status*

Já era esperado que a variável (CN) tivesse efeito sobre o CP3, *Status*. No estudo de Mendes (2018) sobre (CN), o CP Competência, que integra as escalas de escolaridade, formalidade e classe, explica a maior parte da variância nas respostas (39%) – o que pode ser explicado pela associação mais imediata entre (CN) e estereótipos ligados a essas dimensões sociais, do que ligados a outras, como gênero e sexualidade. No presente experimento, contudo, o CP que inclui algumas dessas dimensões é aquele que explica a menor parte da variância nas respostas – o CP3, aqui chamado de *status*, que integra as respostas dadas às escalas “formalidade” e “classe”. Supõe-se que esse seja o CP menos relevante dentre os três para explicar a variância justamente pelo fato de que esta pesquisa inclui as variáveis (-s) e (F_0) além de (CN), e as duas primeiras são variáveis linguísticas com maior influência sobre percepções de gênero e sexualidade do que a terceira, como apontam os resultados obtidos para o CP1 Gênero/sexualidade e por estudos anteriores. Também é importante considerar que, no presente estudo, foram incluídas duas escalas referentes a gênero/sexualidade: a escala “gay” e a escala “efeminado”. O trabalho de Mendes (2018), por exemplo, trabalha com apenas uma escala, “nada/muito masculino”.

Foram testados modelos de regressão de efeitos mistos³⁸ que têm o CP3

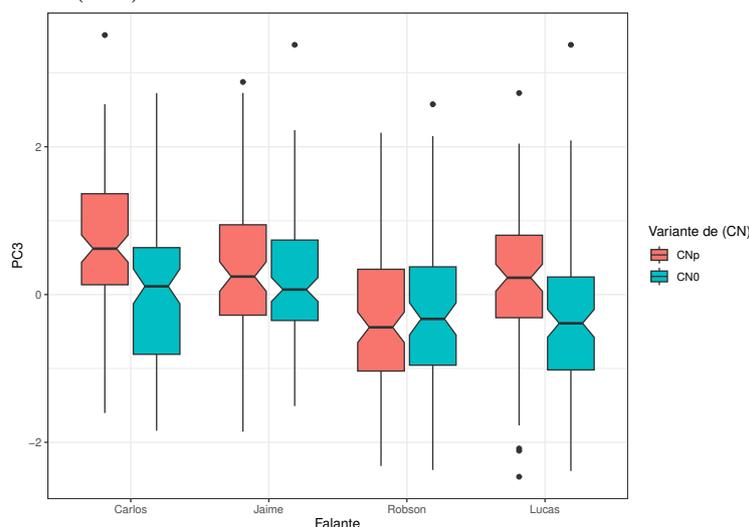
³⁷Fórmula: CP2 \sim Variável linguística * Falante + (1|Ouvinte)

³⁸Fórmula: CP3 \sim Variável linguística * Falante + (1|Ouvinte)

como variável dependente e as variáveis linguísticas, em interação com o falante, como variáveis previsoras, além do ouvinte como efeito aleatório. No caso da variável (-s), não se observou nenhum efeito significativo sobre o CP3 (Cf. Anexo F). Isso significa que, para percepções referentes ao *status* do falante, não faz diferença qual das duas variantes de (-s) é ouvida – tanto em -s quanto em -s+ os falantes são percebidos da mesma forma. Além disso, os resultados apontam que Jaime, Robson e Lucas são percebidos como falantes com significativamente menos *status* do que Carlos. Esse padrão para os falantes se repete nas duas próximas análises.

A Figura 4.5 mostra a dispersão das respostas para os quatro falantes no que toca ao CP3, a depender das variantes CNp e CNØ. Nota-se que, de maneira geral, a variante CNØ leva a uma percepção de que os falantes têm um *status* mais baixo — algo que é atestado no resumo de modelo de regressão de efeitos mistos³⁹ apresentado na Tabela 4.12, mostrando que a variável CNØ leva a resultados significativamente ($p < 0,001$) diferentes da variante CNp, que é o *intercept*. Há ainda três interações significativas ($p < 0,05$) entre a variável (CN) e os falantes: Lucas e Jaime, embora soem com mais *status* diante de CNp, soam como alguém com significativamente menos *status* do que o *intercept*, que é Carlos em CNp; Robson, por outro lado, não soa como alguém com mais *status* no *guise* CNp, ao contrário dos demais falantes – para Robson, a variável (CN) não parece afetar a percepção sobre seu *status*.

Figura 4.5: Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP3 de acordo com a variável (CN).



³⁹Fórmula: $CP3 \sim \text{Falante} * \text{Variável (CN)} + (1|Ouvinte)$

Tabela 4.12: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP3: interação entre o falante e a variável (CN).

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	0,60158	0,08973	6,704	<0,001***
Jaime	-0,33586	0,13290	-2,527	0,011714*
Robson	-0,92727	0,11295	-8,209	<0,001***
Lucas	-0,50018	0,13290	-3,764	<0,001***
CNØ	-0,60394	0,13290	-4,544	<0,001***
Jaime:CNØ	0,46803	0,20655	2,266	0,023970*
Robson:CNØ	0,61687	0,16729	3,687	<0,001***
Lucas:CNØ	0,05326	0,20655	0,258	0,796643
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				
Fórmula: CP3 ~ Falante * Variável (CN) + (1 Ouvinte)				
<i>Intercept</i> : Carlos; CNp				

A Figura 4.6 e o modelo de efeitos mistos⁴⁰ apresentado na Tabela 4.13 demonstram que a variável (F_0) também tem efeito geral significativo ($p < 0,01$) sobre o *status* percebido dos falantes: especialmente Carlos e Jaime são percebidos como pessoas que têm *status* mais alto no *guise* F_0 original do que com aumento de 30Hz. As interações significativas ($p < 0,05$) entre a variável e os falantes Robson e Lucas mostram que, para esses falantes, a diferença entre como soam na variante original e na variante aumentada é bem menor – de fato, a figura parece indicar que a variável (F_0) não faz diferença sobre a percepção de *status* que se tem sobre esses dois falantes. Trata-se de um resultado inesperado. Pode-se supor que o aumento na F_0 média faça, de alguma forma, com que os falantes soem como “menos sérios”, talvez mais “animados”. Esse significado social da variante F30 pode envolver ainda uma intersecção entre as categorias de gênero/sexualidade e *status*, de forma que esteja aqui novamente operando um estereótipo sobre uma “fala gay estigmatizada”, que liga noções de baixo *status* a noções de *gayness* e efeminidade. Vale lembrar que Robson e Lucas, sobre quem a variável (F_0) não tem efeito (no que toca a percepções sobre seu *status*), são frequentemente apontados como os que soam, respectivamente, mais masculino e mais gay/efeminado dentre os quatro falantes.

⁴⁰Fórmula: CP3 ~ Falante * Variável (F_0) + (1|Ouvinte)

Figura 4.6: Dispersão das respostas dos quatro falantes para o CP3 de acordo com a variável (F_0).

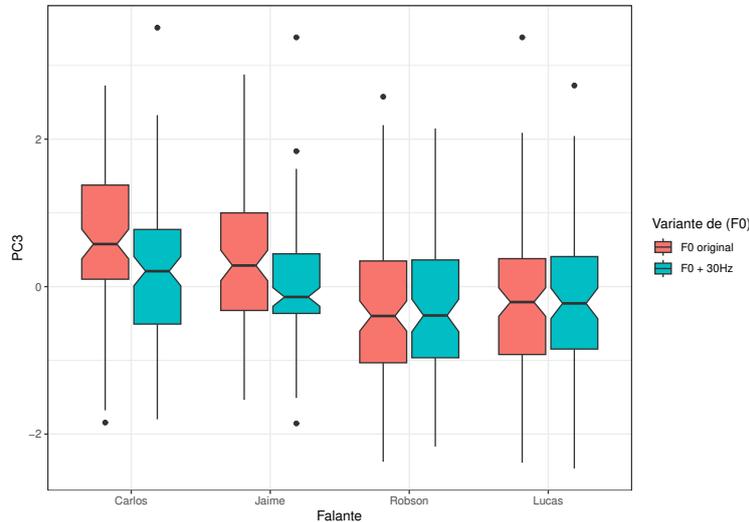


Tabela 4.13: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP3: interação entre o falante e a variável (F_0).

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor t	Valor p
(Intercept)	0,53202	0,09444	5,633	<0,001***
Jaime	-0,24260	0,12428	-1,952	0,05136
Robson	-0,89387	0,12276	-7,282	<0,001***
Lucas	-0,74467	0,12512	-5,952	<0,001***
F30	-0,40361	0,13033	-3,097	0,00203**
Jaime:F30	0,20833	0,17697	1,177	0,23951
Robson:F30	0,49895	0,18304	2,726	0,00656**
Lucas:F30	0,43594	0,18905	2,306	0,02137*
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				
Fórmula: $CP3 \sim Falante * Variável (F_0) + (1 Ouvinte)$				
Intercept: Carlos; F00				

4.2 Representação de campos indiciais

As análises aqui apresentadas indicam que os significados sociais das formas linguísticas (-s), (CN) e (F_0) não são precisos ou fixos. Muitas vezes, os efeitos das variantes linguísticas em questão sobre as respostas dadas variam de acordo com o falante, com as características sociais do ouvinte e até mesmo com a combinação específica entre as variantes. Além disso, padrões gerais não necessariamente se repetem na análise individual de cada

falante. Tais resultados são fortes indícios de que os significados sociais dessas variáveis formam um campo de significados ideologicamente relacionados – um campo indicial, como propõe Eckert (2008), constituído de significados sociais dinâmicos e potenciais, que emergem na interação. Mas como certos significados se associam, nesse campo, a categorias sociais específicas? Como representar esse campo de significados interconectados?

Oushiro (2015, 2019) explica que a proposta de Eckert (2008) é baseada no entendimento de “ordem indexical” proposto por Silverstein (2003) para compor seu modelo de significados linguísticos. De acordo com tal modelo, “um índice sempre está disponível para reinterpretação ou atribuição de novos significados, processo que se dá no discurso e em contexto, em um constante reexame das formas linguísticas” (OUSHIRO, 2015, p. 309). O modelo baseado em ordens e campos lexicais (Cf. exemplo no Anexo G) permite uma representação mais acurada dos significados sociais das formas linguísticas como fluidos e mutáveis do que modelos anteriores, baseados nas propostas labovianas. No entanto, Oushiro (2015) defende que a proposta de Eckert (2008) ainda carece de uma representação que não esbarre em problemas a respeito de falseabilidade e replicabilidade:

[...] como garantir que as relações propostas têm alguma realidade cognitiva na percepção dos ouvintes? Um pesquisador independente chegaria à mesma representação do campo indexical da variável? Como assegurar que o pesquisador não privilegiará certos atributos, de acordo com suas próprias percepções? Um modelo que não sofra dessas limitações deve se pautar por métodos objetivos o suficiente para que possa ser replicado em outros estudos, e se basear solidamente nos dados de que se dispõe. (OUSHIRO, 2015, p. 311)

Para solucionar tal questão, Oushiro (2015, 2019) propõe a representação dos campos indiciais de variáveis por meio da árvore de distâncias mínimas, um método que computa a coocorrência e interrelações entre múltiplas variáveis.

Acredita-se que essa representação possa trazer clareza a respeito de como, nesta pesquisa, interagem os significados sociais associados às variáveis (CN), (-s) e (F₀). Para esta análise, foram incluídas também as respostas dadas às características dispostas em caixas de seleção, além das seis escalas de diferenciais semânticos (Cf. Anexo C). Para a elaboração de árvores de distâncias mínimas que puderam ser obtidas a partir dos dados da presente pesquisa, foram utilizados os pacotes *amap* (LUCAS, 2022) e *vegan* (OKSANEN et al., 2022) do programa R, com o objetivo calcular as correlações entre todos os pares possíveis de variáveis e, a partir disso, computar uma matriz de dissimilaridade, em que cada linha corresponda a uma variável (OUSHIRO, 2015, 2019). Para a criação da matriz, é necessário que todas as variáveis sejam

binárias. Assim, as escalas de diferenciais semânticos foram reorganizadas em dois níveis (de 1-3 ou 4-5), assim como a variável classe social (classe.alta ou classe.baixa). Ademais, as características dispostas em caixas de seleção se mantiveram como variáveis binárias (assinaladas ou não assinaladas).

São apresentadas as árvores de distâncias mínimas computadas para cada uma das variáveis linguísticas aqui estudadas nas Figuras 4.7 (-s), 4.8 (CN) e 4.9 (F₀). Nesse tipo de representação, “os nós mais próximos entre si indicam fatores que coocorreram mais frequentemente”. Com isso, cada figura permite não somente avaliar a relação entre as duas variantes, mas também “as interligações realizadas pelos ouvintes, conscientemente ou não, entre conceitos evocados nos questionários” (OUSHIRO, 2015, p. 312).

Na Figura 4.7 pode-se notar que as características “gay” e “efeminado” estão no meio da árvore, tão longe da variante -s+, à esquerda, quanto da variante -s, à direita. Ao que tudo indica, dentre as características dispostas no questionário sociolinguístico, em escalas e caixas de seleção, “gay” e “efeminado” não estão entre as que mais coocorrem com alguma das variantes de (-s). Ademais, pode-se observar que a variante -s+ está interligada a características em geral negativas, como “agressivo”, “mal educado”, “preguiçoso” ao passo em que a variante -s está interligada a características em geral positivas, como “simpático” e “inteligente”. Parece haver indícios de que a variante aumentada de (-s) faz com que os falantes sejam percebidos em geral como menos agradáveis, embora a análise do CP2, Agradabilidade, não tenha apontado tal correlação no modelo de efeitos mistos.

Já na Figura 4.8, as características “gay” e “efeminado” estão mais próximas da variante CN \emptyset do que da variante CN_p. Além disso, pode-se perceber que a característica “classe baixa” está interligada, ao mesmo tempo, à variante não padrão e à característica “efeminado” – como se fosse um intermédio entre ambas. Essa configuração de características corrobora a interpretação de que estaria operando, em alguns casos, um estereótipo que liga percepções de *gayness* e efeminidade a noções de baixa *status* – algo que foi chamado, nas últimas análises, de “fala gay estigmatizada”.

A Figura 4.9 novamente traz uma configuração que aproxima as características “classe baixa” e “trabalhador” a “gay” e “efeminado”. Além disso, a variante F30 se situa próxima a esse feixe de relações, o que vai ao encontro do efeito significativo da variante reportado na Tabela 4.13: os falantes são percebidos como pessoas com menos *status* na variante F30 do que na variante F00. Por sinal, diante desses dados, é interessante que a variante F00 esteja interligada a características como “sofisticado” e “articulado”, que de alguma forma se opõem à ideia de “classe baixa” e “trabalhador”. Parece coerente, mais uma vez, supor que um estereótipo que liga as noções de *gayness* e efeminidade a noções de baixa classe social, menor *status*, esteja aqui operando.

Figura 4.7: Árvore de distâncias mínimas para variável (-s).

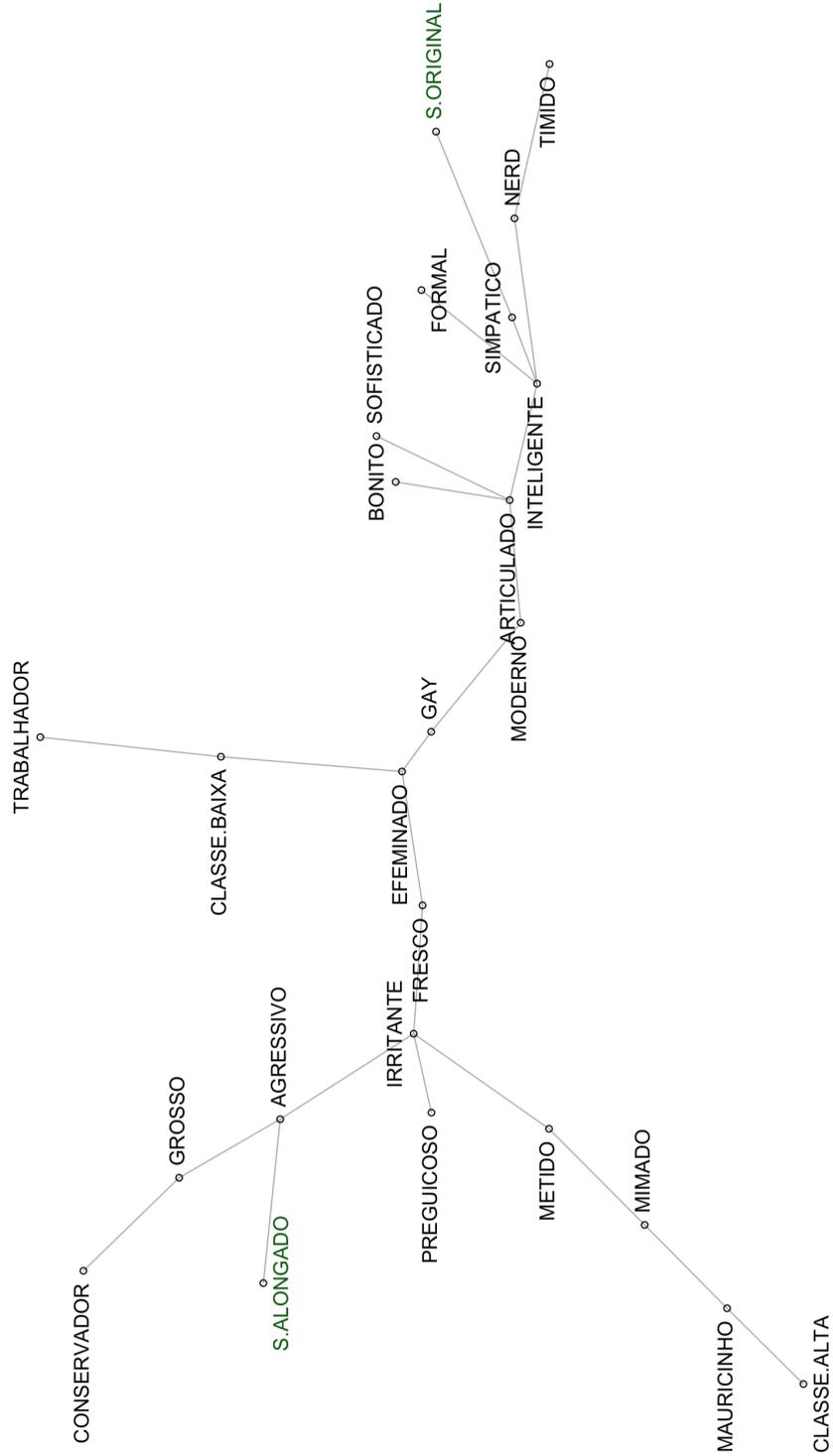


Figura 4.8: Árvore de distâncias mínimas para variável (CN).

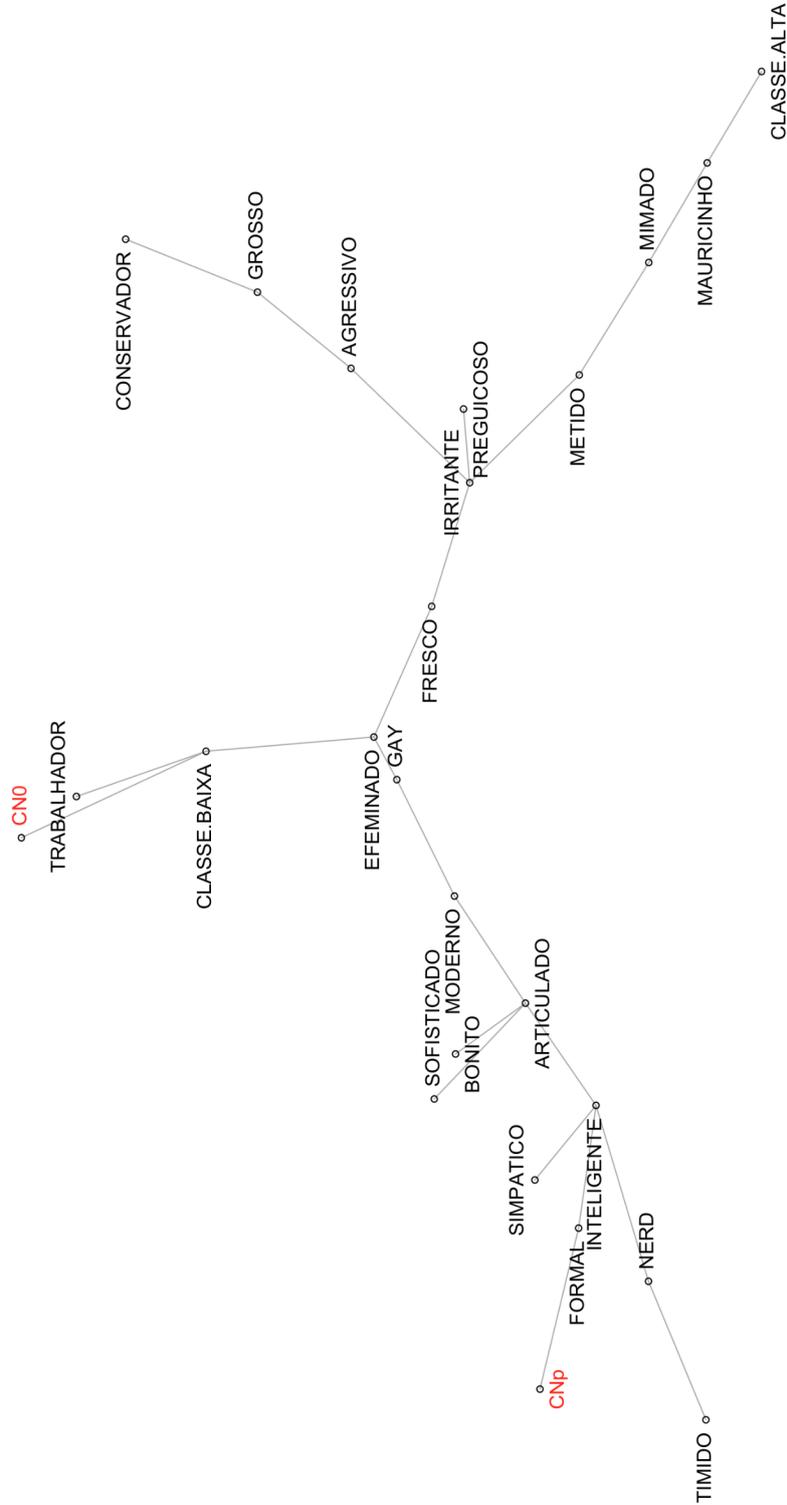
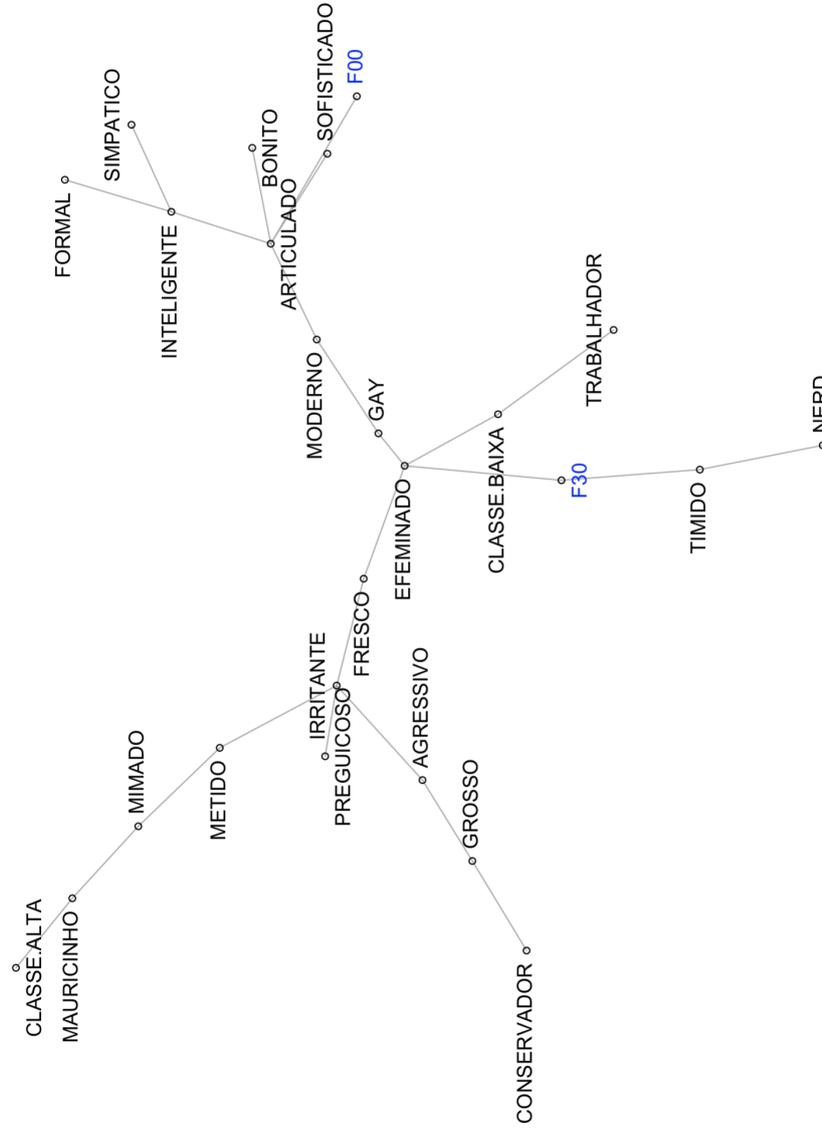


Figura 4.9: Árvore de distâncias mínimas para variável (F_0).

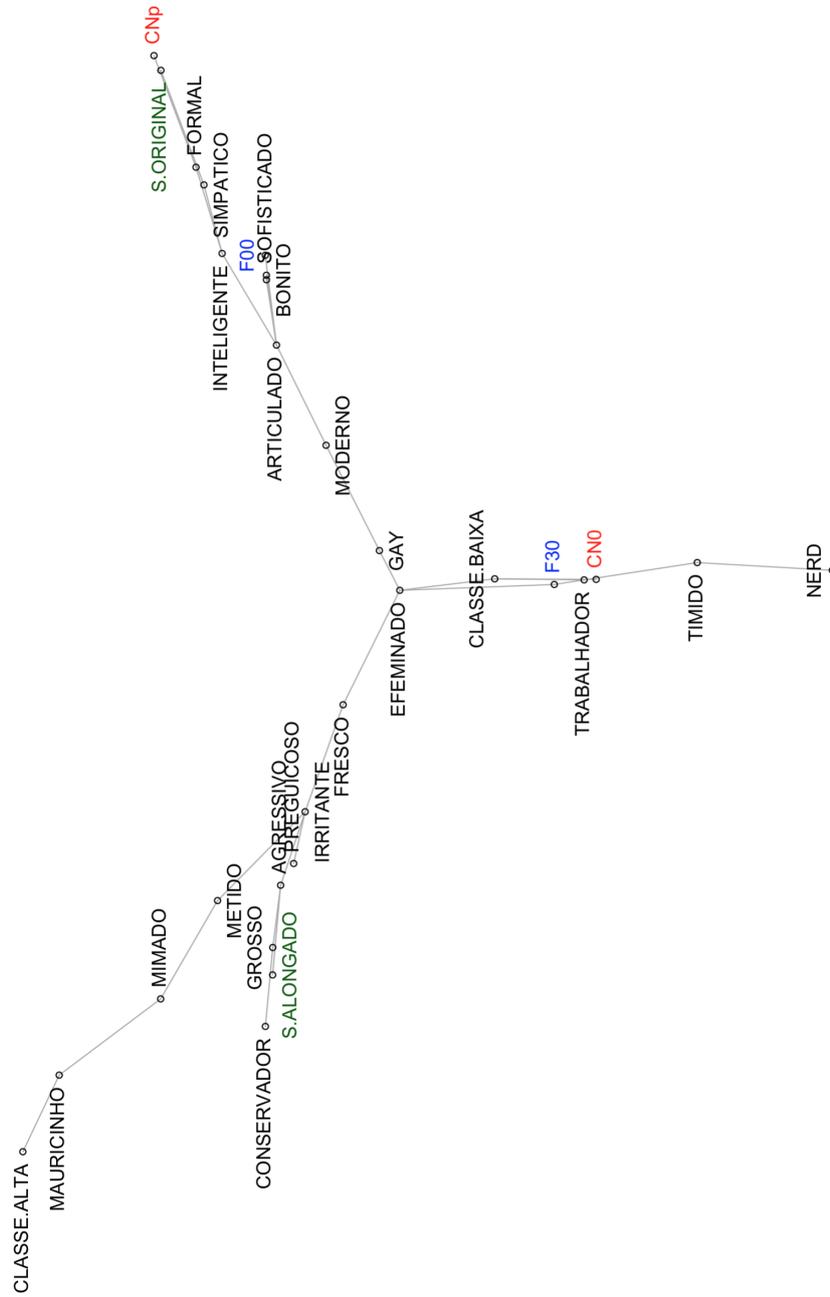


Um dos maiores interesses da presente pesquisa é verificar possíveis interações entre a significação social das variáveis linguísticas (-s), (CN) e (F₀) combinadas. Na tentativa de entender melhor essas possíveis interações e levando em consideração todas as características presentes no formulário sociolinguístico que foi respondido pelos ouvintes, foram plotadas árvores de distâncias mínimas que incluem todas as seis variantes das três variáveis linguísticas sendo estudadas. A primeira dessas árvores pode ser verificada na Figura 4.10, e leva em consideração os dados gerais obtidos com as respostas.

Nota-se que, novamente, a variante de -s alongado se conecta a características como “agressivo”, “mal-educado”, “preguiçoso”, enquanto a variante original -s se conecta a características como “formal” e “inteligente”. Além disso, é perceptível a aproximação entre a variante de (-s) com duração original e a variante CNp. A variante CNØ, por outro lado, está próxima da variante F30 e de características como “classe baixa”, “trabalhador” e “tímido”, e essas duas variantes estão relativamente mais próximas de “gay” e “efeminado” do que as demais. Há, novamente, uma interligação entre “gay”, “efeminado” e “classe baixa”. Já a variante F00 está relativamente mais próxima às variantes CNp e -s original, porém, mais próxima ainda de características como “sofisticado” e “bonito”.

Pode-se concluir que os padrões gerais muitas vezes repetem aqueles das Figuras 4.7, 4.8 e 4.9, árvores de distâncias mínimas que foram plotadas de forma separada para cada variável. No entanto, é interessante observar como, na representação dos dados gerais, algumas variantes estão mais próximas entre si do que outras – especialmente o par CNØ-F30 e o trio -s original-CNp-F00. A variante -s alongado se situa relativamente distante das demais. Embora não tenha sido atestada uma interação estatística entre as três variáveis, a árvore de distâncias mínimas permite inferir quais são as variantes que mais frequentemente se inter-relacionam e que, portanto, compartilham mais significados sociais entre si.

Figura 4.10: Árvore de distâncias mínimas dos dados gerais.



Além disso, como outro dos grandes interesses da presente pesquisa é verificar como as atitudes do ouvinte têm efeito sobre sua percepção, foram feitas duas outras árvores: uma que leva em consideração apenas as respostas dos ouvintes que obtiveram índice menor ou igual a 1,5 no Q.A. (Figura 4.11) e outra para as respostas dos ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5 (Figura 4.12).

Na Figura 4.11, a variante alongada de (-s) é novamente associada a características negativas, como “agressivo” e “irritante”, enquanto a variante original é associada a características positivas, como “simpático” e “inteligente”. Além disso, pode-se perceber que, assim como na árvore plotada para os dados gerais, a variante -s+ está no canto esquerdo, muito longe das demais variantes linguísticas, que estão mais próximas umas das outras, no lado direito da imagem. Ademais, a variante CNØ, além de aparecer ligada à noção de classe baixa, está novamente próxima das características “gay” e “efeminado”; já a variante CNp está ligada novamente a noções como “formal”, “inteligente” e “nerd”. A variante F00 ainda aparece interligada a características como “moderno” e “articulado”, mas a variante F30, desta vez, deixa de estar próxima de características como “gay”, “efeminado” e “classe baixa”.

Na Figura 4.12 há uma diferente configuração das variantes: aquela que aparece afastada das demais é CNØ; a variante -s+ desta vez se situa perto das variantes F30 e CNp. Ao que tudo indica, associações diferentes ocorrem para os ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5: ao invés de associarem CNØ a noções como “classe baixa”, “gay” e “efeminado”, associam mais frequentemente a características como “mal educado” e “agressivo” – características que, para os ouvintes que obtiveram índice menor ou igual a 1,5, estão ligadas à variante -s+. Ademais, nessa árvore, as características “gay” e “efeminado” não aparecem especialmente próximas a nenhuma variante linguística, mas ainda se conectam à característica “classe baixa”. Trata-se de mais uma evidência de que gênero, sexualidade e classe social se intersectam, na percepção geral dos ouvintes, na forma de alguma visão estereotípica que liga noções de *gayness* e efeminidade a menor *status* e, por consequência, a formas mais estigmatizadas.

Figura 4.11: Árvore de distâncias mínimas para respostas dadas por ouvintes com índice Q.A. menor ou igual 1,5.

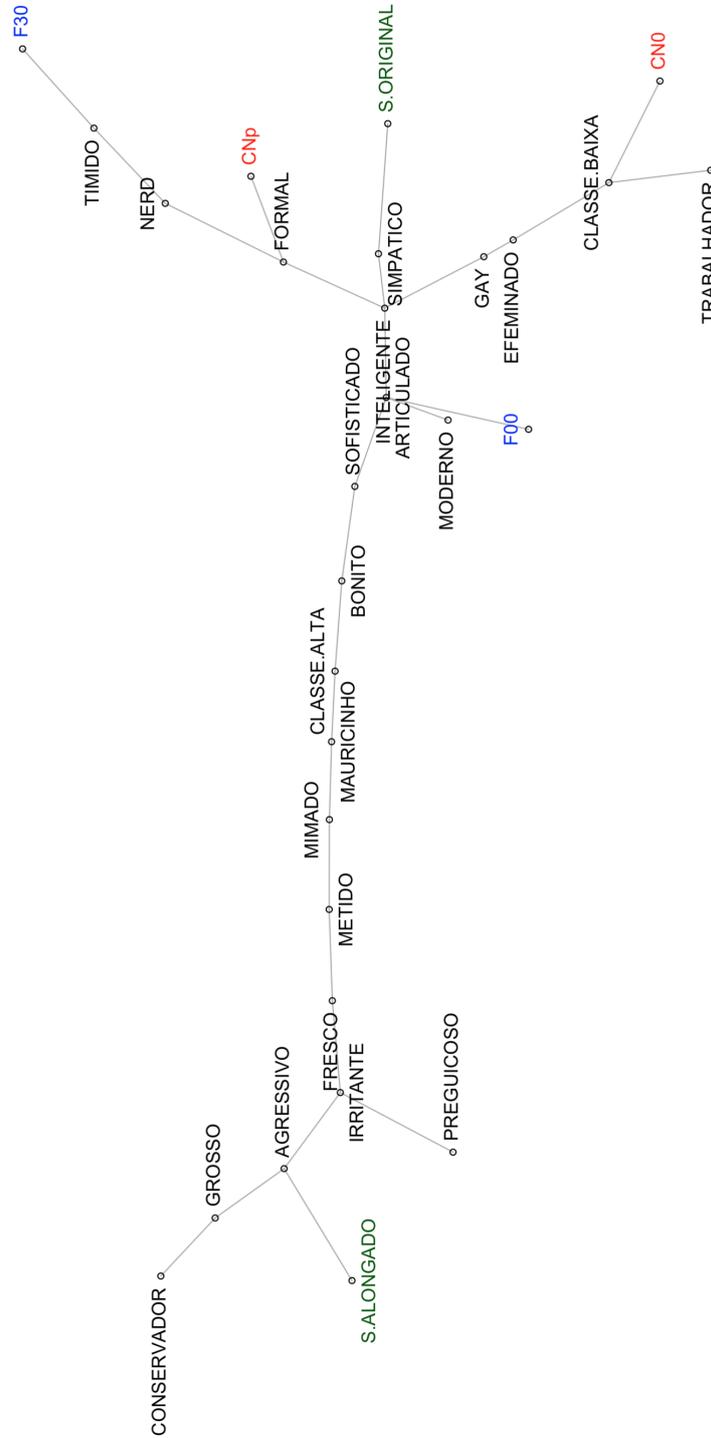
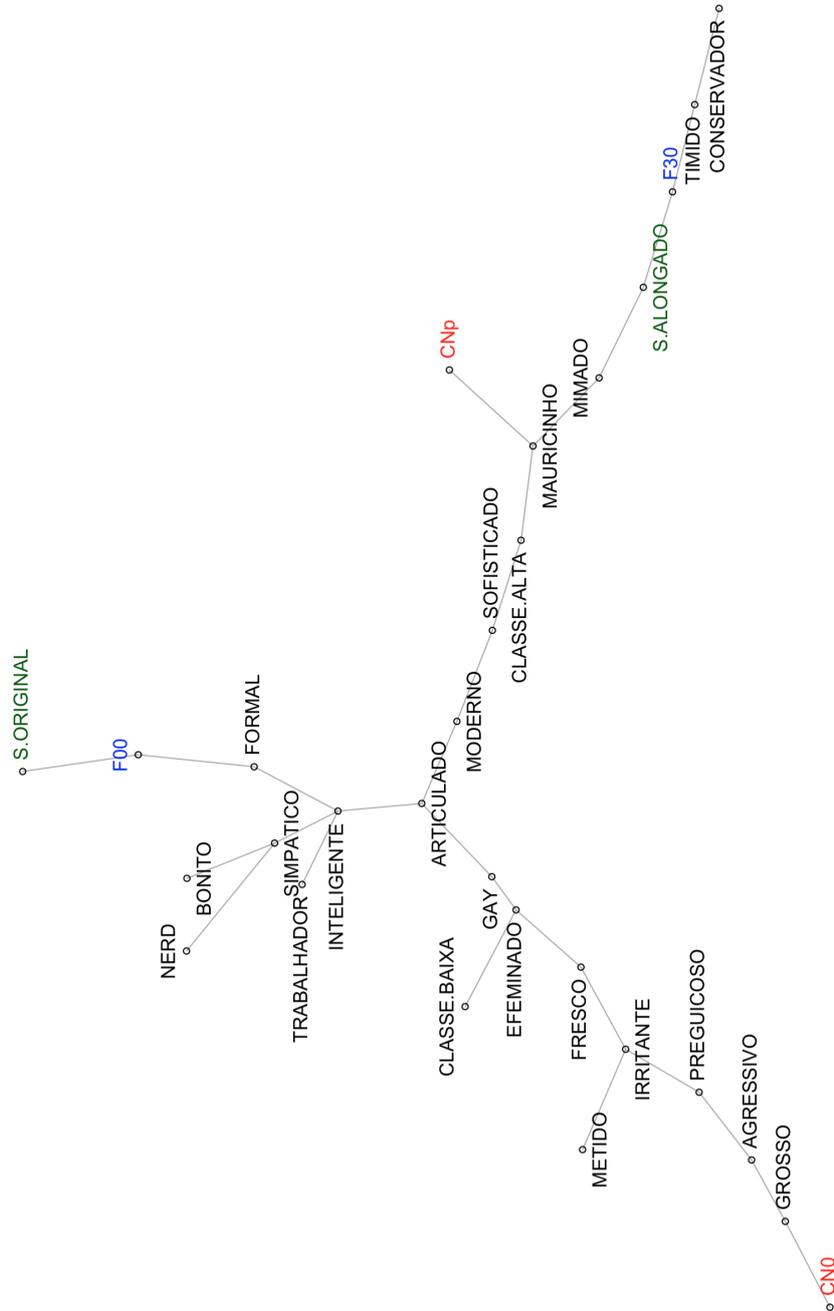


Figura 4.12: Árvore de distâncias mínimas para respostas dadas por ouvintes com índice Q.A. maior do que 1,5.



O exame das árvores de distâncias mínimas que foram plotadas trouxe uma nova possível interpretação a respeito do efeito da variante -s alongado sobre o falante Robson (Cf., por exemplo, Figura 4.2 Tabela 4.2). Embora a variante -s+ tenha um efeito geral que faz com que os falantes soem mais gay/efeminados, o efeito é o oposto para o falante Robson, que soa mais gay/efeminado em -s+ do que na variante original, -s. Ora, nas árvores de distâncias mínimas é recorrente que a variante -s+ apareça conectada a termos como “mal-educado”, “agressivo” – termos estes que podem ser associados a estereótipos masculinos, que remetem a brutalidade e “falta de boas maneiras” do homem dito “viril”. Talvez seja, portanto, esse o estereótipo que operou sobre as percepções do falante Robson em seu *guise* em F30.

Por fim, deve-se fazer a ressalva de que Oushiro (2015, 2019), ao apresentar sua proposta de representação de campos indiciais por meio da árvore de distâncias mínimas, afirma que “não se pretende propor que a figura seja uma representação fiel do mapa mental dos ouvintes, ou que a série de inferências tenha seguido exatamente os caminhos sugeridos” (OUSHIRO, 2015, p. 313). No entanto, essa forma de representação permite a inferência, de um modo mais confiável e objetivo, sobre quais termos mais frequentemente se inter-relacionam e sobre as possíveis rotas de associação entre conceitos que conduziram o ouvinte enquanto preenchia o questionário. Acredita-se que, no presente trabalho, esse tipo de representação tenha permitido um melhor entendimento sobre como os significados sociais das seis variantes estudadas se relacionam e fortaleceu o poder explanatório de interpretações que foram levantadas no processo de análise dos modelos de regressão e gráficos.

4.3 Síntese

Os resultados obtidos apontam, primeiramente, para a reafirmação daquilo já atestado por Sene (2022): o funcionamento das variáveis (-s) e (F_0) como índices de gênero/sexualidade; no entanto, diferentemente do experimento conduzido por Sene que combina (-s) e (F_0), não foi encontrada uma interação estatística entre as duas variáveis. Para interpretar esse resultado, é preciso ter em mente algumas das diferenças entre o *design* do experimento conduzido por Sene (2022) e aquele que foi aqui utilizado. Além do experimento de Sene não incluir a variável (CN), foram utilizadas pelo pesquisador as escalas de diferenciais semânticos “nada/muito gay” e “nada/muito masculino”, que se correlacionam negativamente; aqui, foram utilizadas as escalas “nada/muito gay” e “nada/muito efeminado”, que se correlacionam positivamente. Mesmo assim, em ambos os experimentos, as escalas referentes a gênero/sexualidade compõem o CP1, que explica a maior parte da variância nas respostas. Em

muitos sentidos, portanto, são experimentos semelhantes, mas que utilizam estímulos linguísticos diferentes – os de Sene foram gravados pelo autor em entrevistas sociolinguísticas, enquanto aqui foi utilizado o *corpus* SP2010; além disso, Sene utiliza as vozes de oito falantes, enquanto o presente estudo utiliza quatro. Ademais, o experimento de Sene tem, para a variável (-s), um *design within-subject*, em que cada falante é ouvido duas vezes em seus dois *guises* e um *design between-subject* para a variável (F₀), ao passo que a presente pesquisa utilizou apenas o *design between-subject*, ou seja, cada falante foi ouvido apenas uma vez. O uso do *design within-subject* traz maior robusteza ao experimento, já que os mesmos ouvintes interagem com áudios de um mesmo falante nas suas duas variantes. É possível, assim, que tais diferenças no desenho experimental, além das diferenças no perfil do público respondente, expliquem a diferença nos resultados obtidos.

Além disso, os resultados aqui obtidos foram de encontro aos de Mendes (2018) sobre (CN), ao menos em relação ao efeito global da variável. Parece haver indícios de que, quando as três variáveis são combinadas, a indicialidade de (-s) e (F₀) se sobrepõem à de (CN), no tocante a gênero e sexualidade. Esse resultado faz sentido se mantivermos em mente que a significação social principal de (CN) está ligada ao campo da Competência (que inclui escolaridade, classe social e formalidade), e não do gênero e da sexualidade – algo já atestado pelo fato do CP Competência ser aquele que explica a maior parte da variância nas respostas do estudo de Mendes (2018), e também pela presente pesquisa, nas análises para o CP3 *Status*. Ao comparar os resultados aqui obtidos com os de Mendes, é preciso levar em conta que, mesmo que aqui tenham sido utilizados alguns dos mesmos estímulos com que o pesquisador trabalha, seu experimento envolvia apenas a escala “pouco/muito masculino” e trazia a característica “gay” como variável discreta, além de trabalhar com somente uma variável linguística. Outras possíveis razões para os presentes resultados sobre (CN) diferirem sensivelmente daqueles obtido por Mendes (2018) se devem ao Princípio da Interface⁴¹ (LABOV, 1993; LABOV et al., 2011) e às diferenças entre a aplicação dos dois experimentos. O presente estudo foi conduzido por volta de 5 anos depois do estudo de Mendes, e a coleta de respostas se deu de forma *on-line* (a coleta de Mendes (2018) foi pre-

⁴¹ Ao invocar o Princípio da Interface como hipótese explicativa para os resultados obtidos, somos levados a nos perguntar também por que Mendes (2018) teria verificado um efeito significativo de (CN) sobre as respostas, sendo essa uma variável de natureza gramatical. A hipótese é de que a significação social de (CN) pôde ser atestada por Mendes (2018) por estar sendo trabalhada de forma isolada; aqui, há duas outras variáveis de natureza fonética, cujo significado social pode ter se sobreposto ao de (CN). Pode-se também sugerir que o efeito atestado por Mendes (2018) se deva muito mais à presença do fonema /-s/ nos sintagmas nominais plurais do que à variação morfológica de fato.

sencial), envolvendo o dobro de participantes. Também deve-se ter em mente o período de grande polarização política em que o experimento aqui descrito foi conduzido, e o perfil majoritariamente de esquerda dos respondentes – algo que pode tê-los tornado mais conscientes de estereótipos e avaliações negativas. Ademais, Mendes tem metade de respondentes com Ensino Superior, enquanto o presente estudo tem mais de 90% – seria também possível, então, que respondentes altamente escolarizados sejam menos sensíveis aos efeitos indiretos de (CN) no tocante a gênero e sexualidade. Ou estariam eles sujeitos a um estereótipo diferente que envolve (CN) e noções de *gayness*/efeminidade, em relação àquele que aparece nas interpretações de Mendes?

Na interpretação dos resultados desta pesquisa, foi frequentemente levantada a hipótese do estereótipo de uma “fala gay estigmatizada”. Trata-se de um nome provisório, uma vez que não existe uma visão monolítica sobre a “fala gay”, mas a ideia central é a de que, no presente experimento, foi recorrente a associação entre *gayness*/efeminidade e baixo *status*/formas estigmatizadas como CNØ, e isso se mostrou principalmente nos resultados que foram em um primeiro momento inesperados, como o efeito da CNØ para o falante Lucas, que o faz soar mais gay e efeminado. Tal resultado foi em um primeiro momento surpreendente porque vai no sentido contrário do estereótipo em que baseiam as interpretações de Mendes (2018) a respeito dos resultados de seu experimento sobre (CN). Como o autor atestou que a variante CNØ fazia com que os falantes fossem percebidos como menos gay/efeminados, a interpretação foi de que a variante CNØ poderia estar ligada a visões estereotípicas de masculinidade, como “homem é rude, não se preocupa em falar certinho”. Tal estereótipo foi levantado como hipótese interpretativa na presente pesquisa também, ao explicar a interação entre o índice Q.A. obtido pelo ouvinte e a variante CNØ: os resultados indicam que os ouvintes com índice Q.A. mais elevado, e que portanto afirmam abertamente ter ideias mais conservadoras e preconceituosas acerca da homossexualidade, tenderam a perceber os *guises* com variante não padrão como menos gay/efeminados, em relação aos ouvintes com índice Q.A. menos elevado. Foi levantada, então, a hipótese de que visão da variante CNØ como ligada a noções estereotípicas de masculinidade estivesse operando sobre os falantes com índice mais alto, mas é possível também que a explicação seja invertida: um estereótipo que liga noções de *gayness* e efeminidade a formas mais estigmatizadas e à classe baixa pode ter operado, e com mais força sobre aqueles que tiveram índices abaixo de 1,5 e que, portanto, têm visões mais positivas e progressistas acerca do tema da homossexualidade masculina. Essa hipótese sobre um outro estereótipo é corroborada por uma série de resultados aqui obtidos e também pelo exame dos campos indiciais plotados como árvores de distâncias mínimas.

Deve-se considerar, contudo, que todas as análises que envolvem o índice

Q.A. não podem deixar de ser vistas com algumas ressalvas, uma vez que não há grande variabilidade nos índices obtidos pelos ouvintes desta pesquisa (Cf. Figura 3.2). Os participantes, ao menos do ponto de vista de suas atitudes explícitas, têm um posicionamento em geral muito favorável a questões de gênero e sexualidade.⁴² Por essa razão, dividiram-se os ouvintes em dois grupos a partir do índice 1,5, que é na realidade um valor muito baixo, considerando que o índice mais baixo a ser obtido era 1 e que o mais alto era 5. Além disso, o grupo de ouvintes com índice Q.A. menor ou igual a 1,5 é bem mais numeroso (138 respondentes) do que o grupo de ouvintes com índice maior do que 1,5 (66 respondentes). Também por essa razão, no que diz respeito ao efeito do índice obtido no Q.A., atestou-se que seu efeito foi muito mais restrito do que o esperado, o que vai de encontro aos resultados do estudo de Levon (2014), em que o *score* obtido por seus ouvintes teve um efeito global sobre suas respostas. Mesmo assim, acredita-se que a plotagem dos campos indiciais de forma separada para os grupos com índice Q.A. menor ou igual a 1,5 e com índice Q.A. maior do que 1,5 tenha permitido a visualização de como algumas conexões foram mais recorrentes em um grupo do que no outro (por exemplo, o primeiro grupo associa a variante CNØ a noções como “classe baixa”, “gay” e “efeminado”, enquanto as associações parecem seguir outro caminho para o segundo grupo, que relaciona a mesma variante a noções como “mal educado” e “agressivo”).

Ademais, no que toca às características sociais do ouvinte, a variável gênero teve também um efeito significativo sobre as respostas: as mulheres, além de perceberem Lucas como mais gay/efeminado do que os homens, também tenderam a perceber *guises* com a variante -s+ como mais gay/efeminados. A interpretação imediata dada para esses resultados é de que as mulheres, por alguma razão, possam estar mais atentas a noções de *gayness* e efeminidade, considerando que Lucas costuma ser percebido como o falante que mais soa gay/efeminado entre os quatro e que a variante -s+ tem um efeito geral significativo sobre esse campo de significados. Todavia, Mendes (2018) também atesta um efeito do gênero dos participantes em seu estudo sobre a (CN): seus ouvintes do sexo masculino tenderam a perceber os falantes como mais gays. Nos três experimentos conduzidos por Sene (2022), todavia, o gênero do participante teve efeito em apenas um deles — aquele que combina (-s) e (F₀). O pesquisador atestou que homens tendem a avaliar *guises* com a variante de -s alongado como mais gay/efeminados, em relação às mulheres.

⁴²Também deve-se ter em mente que a resposta dos ouvintes é refletida e consciente, uma vez que o Q.A. não mede “preconceitos encobertos”. Ademais, ao considerar o momento de extrema polarização política e o perfil do público respondente, podemos supor que muitos participantes estivessem especialmente conscientes sobre atitudes preconceituosas e/ou estereotípicas, e assim mais suscetíveis a querer acobertá-las.

Ao confrontar tais resultados, deve-se levar em conta que identidades de gênero – ou, nesse caso específico, “homem” e “mulher” – não são categorias fixas ou homogêneas e por isso não se comportam de maneira uniforme. A categoria de gênero de forma isolada não traz resultados coesos entre os estudos, o que reforça a necessidade de se olhar, em estudos futuros, para além de categorias fixas, mas para as intersecções entre as diversas categorias da experiência humana.

5

Conclusão

Este estudo teve como principal objetivo testar o efeito combinatório das variáveis linguísticas (-s), (CN) e (F_0). As principais motivações para tanto foram (i) o fato de que há poucos experimentos de percepção em língua portuguesa que combinem mais de uma variável linguística; (ii) os resultados obtidos por Mendes (2018) e Sene (2022), que atestam que essas variáveis podem funcionar como índices indiretos para noções de gênero e sexualidade na voz masculina. Outro objetivo deste estudo foi verificar como atitudes dos ouvintes podem estar correlacionadas a suas percepções sociolinguísticas. Este último objetivo deveu-se sobretudo aos resultados do experimento em língua inglesa conduzido por Levon (2014), em que é observado um efeito significativo das atitudes do ouvintes acerca da divisão de papéis de gênero sobre sua percepção diante das variáveis (-s), (F_0) e (θ). Para atingir tais objetivos, propôs-se um experimento de percepção sociolinguística que utiliza a técnica *matched-guise* e combina as variáveis (-s), (CN) e (F_0), além de trazer um questionário como método para aferir as atitudes dos respondentes acerca do tema da homossexualidade masculina. As hipóteses iniciais eram de que haveria uma interação estatística entre as três variáveis linguísticas estudadas e de que as respostas dadas ao Questionário de Atitudes estariam correlacionadas às percepções dos ouvintes acerca dessas variáveis, sobretudo no que toca a gênero e sexualidade. Também era esperado que os *guises* em que os falantes seriam percebidos como mais gay/efeminados seriam aqueles que combinassem as variantes -s alongado, CNp e F_0 acrescida de 30 Hz.

Antes de descrever o planejamento e a execução do experimento, contudo, foram explicitadas e discutidas, no [Capítulo 2](#) desta dissertação, as bases teóricas sobre as quais esta pesquisa se fundamenta. São elas, essencialmente, a teoria emergentista do significado social e sua ligação com estudos de terceira onda sociolinguística, a teoria *Queer* e sua influência sobre a noção de performatividade e a teoria interseccional, vista aqui como uma proposta de ferramenta de análise sociolinguística. Buscou-se, portanto, a partir da teoria emergentista e da noção de performatividade proposta pelos teóricos *queer*, estudar a emergência de significados sociais no campo do gênero e da sexualidade. Um dos pressupostos assumidos foi o de que a emergência de

significados sociais a partir das variáveis em foco, além de envolver fatores contextuais (como as atitudes do ouvinte e a combinatoriedade entre as formas linguísticas), faz parte de uma performance sociolinguística expressa pelos falantes gravados, mesmo que os trechos de áudio sejam muito curtos. A adoção de um Questionário de Atitudes como procedimento metodológico e a escolha das variáveis linguísticas se configuram, nesse cenário, como tentativas de incorporar a teoria interseccional à metodologia e à análise do experimento que foi proposto. Ademais, assumiu-se que a combinação de três variáveis pudesse levar a uma intersecção de percepções linguísticas em diferentes campos sociais, como sexualidade e classe social.

O Capítulo 2 desta dissertação também inclui uma revisão sobre os trabalhos de percepção sociolinguística que motivaram e basearam o presente estudo. O experimento conduzido por Levon (2014) combina três variáveis normativamente associadas a noções de sexualidade (-s), gênero (F_0) e classe social (θ), além de utilizar o questionário MRAS, elaborado por Pleck, Sonnenstein e Ku (1994), para aferir atitudes dos ouvintes a respeito da divisão estereotípica de papéis de gênero. Seus resultados demonstram que a percepção de significados sociais é condicionada por fatores atitudinais e cognitivos, o que garante um suporte empírico para que se compreenda o significado social como uma propriedade emergente da linguagem em uso, além de ilustrar a natureza da percepção sociolinguística como dependente do ouvinte. No caso do estudo de Mendes (2018), o primeiro experimento conduzido pelo autor é aquele que mais influencia a presente pesquisa, pois a (CN) tem um efeito global significativo sobre seus resultados, de forma que todos os falantes são percebidos como mais masculinos diante da variante CN \emptyset . Assim como no estudo de Levon (2014), a interpretação dos resultados de Mendes sugere uma visão estereotípica sobre a intersecção entre as categorias de gênero, sexualidade e classe social, que faz com que o uso da variante não padrão esteja associado a visões estereotípicas de masculinidade. O estudo de Sene (2022), por fim, além de evidenciar o efeito significativo das variáveis (-s) e (F_0) em percepções no campo do gênero e da sexualidade, atesta um efeito interativo entre as variáveis, de forma que, nos *guises* que combinam -s+ e F30, as variantes têm seu efeito potencializado.

A partir da discussão sobre as bases teóricas e da revisão bibliográfica feita no Capítulo 2, o Capítulo 3 descreve o planejamento e a execução do experimento de percepção sociolinguística que é o cerne desta dissertação e que combina as variáveis (CN), (F_0) e (-s). São descritos os processos de seleção e manipulação dos estímulos linguísticos a serem ouvidos, de forma a compor um conjunto de 32 *guises* – 8 para cada falante ouvido, esgotando as possibilidades de combinação entre as três variáveis linguísticas em foco. Ademais, no Capítulo 3 foi descrito o processo de elaboração dos questionários

sociolinguístico e de Atitudes, baseado na escala de Gato, Fontaine e Carneiro (2012), que compõem o experimento. Passa-se então para a descrição do processo de execução do experimento, que inclui a discussão de dados de natureza quantitativa sobre as características sociais dos 204 participantes do experimento. De forma geral, com o exame das respostas dadas às perguntas de natureza demográfica-social e ao Q.A., foi possível perceber que se trata de um público altamente escolarizado, com atitudes abertamente positivas em relação à homossexualidade masculina.

O Capítulo 4 então descreve e interpreta os resultados obtidos no experimento. Foi feita uma ACP que determinou que o CP Gênero/Sexualidade é o que mais explica a variância nas respostas. Por essa razão, e também pelo fato de que significados sociais no campo gênero e sexualidade fazem parte dos principais interesses e motivações para esta pesquisa, as análises feitas no capítulo se detiveram principalmente sobre esse CP. Os resultados indicam que variáveis (-s) e (F_0) têm um efeito significativo global nas respostas, ao contrário de (CN). Para interpretar tais resultados, supôs-se que, uma vez que as duas primeiras variáveis têm significado social mais estereotipicamente ligado a gênero e sexualidade, como demonstraram, por exemplo, Levon (2014) e Sene (2022), sua indicialidade se sobrepõe à da terceira, cujo significado é normativamente ligado a noções de classe social e escolaridade. No que toca às respostas obtidas no Q.A., seus efeitos sobre as respostas foram mais restritos do que o esperado. Talvez isso se deva ao fato de que a grande maioria dos respondentes têm atitudes abertamente muito positivas em relação à homossexualidade, de acordo com suas respostas. Por essa razão, a mediana dos índices obtidos pelos ouvintes é de 1,37, em uma escala que vai de 1 a 5. Mesmo assim, foi encontrada uma correlação entre as respostas e o índice obtido no Q.A.: os participantes com índice acima de 1,5 tendem a perceber *guises* com a variante CNØ como significativamente menos gay/efeminados, em relação aos ouvintes com índice menor ou igual a 1,5. Deve-se, contudo, olhar com ressalvas para esse resultado, já que os índices obtidos pelos respondentes no Q.A. varia muito pouco. Mesmo assim, o resultado merece ser comentado e interpretado. A interpretação proposta está associada à noção de estereótipos.

A proposta do efeito de um estereótipo que se situa na intersecção entre gênero, classe e sexualidade já estava presente nos trabalhos de Levon (2014) e Mendes (2018). No entanto, enquanto os autores apontaram para uma associação entre as noções de baixo *status*, formas estigmatizadas ([f], ou anteriorização de /θ/, no caso de Levon, e CNØ, no caso de Mendes) e noções prototípicas de masculinidade, os resultados obtidos na presente pesquisa indicam que outro tipo de estereótipo operou sobre os participantes. Esse estereótipo, contudo, vai na contramão do anterior, uma vez que associa as

noções de baixo *status* e de formas estigmatizadas a *gayness* e efeminidade. A proposta de que esse estereótipo tenha operado sobre os participantes é capaz de explicar boa parte dos resultados obtidos que foram em um primeiro momento inesperados, como o efeito da (CN) sobre o falante Lucas e a interação significativa entre as variantes CNØ e F30.

A plotagem de campos indiciais por meio do método da árvore de distâncias mínimas, como foi proposto por Oushiro (2015, 2019), incluiu na análise as características de caixas de seleção, além das escalares, às quais se voltou a ACP. Com isso, foi possível a visualização de padrões de características que estavam sendo recorrentemente associadas pelos ouvintes. Foi frequente, nos diferentes campos indiciais plotados, haver interligações entre as características “classe baixa”/“trabalhador” e “gay”/“efeminado”; algumas vezes, a variante CNØ esteve também presente nesse feixe de inter-relações. Ora, se a árvore de distâncias mínimas aproxima termos que mais coocorreram, parece coerente supor que, de fato, a associação entre *gayness*/efeminidade a baixo *status*/formas estigmatizadas esteve presente na mente dos ouvintes, enquanto respondiam ao questionário. Assim, pode-se supor que, embora CNØ não indique diretamente noções de gênero e sexualidade nesta pesquisa, a variante pode ajudar a compor uma *persona* estereotipada em que noções de *gayness* e efeminidade se mostram relevantes. Tal ideia demonstra a intersecção dinâmica entre categorias sociais distintas – gênero, sexualidade e classe social.

Assim, ao contrário do que se esperava, os *guises* em CNp, F30 e -s+ não foram aqueles em que os falantes soaram mais gay/efeminados, e tampouco houve uma única combinação entre variantes que fizesse com que todos os falantes soassem mais gay/efeminados. De fato, pode-se dizer que, em geral, grande parte dos resultados obtidos vão de encontro às expectativas e hipóteses iniciais expostas na [Introdução](#) desta dissertação. Exatamente por essa razão, acredita-se que a presente pesquisa tenha contribuído para um debate mais profundo sobre o efeito da combinação entre (CN), (-s) e (F₀) em percepções no campo de gênero/sexualidade. Os resultados aqui obtidos demonstram que os significados sociais dessas formas linguísticas são mais dinâmicos e instáveis do que se esperava, ao início da pesquisa. Ademais, há indícios de que os estereótipos que operam na intersecção entre as noções sociais de gênero, classe social e sexualidade possam ser mais variados do que se assumiu em um primeiro momento, com base nas pesquisas de Levon (2014) e Mendes (2018).

É de interesse, em experimentos futuros, procurar participantes com perfis mais variados, de forma que haja maior variação de respostas para o índice do Questionário de Atitudes – com isso, poderia-se explorar mais profundamente o efeito das atitudes do ouvinte sobre sua percepção. Pode-se, inclusive,

procurar ajustar o Questionário, de forma a medir preconceitos que sejam mais encobertos. Também é de interesse uma análise futura dos resultados que inclua o falante como efeito aleatório e que compare pares de *guises* que se diferenciam em relação a apenas uma variável. Ademais, há grande interesse em explorar a correlação entre a variante não padrão de CN e percepções de *gayness* e efeminidade, utilizando outros trechos de fala e, possivelmente, até mesmo outros falantes. Um outro grande interesse é desenvolver um experimento análogo àquele aqui reportado, mas que siga um desenho *within-subject*, que garante mais robustez aos resultados, embora torne o experimento mais longo.

Por fim, acredita-se que o experimento conduzido nesta pesquisa forneça mais bases empíricas para a teoria emergentista do significado social proposta por Eckert (2008). Mesmo que as atitudes do ouvinte se correlacionem às respostas apenas de forma muito restrita, a interpretação dos demais resultados, ainda mais se comparados aos de pesquisas anteriores, ressalta a natureza emergente e mutável dos significados sociais. Na [Introdução](#) desta dissertação foi mencionado, entre as justificativas para a presente pesquisa, que ela poderia trazer novas descobertas acerca da percepção de vozes masculinas, além de fornecer uma visão mais apurada sobre como preconceitos sociais, pré-julgamentos e estereótipos de gênero e sexualidade operam na comunicação do dia-a-dia. Após a realização da pesquisa, acredita-se que, de fato, contribuiu-se para um melhor entendimento da percepção sociolinguística de significados ligados a gênero e sexualidade, assim trazendo não apenas uma contribuição acadêmica, mas também social. Procurou-se também demonstrar, nesta pesquisa, que tais discussões e testes futuros têm muito a ganhar se incluírem a interseccionalidade como ferramenta de análise e se tiverem a teoria emergentista como pressuposto teórico.

Referências

- AGHA, Asif. **Language and Social Relations**. New York: Cambridge University Press, 2007. P. 446.
- BISOL, Leda; MENON, Odete Pereira da Silva; TASCA, Maria. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Claudia (Ed.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. P. 50–58.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer**. [Programa de Computador]: Versão 6.1.12, 2020. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>.
- BRAGA, Maria Lúcia. **A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro**. 1977. F. 103. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, 2006.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 1035–1064, 2012.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Edição: Linda J. Nicholson. New York: Routledge, 1999.
- _____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 219–260, 2003.
- _____. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.
- CALLOU, Dinah. O projeto NURC no Brasil: da década de 70 à década de 90. **Linguística**, v. 11, p. 231–250, 1999.
- CAMERON, Deborah; KULICK, Don. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. P. 176.
- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Intersecting variables and perceived sexual orientation in men. **American Speech**, v. 86, n. 1, p. 52–68, 2011.

- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: The case of (ING)**. 2005. Ph.D. Thesis – Stanford University.
- _____. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, v. 21, p. 135–156, 2009.
- CANEVER, Fernanda. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: Frequência e percepções sociolinguísticas**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CEDERGREN, Harry. **The interplay of social and linguistic factors in Panama**. 1973. F. 324. Tese de Doutorado – Cornell University.
- COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: the creation of the Mods and the Rockers**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Cambridge: Polity, 1995.
- _____. **The men and the boys**. Cambridge: Polity, 2000.
- CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero**, p. 7–16, 2002.
- _____. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum 1989**, p. 139–168, 1989.
- DRAGER, Katie. Style and perceived sexuality. In: **NEW Ways of Analysing Variation (NWAV) 40**. Washington, DC: Georgetown University, 2011.
- ECKERT, Penelope. **Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belten High**. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2000.
- _____. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87–100, 2012.
- _____. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008.
- _____. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. cap. 3, p. 68–85.
- FAI, Diane. A study of the (-ing) variable in the Ottawa male community. In: **ACTES du colloque: Tendances actuelles de la recherche sur la langue parlée**. Quebec: Centre International de Recherche sur le Bilinguisme/International Center for Research on Bilingualism, 1988. P. 35–40.

- FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na região sul**. 1996. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina.
- GATO, Jorge; FONTAINE, Anne Marie; CARNEIRO, Nuno Santos. Multidimensional scale of attitudes toward lesbians and gay men: Construction and preliminary validation. **Paidéia**, v. 22, n. 51, p. 11–20, 2012.
- GAUDIO, Rudolf P. Sounding Gay: Pitch Properties in the Speech of Gay and Straight Men. **American Speech**, v. 69, n. 1, p. 30–57, 1994.
- GOMES DA SILVA, Fernando. **Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número**. 2014. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**, v. 14, n. 28, p. 17–32, 2000.
- _____. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history**. 1981. Tese de Doutorado – University of Pennsylvania.
- HALL, Kira. Lip service on fantasy lines. In: HALL, Kira; BUCHOLTZ, Mary (Ed.). **Gender Articulated**. New York: Routledge, 1996. P. 183–216.
- HANCOCK, Ange Marie. Intersectionality as a Normative and Empirical Paradigm. **Politics and Gender**, v. 3, n. 2, p. 248–254, 2007a.
- _____. When multiplication doesn't equal quick addition: Examining intersectionality as a research paradigm. **Perspectives on Politics**, v. 5, n. 1, p. 63–79, 2007b.
- HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 97, 2015.
- HOOKS, bell. **ain't i a woman? black women and feminism**. boston: south end press, 1981.
- IRVINE, Judith T. et al. **Style and Sociolinguistic Variation**. Edição: Penelope Eckert e John R. Rickfords. New York: Cambridge University Press, 2001. P. 341.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Ed.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2017.

KEOGH, Peter; DODDS, Catherine; HENDERSON, Laurie. **Working class gay men: Redefining community, restoring identity**. London: Sigma Research, 1994.

KERSWILL, Paul. Dialect levelling and geographical diffusion in British English. In: BRITAIN, David; CHESHIRE, Jenny (Ed.). **Social dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. P. 223–243.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. **WORD**, v. 19, n. 3, p. 273–309, 1963.

_____. **The social stratification of English in New York City**. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966]. P. 485.

_____. The unobservability of structure and its linguistic consequences. In: PAPER delivered at NWAV. Ottawa: NWAVE XXII, 1993.

LABOV, William et al. Properties of the sociolinguistic monitor. **Journal of Sociolinguistics**, v. 15, n. 4, p. 431–463, 2011.

LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, p. 44–51, 1960.

LEVON, Erez. Categories, stereotypes, and the linguistic perception of sexuality. **Language in Society**, v. 43, n. 5, p. 539–566, 2014.

_____. Hearing "gay": prosody, interpretation, and the affective judgments of men's speech. **American Speech**, v. 81, n. 1, p. 56–78, 2006.

_____. Integrating Intersectionality in Language, Gender, and Sexuality Research. **Language and Linguistics Compass**, v. 9, n. 7, p. 295–308, 2015.

LEVON, Erez; BUCHSTALLER, Isabelle. Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. **Language Variation and Change**, n. 27, p. 319–348, 2015.

LEVON, Erez; MAEGAARD, Marie; PHARAO, Nicolai. Introduction : Tracing the origin of / s / variation. **Linguistics**, v. 55, n. 5, p. 979–992, 2017.

LEVON, Erez; MENDES, Ronald Beline. Introduction: Locating Sexuality In Language. In _____. **Language, sexuality and power: studies in interseccional sociolinguistics**. Edição: Erez Levon e Ronald Beline Mendes. New York: Oxford University Press, 2016. cap. 1, p. 244.

LINVILLE, Sue Ellen. Acoustic correlates of perceived versus actual sexual orientation in men's speech. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, v. 50, n. 1, p. 35–48, 1998.

- LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Bahia.
- LUCAS, Antoine. **amap: Another Multidimensional Analysis Package**. 2022. R package version 2.3.3.
- MACAULEY, Ronald K. S. **Language, Social Class and Education: A Glasgow Study**. Edinburgh: Univ. Endinb. Press, 1977.
- MCCLINTOCK, Anne. **Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial contest**. Nova York: Routledge, 1995. P. 464.
- MENDES, Ronald Beline. Novos Caminhos da Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Ed.). **Novos Caminhos da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. cap. 5, p. 103–123.
- _____. **Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. 2018. F. 208. Tese de livre-docência – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MENDES, Ronald Beline; OUSHIRO, Livia. **Construção de uma amostra da fala paulistana**. 2013. Disponível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>.
- MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: O desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 21, p. 150–182, 2009.
- MODARESSI, Yahya. **A sociolinguistic analysis of modern Persian**. 1978. F. 257. Tese de Doutorado – University of Kansas.
- MOONWOMON, Baird. Towards a study of lesbian language. In _____. **Proceedings of the first Berkeley Women and Language Conference**. Berkeley, CA: Berkeley Women e Language Group, 1985. P. 96–107.
- MOSSE, George. **Nationalism and sexuality: Middle-class morality and sexual norms in modern Europe**. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.
- MUNSON, Benjamin et al. The acoustic and perceptual bases of judgments of women and men’s sexual orientation from read speech. **Journal of Phonetics**, v. 34, p. 202–240, 2006.
- NARO, Anthony J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, n. 1, p. 63–98, 1981.
- NICHOLS, Patricia Causey. Black women in the rural South: conservative and innovative. **International Journal of the Sociology of Language**, v. 17, n. 1, p. 45–54, 1978.

- OKSANEN, Jari et al. **vegan: Community Ecology Package**. 2022. R package version 2.3.3. Disponível em: <<http://cran.r-project.org/>,%20<http://vegan.r-forge.r-project.org/>>.
- OUSHIRO, Livia. A computational approach for modeling the indexical field. **Revista De Estudos Da Linguagem**, v. 27, n. 4, p. 1737–1786, 2019. ISSN 0104-0588.
- _____. **Identidade na Pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. F. 372. Tese de doutorado em Letras – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. **Introdução à Estatística para Linguistas**. 2017. P. 239.
- _____. _____. 1. ed. Campinas: Editora da ABRALIN, 2022. v. 1, p. 410.
- PARKER, Andrew et al. **Performativity and Performance Theory**. Edição: Andrew Parker e Eve K. Sedgwick. New York: Routledge, 1995. P. 239.
- PHARAO, Nicolai; MAEGAARD, Marie. On the influence of coronal sibilants and stops on the perception of social meanings in Copenhagen Danish. **Linguistics**, v. 55, n. 5, p. 1141–1167, 2017.
- PIE, Isabel. Interseccionalidade: um olhar social sobre a percepção de variáveis sociolinguísticas. **Domínios de Lingu@gem**, v. 15, n. 3, p. 1–19, 2021a.
- _____. Os efeitos de atitudes sobre homossexualidade e do *pitch* médio na percepção sociolinguística de vozes masculinas. In: 24^o ENAPOL. São Paulo, 2021b.
- PLECK, Joseph; SONENSTEIN, Freya; KU, Leighton. Attitudes towards male roles among adolescent males: a discriminant validity analysis. **Sex Roles**, v. 30, p. 481–501, 1994.
- PODESVA, Robert J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, v. 11, n. 4, p. 478–504, 2007a.
- _____. The california vowel shift and gay identity. **American Speech**, v. 86, n. 1, p. 32–51, 2011.
- _____. Three sources of stylistic meaning. In: TEXAS Linguistic Forum (Proceedings of the Symposium About Language and Society – Austin 15). Austin: Georgetown University, 2007b.
- PURNELL, Thomas; IDSARDI, William; BAUGH, John. Perceptual and Phonetic Experiments on American English Dialect Identification. **Journal of Language and Social Psychology - J LANG SOC PSYCHOL**, v. 18, p. 10–30, 1999.

- R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna, Austria, 2023. Disponível em: <<https://www.R-project.org/>>.
- SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 2020. F. 235. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHERRE, Maria Marta P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. F. 158. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro.
- _____. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. F. 554. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19–54, 2007.
- SENE, Marcus Garcia De. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade : efeitos da duração de /s/ e do pitch médio**. 2022. F. 214. Tese de doutorado – Universidade Estadual Paulista.
- SMYTH, Ron; JACOBS, Greg; ROGERS, Henry. Male voices and perceived sexual orientation: An experimental and theoretical approach. **Language in Society**, v. 32, p. 329–350, 2003.
- SMYTH, Ron; ROGERS, Henry. Do gay-sounding men speak like women? **Toronto Working Papers in Linguistics**, v. 27, 2008.
- TRUDGILL, Peter. **The social differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMAN, E. W.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for Historical Linguistic**. Austin/Texas: University of Texas, 1968. P. 95–195.
- WILLIAM REVELLE. **psych: Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research**. Evanston, Illinois, 2023. R package version 2.3.3. Disponível em: <<https://CRAN.R-project.org/package=psych>>.
- ZHANG, Qing. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. **Language in Society**, v. 34, n. 3, p. 431–466, 2005.
- _____. Rhotacization and the “Beijing Smooth Operator”: the social meaning of a linguistic variable. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 2, p. 201–222, 2008.

Anexos

A *Male Roles Attitudes Survey*

TABLE 2. *Male role attitudes survey (adapted from Pleck et al. 1993, 1994).*

(1 = completely disagree; 3 = neither agree nor disagree; 5 = completely agree)

1. It is important for a man to be respected by others.
2. A man is responsible for earning a good income and providing for his family.
3. I admire a man who's sure of himself.
4. A man shouldn't talk about his problems.
5. It's important for a man to be physically tough even if he's not very big.
6. It bothers me if a man acts in a feminine manner.
7. I don't think men should have to do housework.
8. Men are always ready for sex.

B Instruções Iniciais

Seção 1 de 8

Pesquisa 1a

Oi, tudo bem?

Esta é uma pesquisa de mestrado da USP e sua participação será muito importante. Para participar, você deve morar na grande São Paulo.

Você vai ouvir quatro homens (um de cada vez) nos clipes de áudio a seguir. Você pode ouvi-los quantas vezes quiser e é melhor se puder fazer isso usando fones de ouvido. Depois de ouvir cada um, responda às perguntas de acordo com sua percepção. Ao fim, haverá mais algumas questões rápidas sobre você e suas opiniões individuais. Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas: o interesse aqui é saber como você percebe esses homens. Este experimento é completamente anônimo e você não será julgado com base nas respostas dadas.

Meu nome é Isabel Pie. Caso você tenha dúvidas, reclamações, sugestões ou comentários a respeito deste questionário, pode escrever para isabel.pie.souza@usp.br

C Questionário Sociolinguístico

Na sua opinião, esse homem parece: *						
	1	2	3	4	5	
Nada inteligente	<input type="radio"/>	Muito inteligente				

*						
	1	2	3	4	5	
Nada gay	<input type="radio"/>	Muito gay				

*						
	1	2	3	4	5	
Nada formal	<input type="radio"/>	Muito formal				

*						
	1	2	3	4	5	
Nada simpático	<input type="radio"/>	Muito simpático				

*						
	1	2	3	4	5	
Nada efeminado	<input type="radio"/>	Muito efeminado				

Qual você acha que é a classe social dele? *

- Baixa
- Média baixa
- Média
- Média alta
- Alta

Além disso, você acha que ele deve ser: (marque quantas opções quiser)

- Bonito
- Tímido
- Fresco
- Trabalhador
- Mimado
- Moderno
- Conservador
- Preguiçoso
- Nerd
- Articulado
- Mal-educado
- Sofisticado
- Irritante
- Metido
- Mauricinho
- Agressivo
- Outro: _____

D Perguntas de natureza demográfica-social

Agora, eu gostaria de saber algumas coisas sobre você.

Com qual gênero você se identifica? *

Feminino

Masculino

Outro:

Qual sua escolaridade? *

Ensino Fundamental 1 (completo ou incompleto)

Ensino Fundamental 2 (completo ou incompleto)

Ensino Médio (completo ou incompleto)

Ensino Superior (completo ou incompleto)

Pós-graduação (completa ou incompleta)

Qual a sua idade? *

Sua resposta _____

Qual a sua ocupação? *

Sua resposta _____

Qual a sua orientação sexual? *

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Outro: _____

Onde você nasceu? *

- Em São Paulo, capital.
- Em São Paulo, outros lugares.
- Em outro estado.
- Em outro país.

Você tem amigos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais)? *

- Sim, muitos.
- Sim, poucos.
- Não.
- Não e prefiro não ter.

E ACPs separadas de acordo com índice Q.A.

Figura 1: *Scree plot* gerado pela ACP das respostas dadas por ouvintes que obtiveram índice Q.A. menor ou igual a 1,5. O gráfico indica que as seis escalas podem ser reduzidas a três CPs.

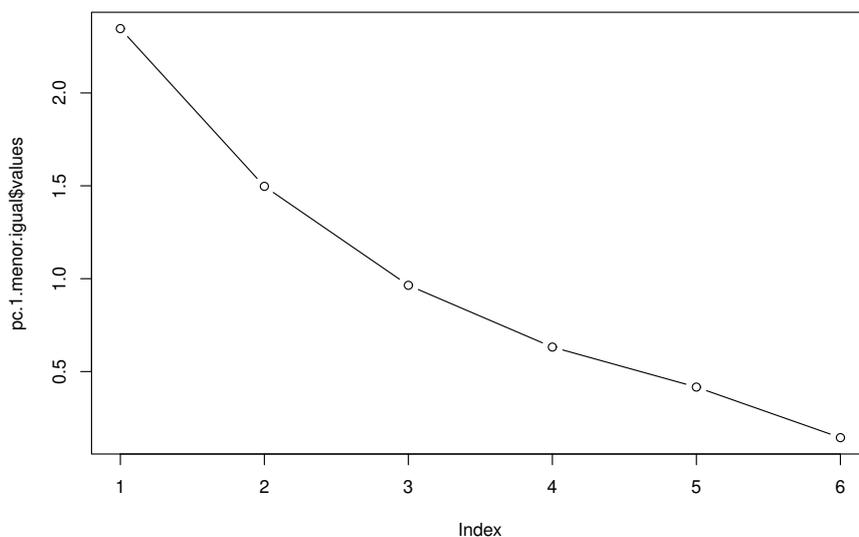


Tabela 1: Correlações entre as respostas nas seis escalas para os ouvintes que obtiveram índice Q.A. menor ou igual a 1,5 (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax).

	CP1	CP2	CP3
	GÊNERO/SEXUALIDADE	AGRADABILIDADE	STATUS
Inteligente	0,07	0,77	0,21
Gay	0,92	0,06	0,09
Formal	0,34	-0,11	0,85
Simpático	0,03	0,95	-0,19
Efeminado	0,93	0,01	0,06
Classe	-0,46	0,07	0,66
Eigenvalue	2,06	1,51	1,24
% Variância	34	25	21
% Acumulativa	34	60	80

Figura 2: *Scree plot* gerado pela ACP das respostas dadas por ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5. O gráfico indica que as seis escalas podem ser reduzidas a três CPs.

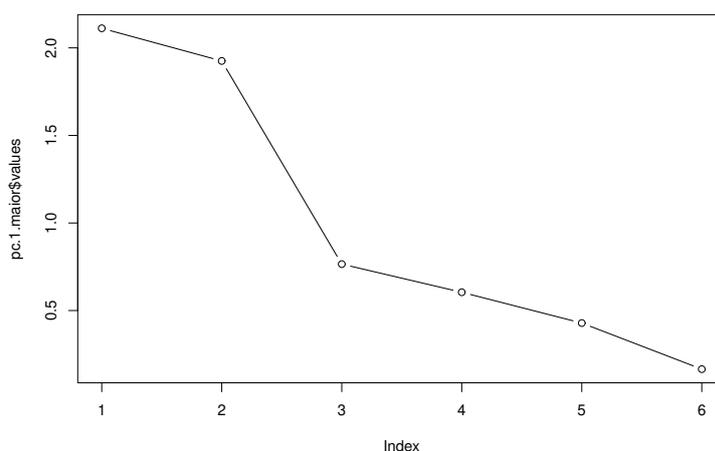


Tabela 2: Correlações entre as respostas nas seis escalas para os ouvintes que obtiveram índice Q.A. maior do que 1,5 (Método: Análise de Componentes Principais com rotação Promax).

	CP1	CP2	CP3
	GÊNERO/SEXUALIDADE	AGRADABILIDADE	STATUS
Inteligente	0,04	0,82	0,11
Gay	0,94	0,02	-0,02
Formal	0,28	0,10	0,78
Simpático	-0,10	0,93	-0,08
Efeminado	0,95	-0,08	0,00
Classe	-0,30	0,09	0,81
Eigenvalue	1,95	1,56	1,28
% Variância	33	26	21
% Acumulativa	33	59	80

F Outros modelos de regressão

Tabela 3: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: variável (CN) em interação com as características do ouvinte (apenas as interações significativas foram reportadas).

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,427873	0,131052	-3,265	0,00116**
CNØ	-0,162302	0,175747	-0,923	0,35606
Jaime	0,948439	0,094176	10,071	<0,001***
Robson	-0,275483	0,085172	-3,234	0,00129**
Lucas	1,451863	0,094176	15,417	<0,001***
Gênero feminino	0,016097	0,072683	0,221	0,82482
Idade	-0,004681	0,002637	-1,775	0,07651
Orientação heterossexual	-0,039296	0,093598	-0,420	0,67479
Local de nascimento - outros	0,157652	0,070019	2,252	0,06479
Amigos LGBT - outros	-0,074517	0,077842	-0,957	0,33890
Índice Q.A.>1,5	0,191019	0,080169	2,383	0,06757
CNØ:Lucas	0,360726	0,139466	2,586	0,00999**
CNØ:Índice Q.A.>1,5	-0,248063	0,102974	-2,409	0,01630*

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: CP1 ~ Variável (CN) * Falante + Variável (CN) * Gênero + Variável (CN) * Idade + Variável (CN) * Orientação sexual + Variável (CN) * Local de nascimento + Variável (CN) * Amigos LGBT + Variável (CN) * Índice Q.A. + (1|Ouvinte)

Intercept: CNp; Carlos; Gênero masculino; Orientação - outras;

Local de nascimento - capital; Amigos LGBT - muitos; Índice Q.A.<=1,5

Tabela 4: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP1: variável (F₀) em interação com as características do ouvinte (apenas as interações significativas foram reportadas).

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,615504	0,138412	-4,447	<0,001***
F30	0,213070	0,85906	1,146	0,2521
Jaime	1,059654	0,089682	11,816	<0,001***
Robson	-0,020745	0,088186	-0,235	0,8141
Lucas	1,677824	0,089512	18,744	<0,001***
Gênero feminino	0,073363	0,073322	1,001	0,3177
Local de nascimento - outros	0,118706	0,072344	1,641	0,1017
Idade	-0,005039	0,002700	-1,866	0,0628
Orientação heterossexual	0,014909	0,096693	0,154	0,8775
Amigos LGBT - outros	-0,062329	0,079452	-0,784	0,4333
Índice Q.A.>1,5	0,078614	0,083330	0,943	0,3461
F30:Robson	-0,316247	0,130509	-2,423	0,0156*

Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).

Fórmula: CP1 ~Variável (F₀) * Gênero + Variável (F₀)

* Local de nascimento + Variável (F₀) * Idade + Variável F₀ * Orientação + Variável F₀ * Índice Q.A. + (1|Ouvinte)

Intercept: -s original; CNp; F00; Gênero masculino;

Local de nascimento - SP Capital; Orientação - outras; Índice Q.A.<=1,5

Tabela 5: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP2: variável (-s) em interação com o falante.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,231347	0,080882	2,860	0,00435**
-s+	-0,067097	0,116874	-0,574	0,56607
Jaime	0,180130	0,105074	1,714	0,08692
Robson	-0,865199	0,116874	-7,403	<0,001***
Lucas	-0,138129	0,107128	-1,289	0,19768
-s+:Jaime	0,138324	0,162349	0,852	0,39448
-s+:Robson	-0,071257	0,181025	-0,394	0,69396
-s+:Lucas	0,007994	0,166640	0,048	0,96175
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				
Fórmula: CP2 ~ Variável (-s) * Falante + (1 Ouvinte)				
<i>Intercept</i> : -s original; Carlos				

Tabela 6: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP2: variável (CN) em interação com o falante.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,27132	0,08564	3,168	0,00161**
CNØ	-0,15116	0,12684	-1,192	0,23383
Jaime	0,08069	0,12684	0,636	0,52492
Robson	-1,00862	0,09892	-10,196	<0,001***
Lucas	-0,13581	0,12684	-1,071	0,28473
CNØ:Jaime	0,32527	0,20710	1,571	0,11718
CNØ:Robson	0,20553	0,14651	1,403	0,16117
CNØ:Lucas	0,01860	0,20710	0,090	0,92850
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				
Fórmula: CP2 ~ Variável (CN) * Falante + (1 Ouvinte)				
<i>Intercept</i> : CNp; Carlos				

Tabela 7: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP2: variável (F₀) em interação com o falante.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,24363	0,08610	2,830	0,00478**
F30	-0,08087	0,11470	-0,705	0,48100
Jaime	0,18086	0,10614	1,704	0,08890
Robson	-0,89999	0,10575	-8,510	<0,001***
Lucas	-0,21689	0,10888	-1,992	0,06675
F30:Jaime	0,12538	0,15205	0,825	0,40992
F30:Robson	-0,04643	0,15996	-0,290	0,77171
F30:Lucas	0,16300	0,16816	0,969	0,33268
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				
Fórmula: CP2 ~ Variável (F ₀) * Falante + (1 Ouvinte)				
<i>Intercept</i> : F00; Carlos				

Tabela 8: Resumo dos resultados do modelo de regressão de efeitos mistos para o CP3: variável (-s) em interação com o falante.

Efeitos fixos	Estimativa	Desvio padrão	Valor <i>t</i>	Valor <i>p</i>
<i>(Intercept)</i>	0,34957	0,08856	3,947	<0,001***
Jaime	-0,28209	0,12174	-2,317	0,0208*
Robson	-0,66240	0,13253	-4,998	<0,001***
Lucas	-0,48570	0,12338	-3,936	<0,001***
-s+	-0,05405	0,13253	-0,408	0,6835
-s+:Jaime	0,30510	0,18507	1,649	0,0996
-s+:Robson	0,04180	0,19977	0,209	0,8343
-s+:Lucas	0,06896	0,18799	-0,367	0,7139
Total N: 816. Efeito aleatório: Ouvinte (204).				
Fórmula: CP3 ~ Variável (CN) * Falante + (1 Ouvinte)				
<i>Intercept</i> : -s original; Carlos				

G Exemplo de modelo de campo indicial

Figura 3: Campo indicial de (ING). (ECKERT, 2008 apud OUSHIRO, 2015, p. 310)

